REVISTA DA SEMANA

N. 30 25-7-1953 Cr$ 5,00 em todo o Brasil

AFINAL, O MINISTÉRIO NÃO CAÍU

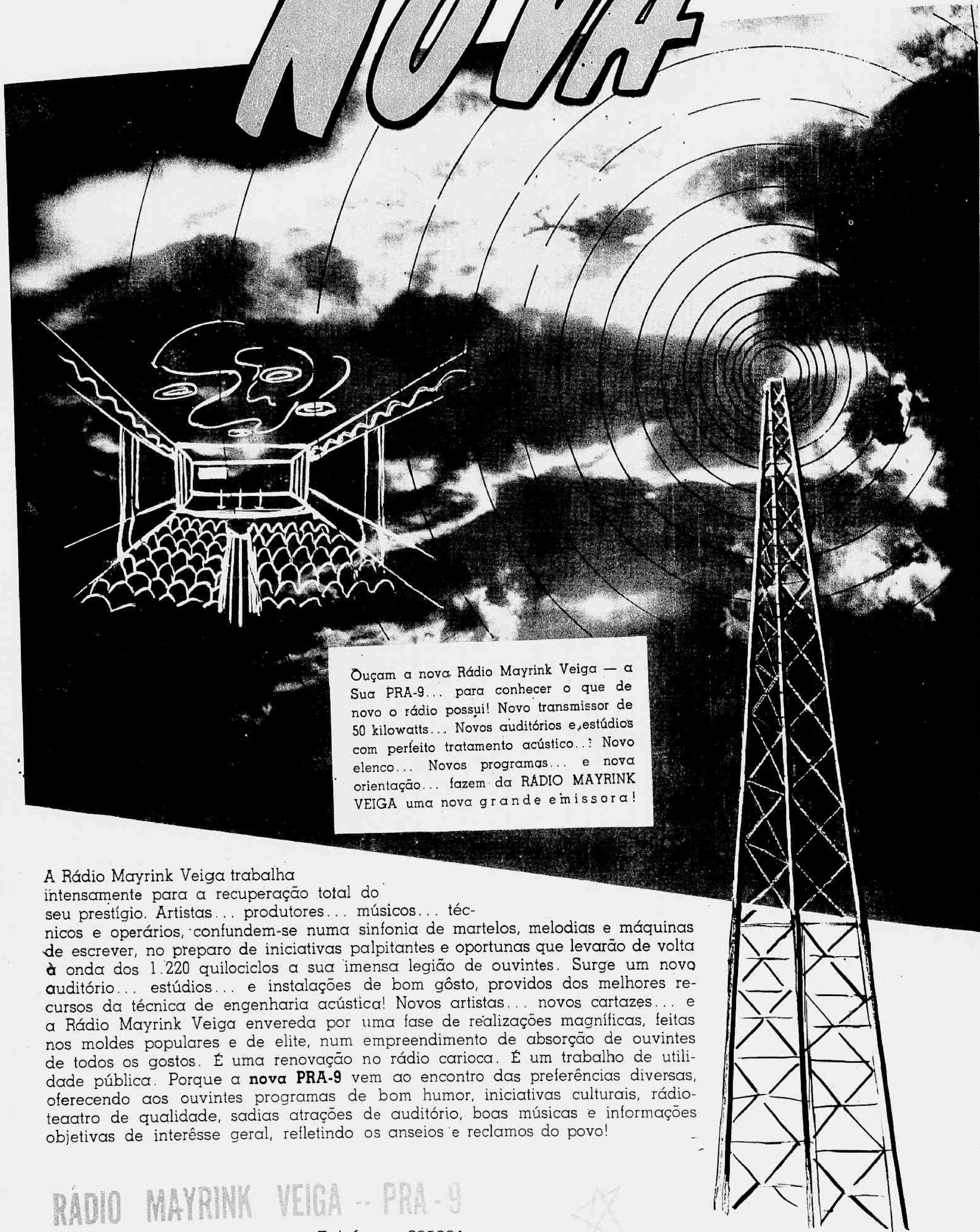
•

A CIDADE MARAVILHOSA "CORTEJADA" POR 14 MIL MARINHEIROS AMERICANOS

•

A MORTE EM CALCUTÁ

UMA NOVA PRA-9





Posse do novo Ministro do Exterior, sr. Vicente Rau, que de julho de 1934 a junho de 1937 foi Ministro da Justiça do mesmo senhor Getúlio Dorneles Vargas. O senhor Vicente Rau, que é professor da Faculdade de Direito de São Paulo, é, ainda, autor de várias obras culturais, já editadas.

Afinal,

O MINISTÉRIO NÃO CAIU

O "SCORE" DE 6 X 4 NÃO CHEGOU A CONSTITUIR UMA REMODELAÇÃO ★ QUANDO MUITO, UMA QUEDA... AOS PEDAÇOS ★ OS ANTIGOS QUE RETORNAM ★ E OS NOVOS QUE SURGEM ★ AS VOLTAS QUE O MUNDO DÁ ★ EQUIPARADO CLEOFAS AOS MILITARES? ★ FORÇAS OCULTAS TÃO FORTES QUANTO AS FORÇAS ARMADAS

Reportagem de **DEMÓSTENES VARELA**

Fotos de **ADIR VIEIRA** e **ALBERTO FERREIRA**

Foto histórica, quando, no ano de 1934, recebia o senhor Vicente Rau a pasta do Ministério da Justiça, das mãos do senhor Antunes Maciel. Todos os presentes são aqui identificáveis, notando-se por trás do senhor Benedito Valadares, o rosto do atual governador de Minas Gerais.



AFINAL, O MINISTÉRIO NÃO CAIU



Flagrante bem curioso: ao abraçar-se com o senhor Segadas Viana, o senhor João Goulart, novo Ministro do Trabalho, está com a mão bôba.



O novo Ministro da pasta do Trabalho, ao saber do «abacaxi» da greve dos marítimos, que teria que descascar, bota a mão na cabeça...

APESAR de todo mundo saber, que um Ministro de Estado nada mais é do que um secretário do Poder Executivo, seguindo harmônicamente o tom sinfônico do **Regisseur**, entidade muito maior do que a do Maestro na orientação geral da orquestra, não se pode negar o interêsse do povo sôbre a organização de um Ministério e ainda mais, de uma reforma do mesmo. Quando o govêrno que sucedeu ao de Dutra subiu ao poder, os homens que foram convidados, pelo Presidente da República, a fim de integrar o Executivo, nenhuma sensação trouxeram à opinião pública, e os únicos pruridos, que vieram à flor da pele da política nacional, foram certas inquietações no seio da UDN, cujos membros não estavam, no todo, satisfeitos com a presença de udenistas na organização ministerial; mas... política é isso mesmo e o tempo foi correndo, levando e trazendo novidades e esquecimentos. O sr. Presidente da República, entretanto, não considerava o quadro ministerial como coisa definitiva. Tratava-se, segundo expressão sua, de «Ministério de Experiência». Para os analistas da ciência administrativa, quando um chefe de govêrno assume o poder, não deve proceder a nomeação de «experiência», e sim, fazer suas escolhas dentro de um critério decisivo, sem o que a velha figura da «Nau do Estado» jamais terá seu cavername ajustado e calafetado, para que possa suportar com galhardia as borrascas da oposição e do desentendimento. O Ministério de Experiência não pôde figurar na tripulação por mais de me-



O senhor Antônio Balbino, baiano e deputado pelo PSD, é o novo titular da pasta da Educação, embora estivesse falado para a Justiça.



E o senhor Tancredo Neves, mineiro e também das hostes do PSD, foi para a pasta da Justiça, quando estava indicado para a da Educação.





Na fotografia acima, a posse do sr. José Américo de Almeida, em novembro de 1930: à esquerda, o sr. Morais e Barros detentor interino da pasta. O primeiro à esquerda, (seguido pelo sr. Jaime Távora, do gabinete do novo ministro) é o sr. Ruy Carneiro, ainda com a farda de tenente revolucionário e que seria também oficial de gabinete. O tempo correu muita água passou por debaixo das pontes, inclusive daquelas que o Ministro de 30 mandou construir. Os homens se entenderam, separaram-se. Veio uma Constituição. O sr. José Américo nomeado embaixador do Brasil no Vaticano não aceitou. O sr. Getúlio Vargas nomeou-o para o Tribunal de Contas. Depois, disputou a Presidência da República. Veio o golpe de 37. Em 45 acabou-se a longa sêca do Estado Novo e as chuvas chegaram. O sr. José Américo é senador pela Paraíba, para depois ir governá-la, de onde saiu para ser Ministro de certo que não de experiência. Por via das dúvidas, não perdeu o Govêrno Estadual. O flagrante maior é da posse recente.

AFINAL, O MINISTÉRIO NÃO CAÍU



O senhor Horácio Láfer fala ao microfone, na hora da transmissão do cargo ao senhor Osvaldo Aranha, com fisionomia eufórica.



Sua fisionomia tomou ares sérios. Que estaria ouvindo ou pensando o ex-Ministro da Fazenda? Dá a impressão de nítido cansaço.



Continua o aspecto de preocupação e fadiga. A vida pública tem dêstes rotineiros contrastes. E' a conhecida história do «hodie mihi»...

tade da rota presidencial, e, sempre que as ondas se encapelavam e alguma pororoca repontava no estuário político, o timoneiro bradava: «Não posso governar assim! Os senhores Ministros não fazem nada do que mando! O Congresso não me dá leis! Vou agir agora, reformando a orquestra para corrigir as desafinações». Dizia, a imprensa comentava, o povo esperava, os políticos se mexiam, as confabulações murmurejavam, os boatos zuniam nos quatro cantos do país. A ebulição fermentava e havia palpites. Em seguida, a paz reinava nos domínios do Catete, os Ministros respiravam e o barco do Estado prosseguia sua marcha rotineira. Por várias vêzes veio à tona uma reforma radical. Até os Ministros militares seriam substituídos na recomposição do poder Executivo. Também a onda passou. Mas, quando menos se esperava, estoura a derrubada. Vão caindo os Ministros, uns após outros: Fazenda, Viação, Exterior, Trabalho, Justiça, Educação... De tôdas as quedas foi a do sr. Simões Filho a mais patética e sensacional. Não caiu de pé. Caiu em viagem, com uma cruz às costas. Chefiando uma delegação a um Congresso de Paz Cristã e de Defesa da Civilização a realizar-se na Itália, ao chegar à Cidade Luz, caiu-lhe a venda dos olhos e êle enxergou: estava com ordem de despêjo. Gritou, reclamou, vociferou. Isso não era coisa que se fizesse a um herege, quanto mais a um cristão. Estava em viagem oficial, representando o país num Congresso de Paz e era surpreendido com uma declaração de guerra do seu Presidente e amigo! Que diriam os países europeus? Que papel estava êle fazendo? O sr. Simões Filho, segundo amigos conselheiros, não devia ter-se ausentado em tal ocasião, quando já se mussitavam coisas desagradáveis nos corredores do Catete. Devia o velho político ter botado as barbas de môlho e esperado. Foi dramática a queda dêsse Ministro, única em tôda a nossa História, mesmo aos tempos dos estouvamentos epilépticos do sr. D. Pedro I, defensor Perpétuo do Brasil. Mas, contra a expectativa geral, as ablações ministeriais pararam no da Educação. E o da Agricultura? E as pastas militares? Parecia que o Presidente Vargas estava tomando fôlego antes de empunhar novamente o alfange das degolas. Já haviam caído seis Ministros; permaneciam quatro. «Score» no primeiro tempo: 6 a 4. Poder-se-ia chamar a isto uma remodelação ministerial? Ou simples mudança de alguns instrumentos de sôpro por outros de corda? Na harmonia do **contra ponto** essas **fugas** traríam mesmo afirmações decisivas nos acordes políticos e administrativos? Ou continuaria tudo dentro daquele conceito de Wilde, quando sentenciou: «A experiência é o nome que costumamos dar aos nossos erros»? Bem... Os dias se foram passando e os novos Ministros tomando suas posições. Dos seis convidados, três eram antigos colaboradores do sr. Getúlio Vargas: Osvaldo Aranha, José Américo e Vicente Rau. O povo interpretou os seis como uma semi-experiência do Catete, pois que, para três dêles não poderá haver hipóteses,



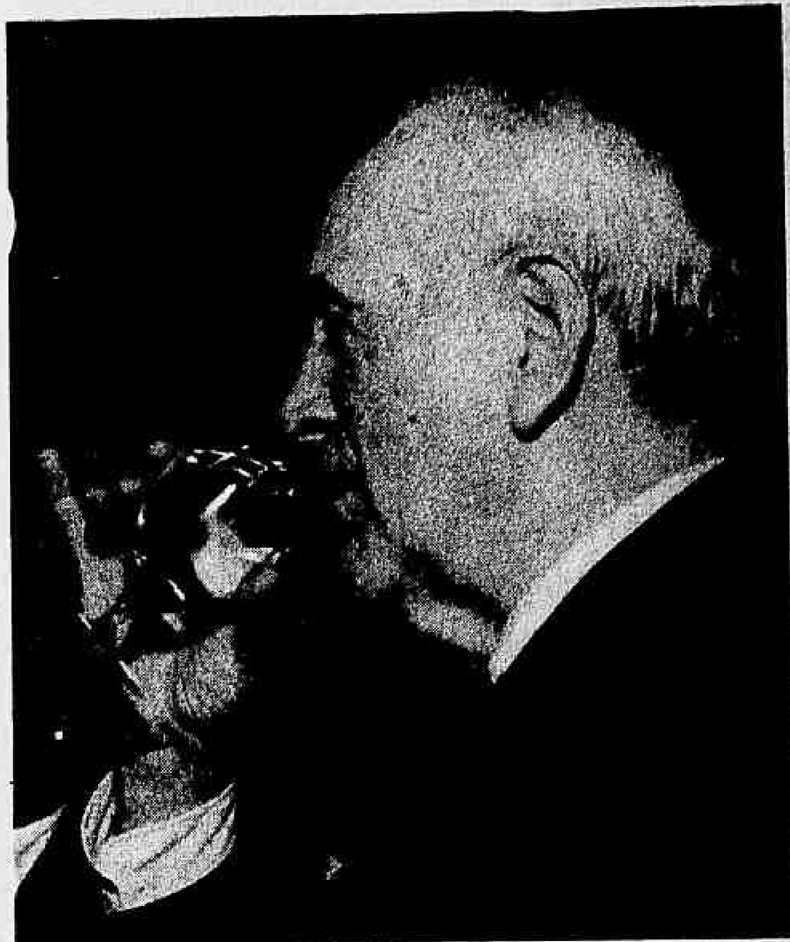
Mas, de momento, o senhor Horácio Láfer sorri como quem diz: — «Nem te ligo». Na fila, o sr. Negrão de Lima denota ares assustados.



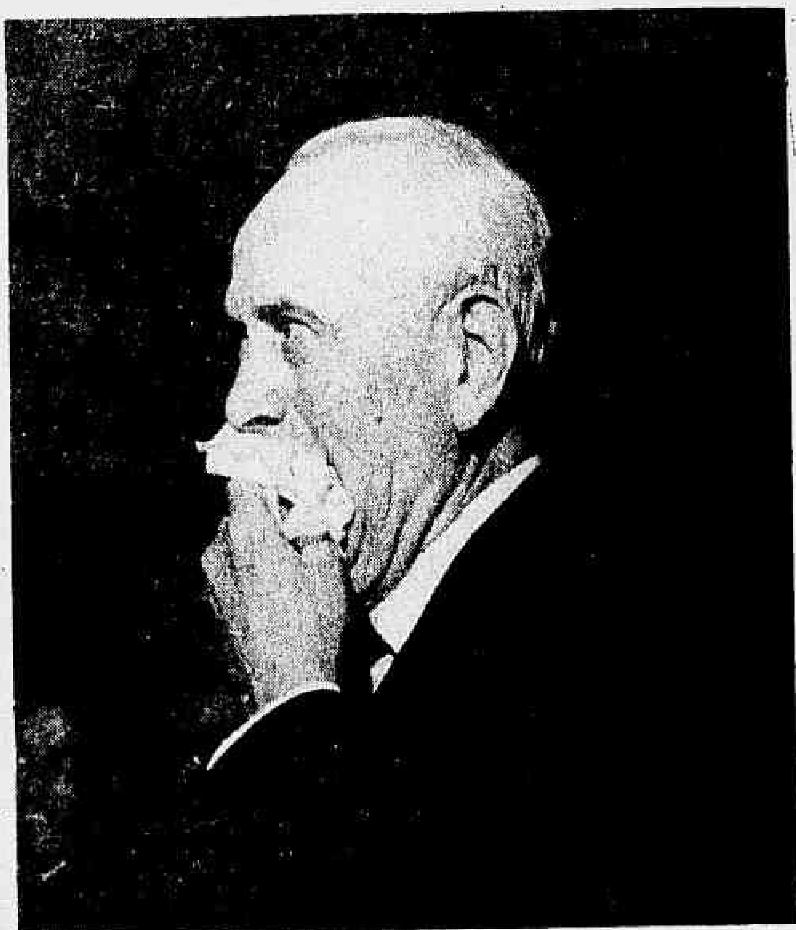
E agora o ex-Ministro Horácio Láfer enxuga o suor. Há tristeza no olhar do que está atrás, e o senhor Negrão de Lima, parece está desolado.

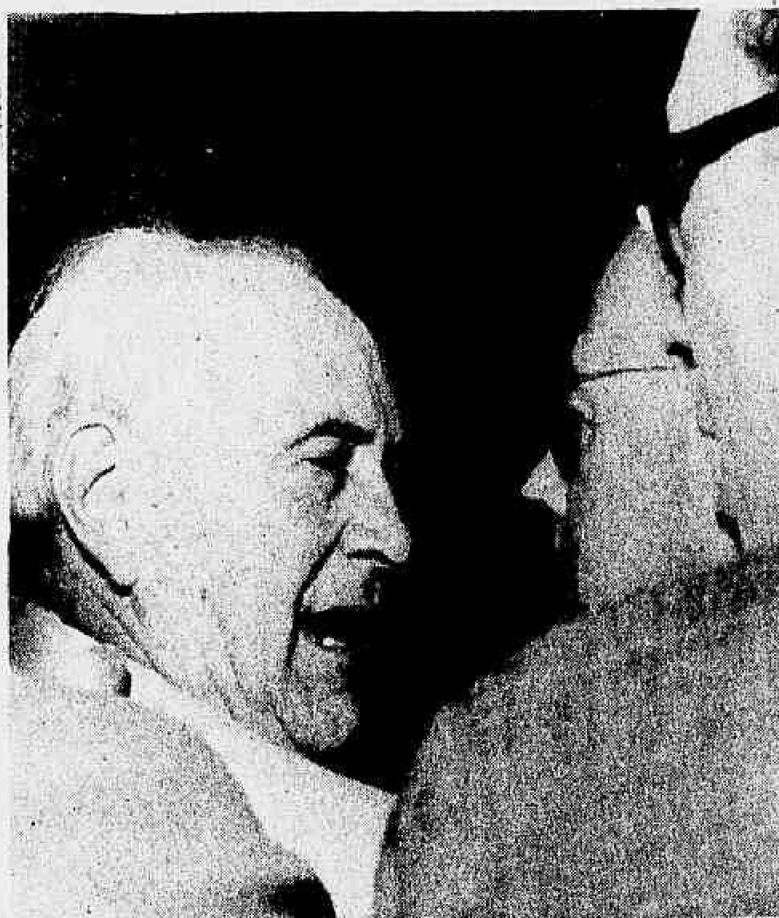


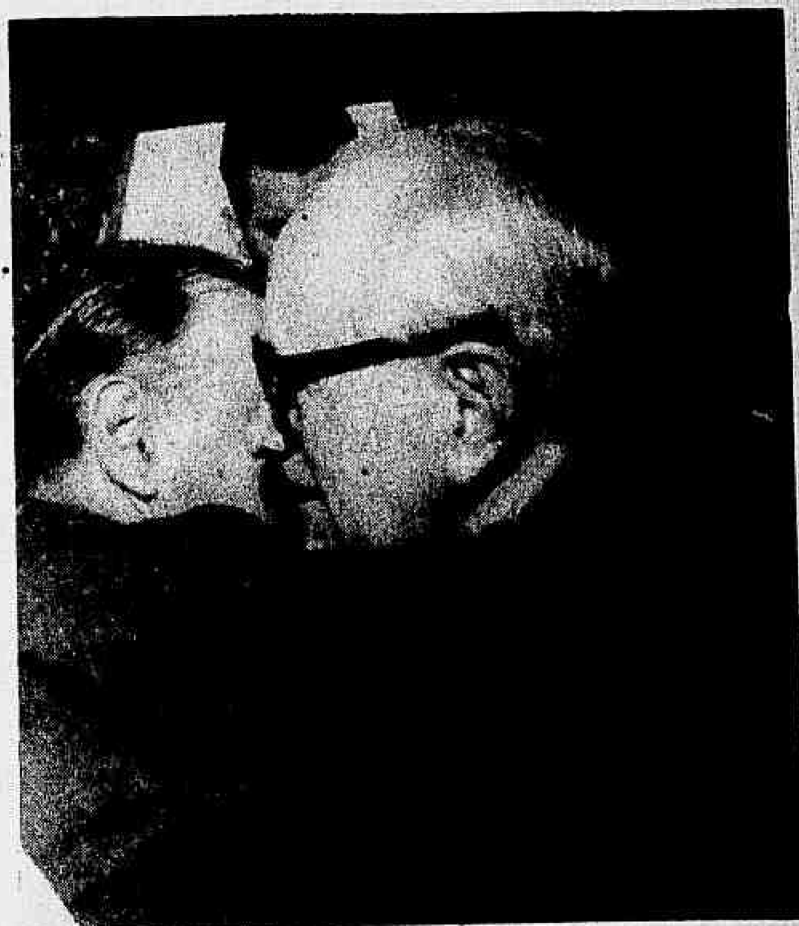




Osvaldo Aranha, que foi Ministro da Justiça e da Fazenda de 1931 a 1934, volta a dirigir a pasta das Finanças nacionais. **Amparado**







pela imprensa, na pessoa do sr. Moses, sorridente, recebe cumprimentos do Brigadeiro, e abraça o ministro sucedido, cerrando os lábios.

em virtude de se tratar de três homens de passado político e administrativo comprovado; os três últimos sim, todos êles «brotos» nos ministérios da alta direção governamental do país. E' interessante recordar aqui uma passagem entre Osvaldo Aranha e José Américo. Quando o Presidente Vargas, no primeiro período de seu govêrno ditatorial, empreendeu larga excursão pelos Estados do Nordeste e Norte do país, Osvaldo Aranha e José Américo ocupavam os mesmos cargos de hoje: Fazenda e Viação. À hora da partida, quando o paraibano fêz ver ao gaúcho que não podia realizar seu programa no setentrião brasileiro por falta de verbas, Osvaldo Aranha respondeu: «Estou cansado de dar-lhe dinheiro». E José Américo, em cima da bucha: «Você está cansado é de negar!» Hoje se lhes apresenta o mesmo panorama: qual será a afinação instrumental entre os dois? O mundo dá muitas voltas, como vemos, e os homens se voltam a encontrar nos lugares em que se separaram. Já lá se vão semanas e semanas que a reforma se deu. Os Ministros militares ficaram. E o sr. João Cleofas, da Agricultura? Terá sido equiparado aos militares? Que fôrças ocultas terão fixado de tal maneira o pernambucano usineiro que não pôde ser «extraído» da seara ministerial, com a facilidade dos outros colegas? Todos sabemos que as «Fôrças Armadas», têm fôrça «par droit de naissance», o que muitas vêzes desvia o golpe, mas, que fôrças ocultas ampararam o sr. João Cleofas no Ministério da Agricultura, a ponto de não ser derrubado como os outros? Até ao escrevermos esta reportagem tudo contribuía para supor que o sr. Cleofas ficaria na sua pasta, cujas raízes estão bastante profundas no conceito presidencial. E, diga-se de passagem, não tem sido um mau ministro. Mas, se ficar, será o mais forte ou o mais fraco dos ministros. Tudo depende do que tenha havido nos bastidores.



O ministro Osvaldo Aranha, quando, em novembro de 1931, recebia das mãos de J. M. Whitaker, a mesma pasta da Fazenda, de julho de 1953.

DÊ À SUA CUTIS O TRATAMENTO QUE ELA MERECE

ANTISARDINA



ANTISARDINA N.º 1

O CREME PERFEITO PARA UMA "MAQUILLAGE" PERFEITA

ANTISARDINA renova as células gastas da epiderme, protege as células novas, restitui à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, sua normal elasticidade, limpando-a de sardas, espinhas, manchas, rugas, panos, etc. ANTISARDINA é um creme de beleza CIENTIFICAMENTE preparado com ingredientes rigorosamente selecionados.

N ANTISARDINA LISOBARBA CABELOSAN ANTI



a REVISTA há 50 anos

26 de julho de 1903

LEÃO XIII

PESA sobre a cidade uma angustia vaga, indefinida que a amollenta e entristece. Debalde o sol passarinha, vivaz, alagando de luz macia a terra, doirando-a num desejo forte de a fazer mais bella. Não tem alegria a luz do sol que, para mais em julho, é meiga, suave, sem as ardencias cruas dos verões.

Por um momento poderá suggestionar riso ás almas a viva luz do céo, mas, de repente, antes que a satisfação tome corpo, se avolume, um sino dobra, plangentemente, como um grande ai! e o riso foge, a alegria se esconde.

É que o rebôo sonoro da badalada melancolica lembra que um homem morreu, um homem que era um simples pastor d'ovelhas, que se não impoz ao mundo pela força de exercitos aguerridos, nem pela potencia de couraçados monstruosos, nem pelo terror de despotismos e tyranias, mas apenas, porque foi bom e foi justo.

E todo o mundo o admirou e respeitou, todo mundo, sem exceção. Para os do seu rebanho tinha o valor innominavel de zagal carinhoso, vigilante, a guial-o com seguro gesto pela trilha que conduz a Deus; para os politicos, valia a sua face de estadista incomparavel; para os artistas, o seu culto á Arte; os simples o amavam, porque era simples; toda a gente enfim, se curvava ante a grandeza e o brilho do seu espirito, da sua intelligencia, do seu saber.

Assim, a sua vida foi um longo e ininterrompido ensinamento e, parado o coração immenso, partida para o céo, no derradeiro e mais largo vôo, a alma costumada a ascender a Deus para interceder pelos seus filhos, comprehendeu a terra inteira, quão grande era esse fraco velhinho, que tanto custou á Morte vencer, vendo a tristeza, a magoa, a dor que pelo universo se espalhou.

Fosse um guerreiro valoroso e heroico, tel-o-ia chorado o seu exercito; fosse um rei, tel-o-ia chorado um povo; era um pastor d'almas, choraram-n'o, estão-n'o chorando todas as almas. E cada lamento sonoro que o bronzeo bojo dos sinos atira para o espaço e no espaço boia, doridamente, até morrer como um gemido, é feito de lamentos, de suspiros, de gemidos de toda uma raça, a maior de todas, de todas a mais forte: a raça dos filhos de Deus, a raça dos que Deus ama e abençoa.

● Madame Konevsky é a mulher que recebeu pela primeira vez na Russia um emprego official, sendo nomeada para tomar parte no estudo do traçado do caminho de ferro do «Yalta-Bakhtchissarai-Sympheropol». Esta senhora fez os seus estudos em Paris e possue o diploma de engenheiro.

E em França doutorou-se agora em sciencias physicas a sra. Skolodowska Curie. A these que escolheu para o acto foi — «Investigações sobre as substancias radioactivas», occupando-se alli muito demoradamente da transformação magnetica do aço.

Em 1900, no Congresso de Minas e de Metallurgia, apresentou um estudo sobre o magnetismo.

ULTIMA PAGINA

Vae, sê feliz, ingrata creatura,
Não te persiga a luz do meu carinho
Jamais te sangre os pés um só espinho
Jamais te empolgue a mão de desventura.

Quizera amar-te sempre. Foi loucura!
Borboleta, seguiste outro caminho
Em busca de outra flor. Irei sosinho,
Palmilhando o deserto da amargura.

Vae, sê feliz; mas ouve: si algum dia
Outro amor te alentar a phantasia,
Na imponencia de um sol que se levanta,

Então é que has de ver, alma de pedra,
Onde a meiguice, candidez não medra,
Quanta ironia no meu verso! Quanta!...

SPORT: — JOCKEY-CLUB

Será brilhante a corrida de hoje no veterano prado fluminense. Os nossos prognosticos são os seguintes:

Decreto	—	Toropy
Leader	—	Argelia
Thiers	—	Gravatahy
Vanda	—	Sempreviva
Nickel	—	Boer
Dumont	—	Libertino
Punilla	—	Atlântico

ALFREDO PIMENTEL

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 30 ★ 25-7-53

SUMÁRIO

Afinal, o Ministério não caiu 3/ 7
O namôro durou sete dias 12/17
O casamento dos «cracks» 20/21
A morte em Calcutá 27/33
Phyllis Calvert vive apenas para o lar 36/37
A festa da coroação no Brasil.... 52/55
«A Exposição» em chamas 56/57

O Conde d'Eu 9
O Casamento (conto) 19
A Fornarina 22/23
A Bem-Amada 34/35
Semana Literária 51

A Revista há 50 anos 8
Semana em Revista 10
Personagem da Semana 10
Janela sôbre o mundo 24/25
De Rádio 44
De Cinema 45
Arabelle 46
De Teatro 50
Último flash 58

A luz da psicanálise 18
Temporada lírica 38/39
Sugestões para o lar 40
«Week-end» na cozinha 42

CAPA — Jane Wyman (Paramount)

Diretor: GRATULIANO BRITO - Paginação VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA - Publicidade: J.M. COSTA JÚNIOR.

●

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visc. de Maranguape, 15 - Rio de Janeiro.

●

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, C. Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS.

Porte simples — Um ano ... Cr$ 250,00
Seis meses .... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 280,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ..... Cr$ 400,00
Seis meses .... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00

EM SÃO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

A história de conde d'Eu — êsse honesto príncipe que vai unir-se para sempre, no jazigo de Petrópolis, à terra brasileira — tem uma linha amarga: a desconfiança que o estrangeiro despertou a um nacionalismo intransigente e irônico. Mas sem originalidade. Porque o seu caso é o dos outros príncipes consortes que, no século passado se aliaram a jovens rainhas, tranqüilas e românticas. Pareciam intrusos felizes; irritavam o patriotismo intolerante; e se prestavam a interpretações mesquinhas — forasteiros impertinentes metidos na direção do Estado, perigosamente... O que sofrera a rainha Vitória com o seu calmo, o seu digno, o seu inteligente príncipe Alberto — caluniado, injuriado, satirizado pelo espírito irreverente das ruas! Êste, porém, assumira uma atitude hábil: patrocinou o progresso. Tornou-se uma espécie de presidente da cultura inglêsa, de animador oficial das artes, discretamente espiritual. Mas era alemão... E Gaston de Orleans, conde d'Eu, era latino. Com os predicados brilhantes e inquietos da raça, da carreira militar iniciada honrosamente sob a bandeira de Espanha, da mocidade ressentida e ambiciosa. E essas energias entusiastas, acelerando-lhe o coração valente, o predispunham pouco para o papel silencioso de marido da princesa herdeira, sem direito de participar do govêrno,



O CONDE D'EU

PEDRO CALMON
(Da Academia Brasileira)

sem voz nos conselhos da coroa, sem situação no mundo político, figura doméstica sumida na paz davida particular, na sua mediocridade... Assim pensou, exasperando-se, desde que, em 1864, a princesa Isabel lhe deu a mão de espôsa; e a sua biografia, até a queda do Império, resume essa luta interior, do homem de ação, encarcerado no seu compromisso de não influir, de não falar, de não mandar, ao lado da mulher que por três vêzes reinou e governou.

Reconheceram-lhe a correção dêsse sacrifício: com efeito, apesar do seu temperamento, das ambições naturais que o agitavam no retraimento convencional, arredou-se sistemàticamente da intriga dos partidos e só apareceu no palco dos acontecimentos por fôrça das circunstâncias, executando ordens...

● Porque o tirou o Imperador da sua penumbra de personagem sem função para a alegoria de um grande comando, entregando-lhe o exército na última fase da guerra do Paraguai?

Não faltou quem escrevesse que, a campanha no fim, o que queria D. Pedro II era prestigiar com o fácil triunfo o genro francês, roubando com isto, em proveito dêle, a glória de Caxias. Considerando o caso à luz de interêsse dinástico, reduzia-se a um regalo dotal: o sogro malicioso favorecia o rapaz com uma bonita comissão; dava-lhe de presente, com o bastão de marechal, a apoteose da vitória. Ternuras paternais... E não há sombra de verdade nessa suposição, porque os documentos recentemente revelados dizem exatamente o contrário.

O conde d'Eu foi surpreendido pela decisão do Imperador, de o enviar para o teatro das operações, quando estas prometiam, não um desfecho grandioso, porém uma campanha ingrata. Despachavam-no para concluir modestamente o que os nossos generais tinham começado com fortuna e esplendor: e na hora em que a tropa, cansada, já achava intolerável a continuação da guerra, sem haver ali uma alta patente que pudesse galvanizá-la, para as dificuldades e os sofrimentos daquele epílogo... Indignada, a princesa rebelou-se, numa carta que era uma oposição: condenavam à morte o seu Gaston... Êle, de má vontade, mas sem poder negar-se, aceitou sombriamente a nomeação. E mostrou-se, na campanha da cordilheira, um general animoso, sem mêdo, eletrizado pela idéia de acabar depressa a perseguição, indo com os seus soldados pelas ladeiras da serrania, ao encalço do inimigo, que retirava combatendo. Peribebui foi a sua batalha; Campo Grande a sua oportunidade. Pedro Américo retratou-o num instante heróico, em que, cercado do seu estado maior, vendo lançar-se sôbre êle a carga paraguaia, dissipada a linha de atiradores que o protegia, arrancou da espada, para bater-se, ferro contra ferro... Não chegou a esgrimir o sabre de punho de oiro. Mas ficou o gesto, imortalizado pela fama. Cumpria o seu dever de soldado; e o visconde do Rio Branco reconheceria: «faz honra ao príncipe, a quem ùnicamente se deve sair o nosso exército de Piraju». Não é de admirar, que, depois de Aquidabã, terminada a luta, desejasse desembarcar no Rio de Janeiro à frente dos veteranos, bandeiras desfraldadas, num claro e festivo dia de parada, que o conciliasse com o Brasil. Merecia êste consôlo, que não passava de um capricho. Seria admirado, no seu cavalo branco, chefiando o arrogante desfile dos bravos de cem batalhas... O govêrno disse que não. Temeu êsse orgulho fardado, êsse fulgor de armas sob as suas janelas pacíficas. O visconde de Itaboraí matou a questão, pedindo a André Rebouças que lhe escrevesse — êste conselho sisudo; para «abandonar o militarismo e entrar na direção da grande indústria do país». Esquecesse a espada de Campo Grande e Peribebui e viesse ser um burguês manso, a cuidar de amenidades econômicas. Não houve o desfile simbólico: e o conde d'Eu novamente se recolheu à humildade da sua condição de estrangeiro — a quem a surdez, impiedosa, suavemente protegia dos rumores malignos.

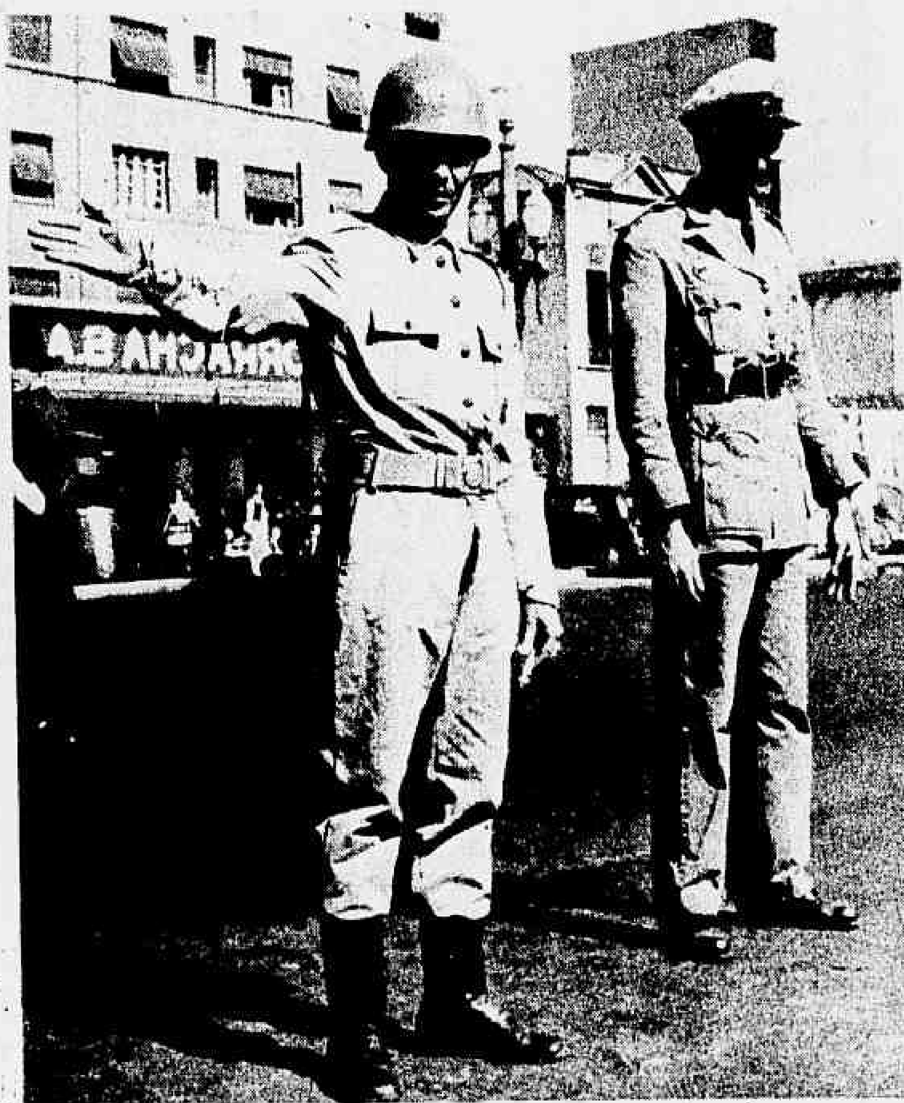
● Serviu com valor e sinceridade. Herói frustrado, príncipe sem autoridade e vocação de estadista sem ambiente e sem impaciência, representou com elegância inegável o seu papel difícil, de condestável de um trono em que jamais poderia sentar-se. Sobrou-lhe amor ao Brasil. E o que mereceu do Brasil diz agora, com serena e desinteressada justiça, a posteridade.



OTÁVIO SAGEBIN, representante da «Revista da Semana» em Pôrto Alegre, acaba de receber significativa homenagem da imprensa e da sociedade gaúchas porque vem de completar trinta anos de serviços ao «Correio do Povo», um dos grandes órgãos do jornalismo patrício. E, assim, o almôço que foi oferecido ao antigo servidor da «Casa de Caldas Gusmão» constituiu uma festa cordial e brilhante. Na foto, Sagebin agradecendo as inúmeras e calorosas saudações de que foi alvo.

A SEMANA EM REVISTA





TRAGÉDIA NA CÂMARA — Morto com um tiro no peito, às 15.30 do dia 8 de julho, o deputado federal, por Goiás, Plínio Gayer, constituiu o fato sensacional da semana. Por que se suicidara o parlamentar do PSD goiano? Temia estar sofrendo de câncer, e esta suspeita o acabrunhava bastante, tornando-se ainda mais reservado, o que era notado por todos os seus amigos. Mas, para cúmulo da decepção, e já agora irremediável, o exame cadavérico nada acusou em relação aos temores do irrefletido congressista. Nenhum princípio de câncer: nenhuma moléstia capaz de minar-lhe a vida. O deputado Plínio Gayer completaria 55 anos de idade a 20 de julho.

A CIDADE começou a notar um novo tipo de soldado cooperando no serviço de trânsito. Um tipo diferente usando um fardamento algo semelhante ao do Exército, inclusive por causa da substituição do antigo quepe pelo capacete. Mas afinal, verificou que não se trata da criação de mais um corpo militar. E' o novo fardamento já vigorante para a Polícia Militar do Distrito Federal. E a impressão que dá é, realmente, boa. O velho fardamento não oferecia o aspecto que o novo dá. Cooperando na ordenação do trânsito, o problema mais sério desta capital atribulada, fazia-se mister que os milicianos — até por isso — se apresentassem melhormente vestidos. Afinal, o pau se conhece é pela casca.

A PERSONAGEM DA SEMANA



LOGO QUE foi reorganizado o novo govêrno soviético, a 7 de março, um dia depois da morte de Stalin, chegou o sr. Laurenti Béria ao apogeu de sua carreira política na URSS, como primeiro vice-presidente do conselho de ministros, encarregado da direção do Ministério do Exterior, além de membro do novo Presidium do Partido Comunista, que é composto de dez personagens. Era, pois, a segunda figura da URSS depois de Malenkov. Pois êsse homem, georgiano, como Stalin, e com grande cópia de serviços ao seu país, foi acusado de uma série de crimes, inclusive o de traição ao govêrno e ao povo soviéticos, a 11 de julho. A notícia foi a mais sensacional após a morte de Stalin. Béria é marechal do Exército russo e sob sua chefia estava a política atômica do país. Durante muitos anos foi o homem forte da Rússia, controlando o serviço de policiamento interno. Aos 54 anos, quando tudo fazia crer, fôsse crescendo o seu prestígio, o Primeiro Ministro Georgi Malenkov o acusa de maneira sensacional. Depois de ter exercido por quinze anos o cargo de chefe da segurança nacional, é êle mesmo quem se vê enleado pela tarrafa do poder e execrado oficial e pùblicamente. Encarcerado por voto unânime dos membros do Comité Central do P. C. russo, Béria está à espera da punição final. Seu substituto é Sergei Kruglov, especialista em questões de segurança e agora com a pasta do Interior.



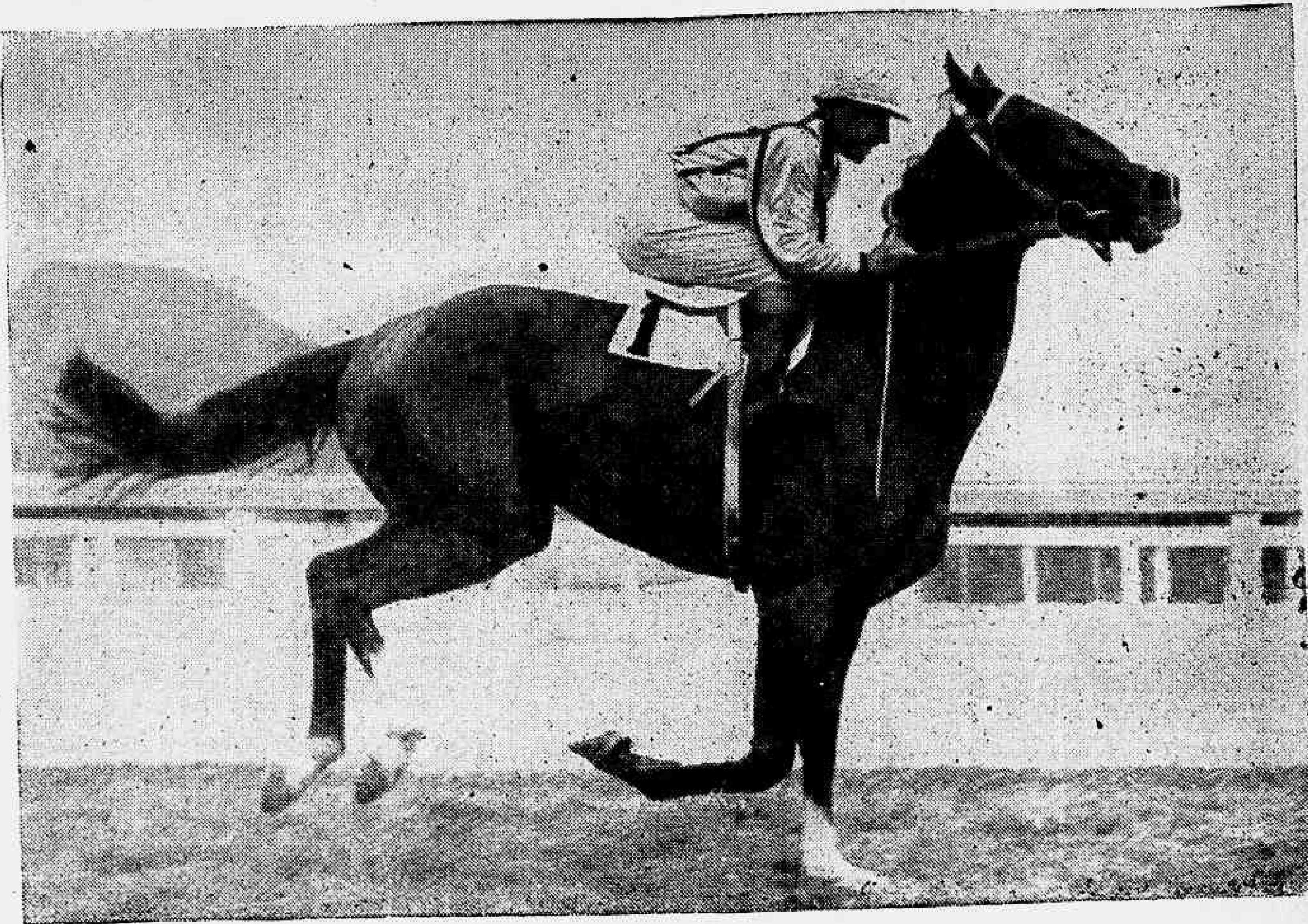


A SEMANA DO SWEEPSTAKE

VEM AÍ O GRANDE PRÊMIO BRASIL

Prepara-se a cidade para a sua maior festa

APROXIMA-SE a semana do Sweepstake e, com ela, a maior festa social-esportiva da metrópole, o Grande Prêmio «Brasil». Os puros-sangue estão entregues ao seu meticuloso preparo para a sensacional disputa dos 3.000 metros. Tudo é atividade febril no hipódromo famoso. A Gávea cuida-se para o seu dia de maior esplendor. O nosso mundo feminino apresta-se para a estonteante parada de elegância e beleza, que terá lugar na tarde ansiosamente esperada de 2 de agôsto. Agitam-se os carreiristas, acordam cedo os «corujas», dedos nervosos apertam os cronômetros durante os «tiros» matinais. Pelas ruas da cidade apregoam-se os bilhetes do Sweepstake, que êste ano será de 20 milhões! Tudo e todos estão envoltos por essa expectante atmosfera que antecede os grandes acontecimentos. É que estamos nas vésperas da semana do Sweepstake. Já na quinta-feira, 30 dêste mês, haverá corridas. No final, nas sociais, terá lugar um chá-dançante, em homenagem aos sócios do Jockey Club e suas famílias. É a «avant-première» do Grande Prêmio. No sábado, 1º de agôsto, corridas. E no domingo, 2 de agôsto, finalmente, o Grande Prêmio «Brasil», o Sweepstake, a maravilhosa festa da Cidade Maravilhosa.



O "NAMÔRO" DUROU SETE DIAS

A CIDADE MARAVILHOSA "CORTEJADA"



Logo que tiveram ordem para desembarcar, os marujos norte-americanos não perderam tempo: foram ver a cidade e as garôtas bonitas nas areias de Copacabana. Vejam êste cadete naval de Tio Sam, como se sente imensamente feliz ao lado «dela», num banco do Pôsto 2.

"INVADIDA" A CIDADE PELOS SOBRINHOS DE TIO SAM ★ COMPRAS, PASSEIOS E BAILES ★ AMBIENTE DE CORDIALIDADE NAS RUAS ★ CONFRATERNIZAÇÃO DE TÔDAS AS CLASSES COM OS REPRESENTANTES DA ARMADA NORTE-AMERICANA ★ UM POLICIAMENTO INTERNO À ALTURA DOS VISITANTES ★ MAS OS COMUNISTAS NÃO PERDERAM A OPORTUNIDADE DE INSUFLAR AS MASSAS CONTRA OS NOSSOS IRMÃOS DO NORTE ★ DE NADA VALERAM OS ESFORÇOS DOS ADEPTOS DO CREDO VERMELHO ★ MILHARES DE DÓLARES DEIXADOS NO BRASIL ★ AINDA ASSIM, O COMÉRCIO ACHA QUE NÃO FÊZ BOM NEGÓCIO ★ O UNIFORME AZUL, BEM TALHADO E LIMPO, ESTAVA EM TODOS OS CANTOS ★ A DESPEDIDA SAUDOSA DA MARUJADA "YANKEE" E O ÚLTIMO ADEUS DO ENCOURAÇADO "MISSOURI" ★ UM GRANDE ACONTECIMENTO A VISITA DA ESQUADRA AMERICANA AO BRASIL

Texto de JOSÉ MARIA NEVES

Fotos de JOSÉ MARIA NEVES E U.S.I.S.

POR 14 MIL MARINHEIROS AMERICANOS



O comércio ganhou vida nova, especialmente o de «souvenirs». Não se processou a uma reportagem-estatística, mas se todos êles fizessem como êstes dois marujos «yankees», os negociantes de miudezas, sem dúvida alguma, conseguiriam ver suas prateleiras completamente vazias.

O acontecimento fôra anunciado com muita antecedência: «Uma esquadra norte-americana visitará o Brasil em fins de junho. Serão, ao todo, 29 navios da Marinha de Guerra de Tio Sam, com uma equipagem de cêrca de 30 mil homens. A bordo viajarão aspirantes e guardas-marinhas dos Estados Unidos, que aproveitarão o cruzeiro para estudos». A notícia, veiculada por tôdas as agências estrangeiras, foi recebida no Brasil com grande alegria. Desde logo iniciaram-se os preparativos para uma recepção condigna aos nossos irmãos do norte. É interessante é notar-se que a iniciativa partiu dos particulares. Não só do comércio, que tratou de ornamentar as suas vitrinas, nem das emprêsas de turismo, que convocaram os intérpretes disponíveis na Capital da República, mas, principalmente, pela sociedade carioca. Festas foram organizadas em residências particulares, e não faltou a lembrança de se oferecer aos marujos de Tio Sam o verdadeiro quitute brasileiro. As cozinhas do Amazonas, da Bahia, Ceará e Alagoas foram contratadas, para despertar ainda mais o interêsse dos visitantes pela nossa terra.

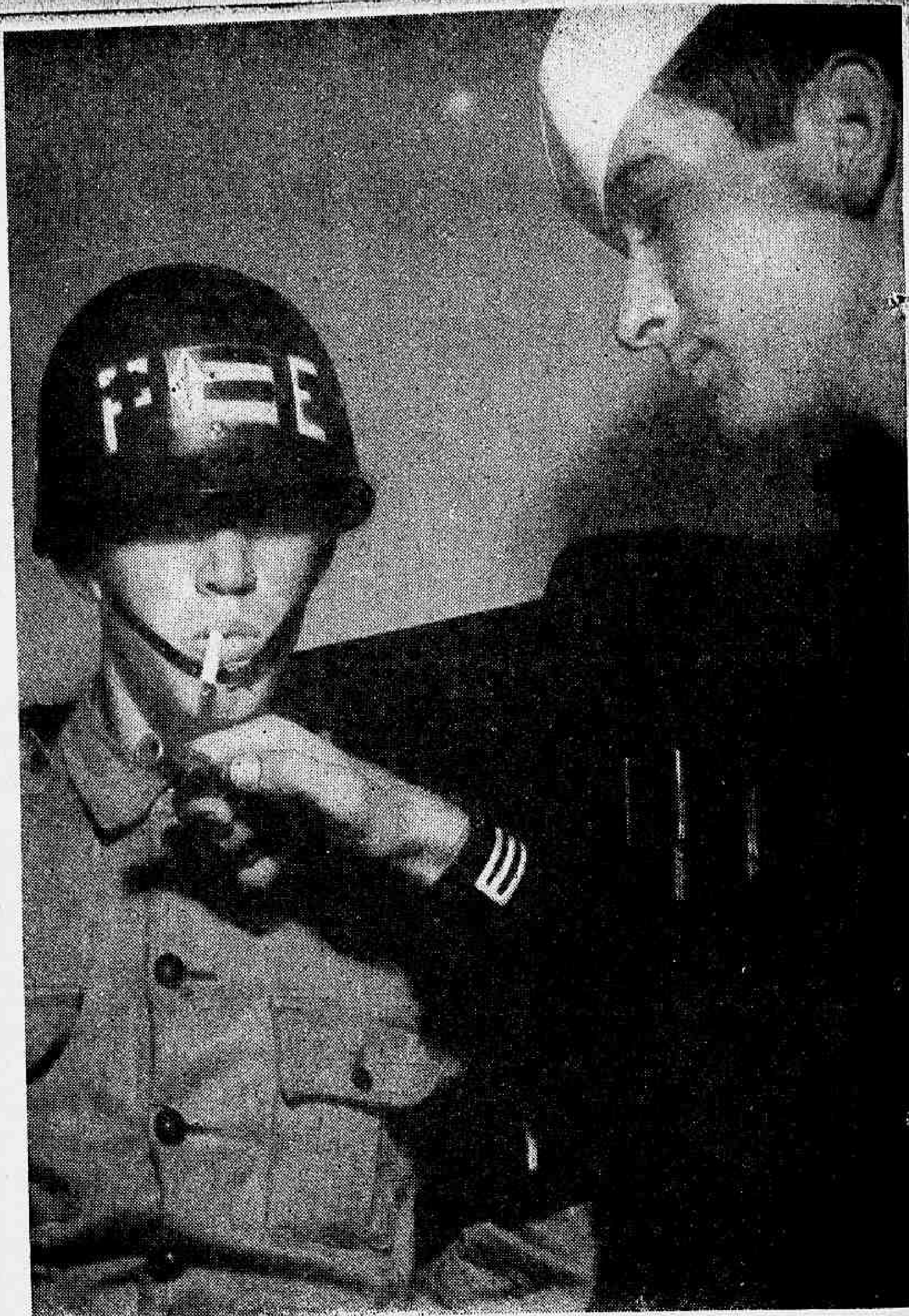
«INVADIDA» A CIDADE PELOS AMERICANOS

Com tôda essa preparação, era de esperar-se o que realmente aconteceu: as ruas cheias de americanos, com aquêle andar desajeitado, despretensioso, todos fumando desbragadamente os cigarros cheirando a essência, que tanta inveja causam aos fumantes apreciadores de um fumo macio, cheiroso e agradável.

Foi desde sábado 27. Por todo recanto da «Cidade Maravilhosa» os uniformes azuis, muito limpos e bem passados dos marujos da terra do cinema, eram vistos em profusão. Havia de vários tipos: pretos e brancos, simples marinheiros, guardas-marinhas, aspirantes e oficiais. E havia, ainda, os que envergavam roupas à paisana. Êstes eram identificados porque, atraídos pelos comerciantes das casas de «balangandans», situadas na orla marítima (praça Mauá e Copacabana), procuravam adquirir presentes e curiosidades do Brasil. Pode-se dizer que a cidade foi «invadida» pelos americanos. A tôda hora, em qualquer parte, havia um americano. Nos bares, nas confeitarias e nos cinemas, também, lá estavam êles, com o seu boné caído maliciosamente no cocuruto da cabeça, o cigarro no canto da bôca e aquela altura descomunal, que tanto caracteriza os rapazes das fôrças armadas dos Estados Unidos.



Um fuzileiro naval brasileiro conversa amigàvelmente com um naval da poderosa esquadra visitante. A maior harmonia imperou em tudo.



Um marujo do encouraçado «Missouri» acende o cigarro da amizade de um P.E. brasileiro. Confraternização como esta era muito comum.

COMPRAS, NAMOROS E BAILES

Os marujos, ao saltarem no Rio, no primeiro dia dedicaram a sua atividade em conhecer a cidade. Visitaram, de início, os pontos turísticos, e depois, o comércio. Fizeram muitas compras e gastaram milhares de dólares. Apesar disso, os comerciantes declararam que esperavam vender mais. Para isso prepararam-se **heròicamente.** Muita coisa sobrou, segundo êles, do «stock» feito para a visita dos americanos. Acontece, porém, que os rapazes da «Navy» não pretendiam apenas fazer compras, mas conhecer as nossas belezas naturais e as nossas não menos naturalíssimas morenas de Copacabana, bronzeadas pelo sol causticante, que é, ao mesmo tempo um bálsamo dos mais eficazes para a cútis das verdadeiras cariocas, que não podem passar um dia sequer sem freqüentar a praia.

Nos passeios que empreenderam, os marujos arranjaram namoradas (e que belas namoradas), e daí nasceram os convites para as reuniões dançantes em elegantes apartamentos, e mesmo em ricas mansões de abastados capitalistas patrícios. Depois, o protocolo mandou que fôssem atendidas as solicitações oficiais, e aí começaram os bailes oferecidos em repartições do Govêrno, na Embaixada americana, em elegantíssimos clubes do tipo Fluminense e em hotéis da classe do Copacabana-Palace.

AMBIENTE DE CORDIALIDADE NAS RUAS

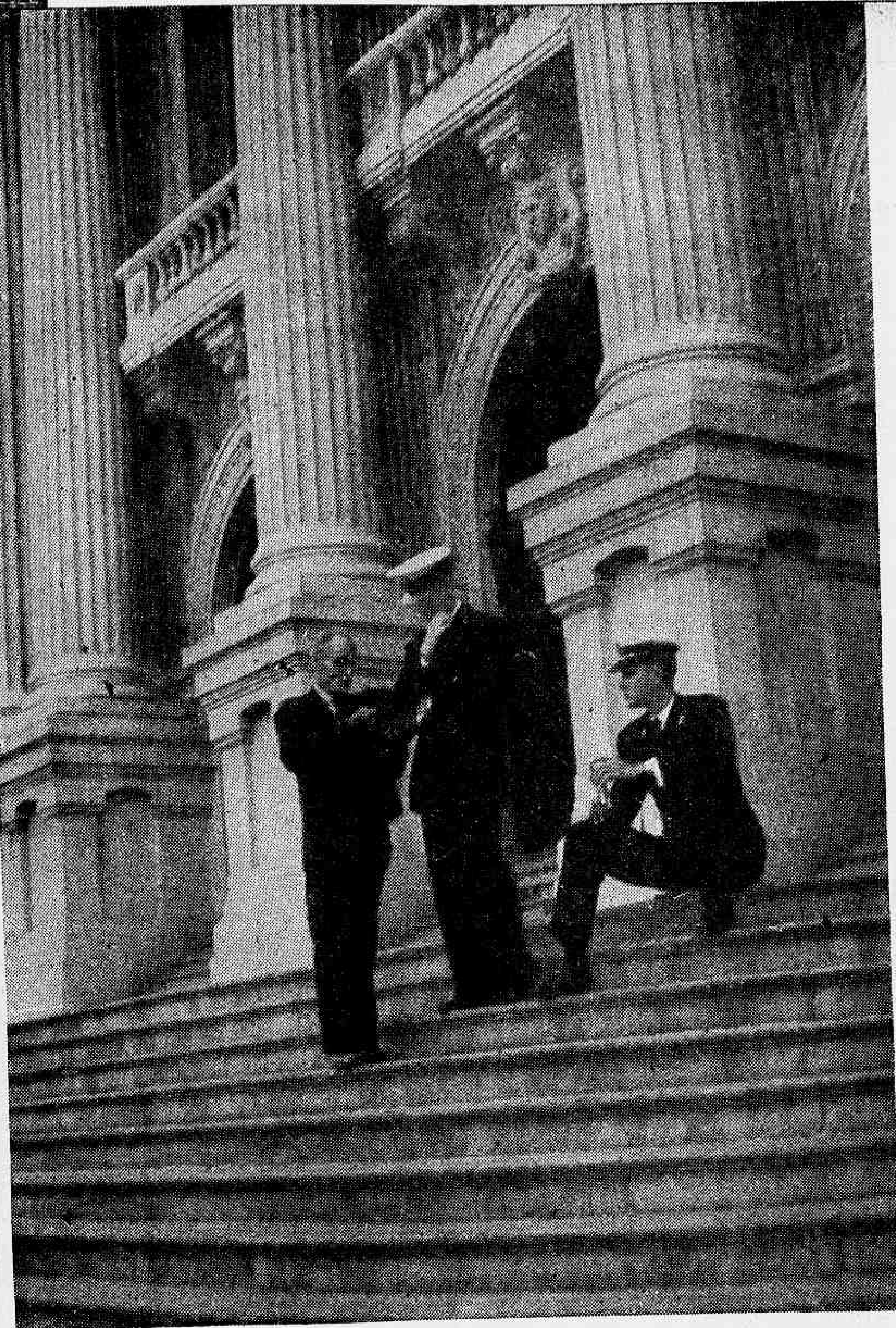
Dava gôsto ver o carinho com que foram tratados os nossos amigos do Norte pelo homem do povo, o operário simplesmente vestido ou o soldado de roupa amarrotada e o homem de negócio, «aperriado», com receio de chegar atrasado ao encontro comercial, ou, ainda, pelo estudante displicente, que nada quer mas que tudo vê para glosar mais adiante. Todos, sem discrepância, desempenharam um verdadeiro papel



Os guardas-marinha «yankees» foram homenageados por várias famílias da sociedade carioca e por alguns dos nossos grandes clubes.



Dançaram e saborearam os nossos quitutes, regados a bebidas nacionais. Dizem até que alguns regressaram «fisgados» no coração



A escadaria do Teatro Municipal, pelo seu ponto estratégico sôbre a praça Floriano, era preferida por grande parte dos guapos marinheiros.



Estêve impecável o policiamento e a assistência aos norte-americanos. Aqui, dois guardas-civis, conhecedores do idioma inglês, em palestra.

de **gentilhomem**, de anfitriões que não ofereceram nenhuma festa, mas que, orgulhosos, ofereceram, em troca da visita dos seus amigos, essa terra maravilhosa e poética que é o Rio de Janeiro. De nada valeram os esforços dos comunistas, no sentido de incompatibilizar o nosso homem do povo com os marujos «yankees». Houve, até, forte reação quando um grupo de adeptos do credo vermelho tentou perturbar a ordem na rua do Ouvidor, jogando os brasileiros contra os americanos. A reação foi pronta e enérgica, tendo sido necessária a intervenção da Polícia para evitar que os insufladores do povo fôssem castigados ali mesmo. Um comunista profissional foi detido ao distribuir panfletos com dizeres altamente desairosos aos filhos da grande nação do Norte.

Como que rebatendo às insinuações, o que se viu foi a mocidade brasileira, representada pelo belo sexo, andar de braços dados com os aspirantes e guardas-marinhas pelas ruas da cidade. Dizem que em São Paulo e principalmente em Santos o ambiente foi idêntico.

UM POLICIAMENTO INTERNO À ALTURA DOS VISITANTES

Tôdas as precauções foram adotadas para que se oferecesse o máximo de segurança aos nossos amáveis visitantes. Cêrca de 400 homens, inclusive 70 americanos, foram movimentados em patrulhas volantes pelas ruas do Rio de Janeiro. Êsses homens garantiram a segurança de cêrca de cinco mil marujos, que tal era o movimento diário dos tripulantes das belonaves, desembarcados na antiga estação de hidros da Panair do Brasil. Traçou o plano de policiamento especial o delegado Hermes Machado, da Delegacia de Vigilância, um dos mais jovens e operosos policiais do D.F.S.P. Contou êle com a colaboração decidida de um seu auxiliar, o detective Saul Tavares, que, além disso, fêz as vêzes de tradutor, pois fala, além do inglês, outras línguas. Aliás, um grupo de policiais, das diversas corporações, que falam correntemente o inglês, foram convocados para o serviço de intérpretes, que foi desempenhado a contento.





Gesto dos mais belos, e que repercutiu mui simpàticamente no espírito público do carioca, foi o de terem 50 marinheiros oferecido sangue ao Banco de Sangue da Prefeitura, contribuindo, com essa atitude altruística, para aumentar as escassas reservas do plasma salvador.



Hora da despedida. Oficiais da Marinha de Guerra do Brasil chegam a bordo do encouraçado «Missouri», tendo lugar, em seguida, a revista aos marujos de Tio Sam, perfilados impecàvelmente. As expressões de alegria são a prova incontestável de uma amizade indestrutível.

O quartel-general de operações foi instalado no andar térreo da Delegacia de Vigilância. Ali foi montado um serviço de rádio especial, para comunicação com seis carros da Rádio-Patrulha, que estiveram trabalhando exclusivamente com os americanos. Em cada um dêles havia um grupo de representantes dos marujos, na pessoa de um oficial e de um sargento. Êsses veículos «rondaram» incessantemente todos os bairros e se comunicavam a cada espaço de tempo com o QG, notificando as ocorrências. Nada de desagradável se verificou nas cinco zonas escalonadas para a execução do plano. Tudo, no final, só mereceu elogios por parte das autoridades americanas, que declararam jamais terem tido conhecimento de organização idêntica.

E sem qualquer alteração da ordem pública, para nossa satisfação e dos próprios americanos, a esquadra, com os seus 30 mil marinheiros (14 mil no Rio e 16 mil em Santos), levantou ferros e transpôs, serena, em formação impecável, a nossa barra. Ao longe, as sereias de bordo encarregaram-se de dizer o último adeus à população carioca. O «Missouri», guinando de repente a sua poderosa proa, enterrou-a profundamente no oceano e levantou uma cortina dágua para o ar.

Good bye, boys of the Navy os United States of America.



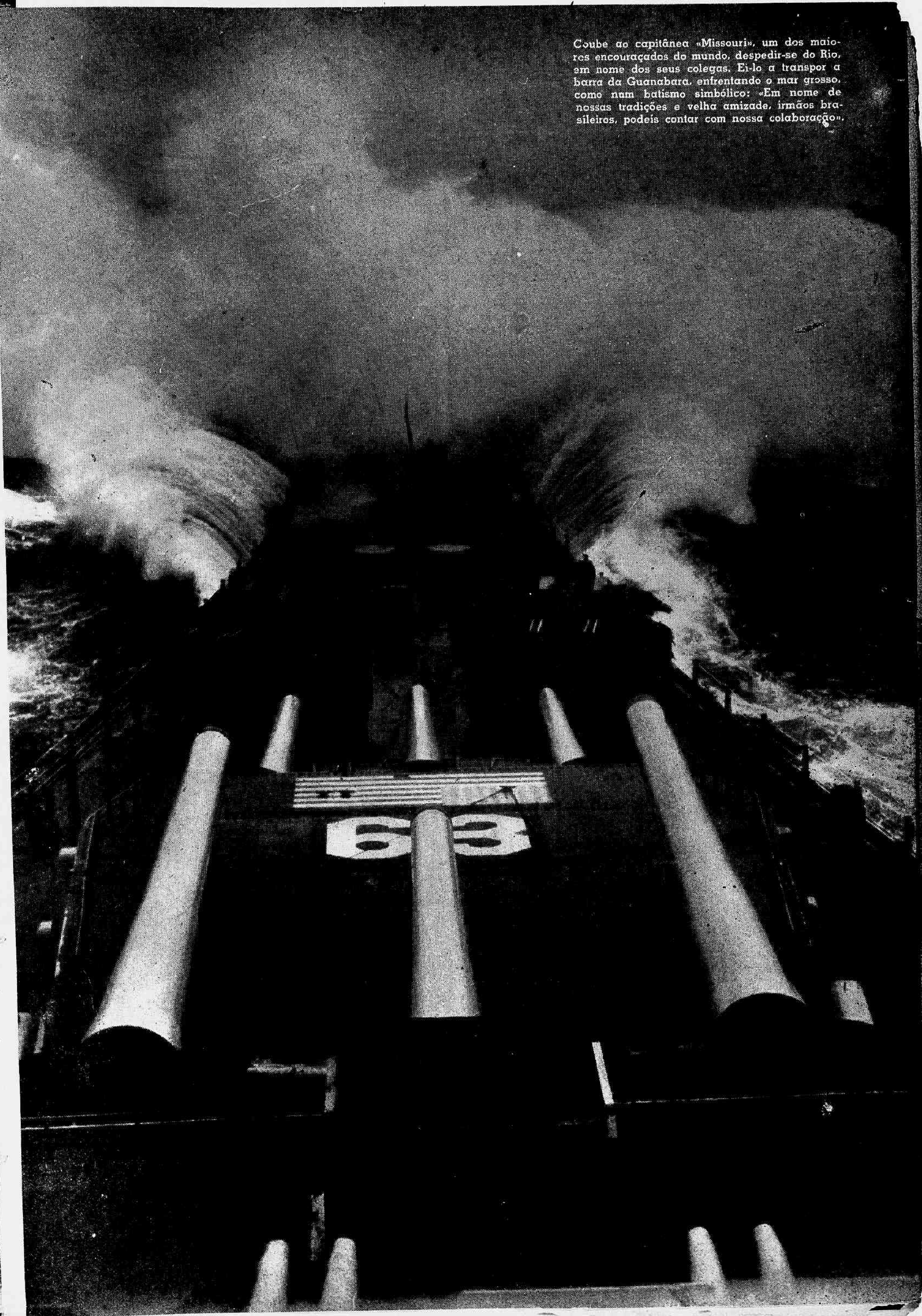
O comandante D. R. Marletta agradece ao delegado Hermes Machado o perfeito policiamento, vendo-se, ao fundo, o detective Saul Tavares.



Os norte-americanos são grandes consumidores de café. Aqui temos uma prova, neste flagrante, com os marujos apreciando a gostosa rubiácea.



O plano de policiamento, elaborado pelo delegado Hermes Machado, de acôrdo com o detective Saul Tavares, alcançou completo êxito.



Coube ao capitânea «Missouri», um dos maiores encouraçados do mundo, despedir-se do Rio, em nome dos seus colegas. Ei-lo a transpor a barra da Guanabara, enfrentando o mar grosso, como num batismo simbólico: «Em nome de nossas tradições e velha amizade, irmãos brasileiros, podeis contar com nossa colaboração».

CRIMES DA GESTAPO NO BRASIL

Rio de Janeiro, 29 de junho de 1953.

Ilmo. Sr. Diretor da REVISTA DA SEMANA — Saudações.

Os abaixo-assinados, ERNST MEYER e PASTOR HANS ZWILLING, em seu próprio nome e também em nome do Reverendo Pastor MAX-HEINRICH FLOS, atualmente pároco em Florianópolis, Capital do Estado de Santa Catarina, pela presente e nos melhores têrmos, tomam a liberdade de expor e pedir a V. S. o seguinte:

1º — A REVISTA DA SEMANA, em seu número 26, de 27 de junho do corrente ano, sob o título «CRIMES DA GESTAPO NO BRASIL», endossou acusações falsas e caluniosas contra os signatários desta carta;

2º — Embora já conhecessem a reportagem da revista «Quick», de Munich, ficaram muito surpreendidos, pois nunca poderiam esperar que uma revista de tão alto conceito, como a REVISTA DA SEMANA, pudesse publicar acusações tão pesadas contra quem quer que fôsse, sem antes se orientar convenientemente sôbre a identidade e os antecedentes de acusador e acusados;

3º — Havendo, já, iniciado o processo-crime contra a revista «Quick», por calúnia, fizeram chegar cópias da respectiva documentação ao Departamento de Segurança Pública, que, portanto, está convenientemente informado.

4º — De conformidade com a legislação em vigor, serão tomadas as medidas que o caso comporta, pois o assunto será entregue ao Judiciário, para fins de direito;

5º — Isto pôsto, pedem os signatários que esta carta seja publicada no próximo número da REVISTA DA SEMANA, na mesma página e com o mesmo tipo em que saiu a reportagem em aprêço, para salvaguardar do bom nome de pessoas de responsabilidade e idoneidade moral, tão rudemente atingidas por essas graves acusações.

Certos de sermos atendidos e informando, ainda, que também uma cópia desta carta será encaminhada ao Departamento de Segurança Pública, subscrevemos antenciosamente,

ERNST MEYER
Rua do Senado, 245, 1º

HANS ZWILLING, PASTOR
Rua Carlos Sampeio, 46-A

LEIAM O

ANUÁRIO DO ESPORTE ILUSTRADO PARA 1953

PREÇO CR$ 15,00

A VENDA EM TÔDAS AS BANCAS

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● PANDORA — (Rio).

SONHO: — Sonhei quo entrava em uma casa de dois pavimentos e bastante velha. Percebi, então, que estava ficando escuro o tempo. Cheguei à janela e vi que a natureza havia se transformado: o céu indicava temporal próximo, escuro, e cheio de nuvens pejadas de chuva. Virando-me para à esquerda pude ver um rio, que estava coberto por tênue garoa branquinha. Contornando o rio, viam-se vários pés de milho meio sêcos e pendoados; dêle começou a sair uma fumaça branca, que, ràpidamente, passou a lavorar, tomando grande proporção. Em dado momento atingiu a nossa casa que se desmoronou em parte. Muito aflita gritei para minha mãe, já falecida, que saísse dali. Lá se encontravam, também, minhas irmãs, porém eu não lhes via a fisionomia. Tentei entrar no quarto mas deparei com a parede molhada que ameaçava cair, nervosa gritei para que saíssem imediatamente, pois a parede oferecia um perigo iminente. Cheguei novamente à janela e, qual não foi minha surprêza, — o céu estava lindo, todo azul, com raras nuvens brandas e a lua resplandecia em um quarto minguante ainda muito belo. A paisagem era magnífica — as montanhas eram verdes, porém em uma delas vi uma espécie de fumaça e me veio à mente a idéia de «vulcão»... Mas, reparando bem, vi que era uma chaminé. Mirando mais atentamente o céu, desejei que me aparecesse alguém ou algum astro que me viesse orientar na vida. Apenas divisei um quadro ricamente colorido em forma de rosto, o qual não pude distinguir bem. Afastei-me da casa e vi que todos saíam e me deixavam só. Então protestei enèrgicamente, batendo com as mãos cerradas, uma na outra. Nesta ocasião, uma de minhas irmãs prontificou-se a esperar-me. Entrei em casa, esta já não era a mesma casa velha e feia, mas outra tôda ornamentada de luxuosos móveis, trabalhados artìsticamente. Fiquei sumamente admirada de tanta beleza, mas ao subir as escadas lembrei-me de que tudo pertencera a um «morto»; receiosa subi e fui ao meu antigo quarto e nêle encontrei a prima de meu cunhado e um jovem sentado de costas. Chamou-me a atenção a bela cabeça do rapaz — linda, de negros cabelos, meio ondulados. Soube, então, pela prima, que êle tinha uma namorada, e eu achei a coisa mais natural do mundo, porém, ela fêz-me ver que êle era casado. Ponderei-lhe: os homens são assim mesmo, não faz mal... Achei a cabeça tão bonita que me dispunha a penteá-lo, o que não fiz por haver esta bela cabeça se transformado em um ancião, com cabelos brancos.

INTERPRETAÇAO: — Você se julga passando de época (casa velha), sem entretanto haver realizado alguns de seus sonhos de moça (fumaça branca). Porém será capaz de se elevar (casa de dois pavimentos) e tal, como a Phenix, da História, conseguir ainda com seu próprio esfôrço (parede molhada) galgar uma situação melhor (calma com que caminhou sua falecida mamãe). Ora você vê tudo negro, penumbroso (céu escuro e tempestuoso), ora recebe influxos benéficos (rio, garoa branquinha...) de alguma fonte externa — reuniões — que vêm saturar de fôrças sua alma (milho sêco, porém penduado). Não raras vêzes você têm visto se desmoronarem seus sonhos, seus castelos, arquitetados com amor (... labaredas que tomaram grande proporção), mas, sua vida tem se apresentado como um movimentado e variado cenário, você tem tido fôrças suficientes para se reerguer (céu todo azul) e seguir seu caminho com o que lhe resta (lua minguante), construindo uma base mais sólida para seu futuro lar (montanhas verdejantes). Tenha cuidado em não dar entrada, em sua mente a pensamentos pessimistas (... veio-me à mente poder ser um vulcão), pois conforme pensamos, assim se apresentam as coisas em nossa vida (alguém que me pudesse orientar). Deve ter havido momentos, em que você se revolte com os fatos desagradáveis (repelir enèrgicamente) e sem contrôle para seus nervos, talvez um pouco esgotados, se veja só e sem amparo (... não fico só). Você demonstra, pelo seu sonho, ter uma natureza caprichosa e sujeita a alternativas de gênio, o que lhe tem acarretado subidas e descidas em sua vida de relação (casa lindamente ornamentada e que pertencera a um morto). Sonhadora de altos castelos; despreza os preconceitos sociais (ser natural o namôro do rapaz casado); articula seu modo de viver e pensar (pentear os cabelos), com a vida moderna e, finalmente, depois de tanto sacrifício, sente haver chegado a uma situação em que tudo lhe parece fenecer (ainda o morto), sem colorido e sem um motivo real para viver (cabeça de ancião e cabelos brancos). Muito grata pelas palavras de incentivo a mim dirigidas

● APAIXONADA — (Rio).

SONHO: — Entrava, não sei com que chave, na casa do meu amado para roubar uma echarpe de sêda amarela, pertencente à mulher dêle. Sabia que era uma segunda tentativa, pois a primeira falhara, e esperava angustiosamente, enquanto êle e ela ainda dormiam. Eu estava no vestíbulo, imenso e dividido em duas partes, numa das quais havia apenas um móvel, talvez uma radiola. Ouvi que se levantavam e olhei pelo corredor: saíam do quarto e caminhavam para o interior da casa, de costas para mim; caminhando, ela passou o braço pelo pescoço dêle, o que me fêz sofrer muito. Saí, então, da casa, cheia de desespêro e, passando pela vizinha, acordei uma empregada de côr a quem entreguei a chave da casa «dêle», pedindo que a devolvesse. Receava que Madame descobrisse o roubo da echarpe e minha entrada clandesitna, comecei a correr até uma praça onde se alinhavam vários táxis; tomei um carro, embora o «chauffeur» cobrasse um preço excessivo.

INTERPRETAÇAO: — A única chave com que se pode entrar em casa de um amado, é a do Amor, e sempre que conseguimos penetrar em uma casa que tem dona (mulher do seu amado), se temos bom caráter, somos assaltados pela sensação de estar furtando algo (echarpe). Quando se fala em echarpe, logo nos lembramos do pescoço. Essa parte do corpo, Apaixonada, encerra em Metafísica, ou, antes, na Gnose, um vasto campo propício a mil sementeiras. O pescoço está sob a égide do signo Taurus e debaixo da proteção de Vênus. E sendo Vênus o planêta do Amor, é claro que você roubou o amor que pertencia a outra. Quando a espôsa se descuida, ou descura (dormir) de alguns de seus deveres conjugais, ou, mesmo, abusa dos seus direitos, o inimigo, a outra, vem sorrateiramente e lhe furta o espôso. Você deve ser bastante ciumenta (desespêro, ao presenciar a cena de carinho conjugal). Acho também que não é muito constante em seus pensamentos e propósitos (entregar a chave a uma mulher de côr) pois, se soubesse querer com firmeza e confiança própria, não devolveria o que houvesse conquistado, talvez com sacrifício. Porque, Apaixonada, ou fugimos, por princípio, a situações sentimentais dúbias, ou, se elegemos o nosso amor contra as leis sociais lançamos mão de todos os meios para que não haja quebra em nossa afeição. Vejo, perfeitamente, que você não foi feita para viver fora da lei (mêdo de que Madame a seguisse, corrida de táxi, etc.). Nunca me arvorei em juiz por não me achar competente, mas quero dizer-lhe que seja mais corajosa e continue a enfrentar a vida tal qual lhe se apresenta



Casamento

Conto de FERNANDO MOREIRA

Ilustração de JERONYMO RIBEIRO

ESDE muito cedo, começou o povo a reunir-se à porta da igreja, obrigando os guardas a estenderem um cordão de isolamento quando chegaram os primeiros convidados. O sol estava forte ainda, e o calor também não era dos mais leves; mas a nunca desmentida curiosidade pública em relação a casamentos, sobretudo de luxo, era mais forte e triunfava. Os lugares mais próximos à entrada da igreja eram cuidadosamente guardados pelos seus ocupantes; os retardatários, mais atrás, esforçavam-se por melhorar suas posições, a fim de não perderem os mínimos detalhes. Comentários cruzavam o ar, uns lisonjeiros, outros trocistas; todos, entretanto, feitos em voz suficientemente alta para serem ouvidos pelas pessoas a quem se referiam:

— São os Castro. Vieram no automóvel novo.

— Achei tolice êles se desfazerem do antigo; era muito mais suntuoso.

— O velho Castro irá à Europa, êste ano?

— Não sei; com a morte do sócio, acho difícil...

— Ouvi dizer que a Rosina Castro terminou o noivado com o Zeca; soubeste alguma coisa?

A chegada de um novo automóvel passou a ocupar as atenções da massa; o velho Castro e sua família, antes mesmo de alcançarem a porta da igreja, já estavam esquecidos. Novos interêsses, novas observações, mais comentários:

— Não pensei que viessem. Depois do que aconteceu...

— O que foi que houve?

— Ora, não me digas que não soubeste, foi tão falado! Pois então, a Isaurinha...

— Sossega, menino; quando a noiva chegar, eu já disse que te carrego.

— Até parece que o tempo passa pela Isaurinha sem deixar marcas; está cada dia mais moça.

— O marido, coitado, êsse está um velho.

— Também, com os desgostos que ela lhe dá! Ouvi falar que a filha mais nova, por sua vez...

— E' o noivo!

Foi uma frase mágica, que restabeleceu o silêncio. Todos procuraram ver o noivo, que subia as escadas do adro da igreja, de braço com a mãe. Era um rapaz comum, que poderia ter seus 25 anos, e em nada diferente de qualquer outro rapaz da mesma idade; era, entretanto, o herói do dia, por assim dizer. E isso o tornava discutido, comentado, analisado com um carinho todo especial. Um halo de simpatia popular cercou-o até à entrada da igreja; graças à atenção que despertou, os indispensáveis comentários foram retardados:

— Bom rapaz, êsse; Leonília tem sorte com os filhos; são rapazes trabalhadores, sérios, e de uma linha impecável.

— Êsse é o mais novo?

— Não, o mais novo está estudando química industrial, em São Paulo. Tem feito um curso brilhante, aliás.

— O mais velho, que vive no Rio, não pôde vir para o casamento. Parece que um dos filhos dêle adoeceu à última hora.

— A Leonília parece tão nova para já ser avó...

— Ah, você não sabia? O Jorge não é filho dela; é do primeiro matrimônio do marido.

— Só podia ser isso mesmo; uma mulher tão nova e elegante!

— Você notou como o noivo estava contente? Apesar de sério, era de ver sua expressão, tão feliz!

— Você também reparou? E tem motivo para isso, sobretudo no dia em que se casa com a namorada dos tempos de criança.

— O namôro era antigo assim? Não sabia...

— E', vem dos tempos de colégio.

O noivo e sua mãe entraram na igreja e encaminharam-se para o altar onde seria a cerimônia. «Se ela não viesse, se mudasse de opinião à última hora, se houvesse um desastre qualquer e ela morresse... Não, isto não acontecerá, será uma felicidade que não mereço. E se eu fugisse? Se eu saísse correndo e desaparecesse? Diriam que enlouqueci de repente, meu nome viria para os jornais, o escândalo seria tremendo. Ah, porque, porque eu não terminei isto enquanto era tempo? Seria um moleque, um canalha, o que quisessem; mas estaria livre. Estaria livre para procurar alguém que me quisesse como eu sou e que me compreendesse verdadeiramente. Enfim, outra pessoa que não ela. Êste casamento é um êrro, não pode ser realizado; alguma coisa deveria acontecer para impedi-lo — mas o quê? Nada, agora já não há solução para nós. Eu deveria ter terminado isto antes; que futuro estará reservado para duas criaturas como nós? Eu, antes de casar, já nem lhe suporto a presença; ela, o que sentirá a meu respeito? Sei que ela não ignora meus sentimentos: conhecendo-me há tanto tempo, não poderia ser de outro modo. E se assim é, por que então não rompeu comigo? Por amor, não acredito que seja; depois que eu comecei a entendê-la, acho-a incapaz de um verdadeiro amor. Ou será que eu não compreendo? Como posso imaginar compreendê-la, se nem a mim mesmo eu compreendo?»

— Nervoso? perguntou-lhe a mãe em voz baixa, ao ocuparem seus lugares no altar. Êle sorriu vagamente em resposta, e esforçou-se por não sentir a mão animadora e carinhosa que delicadamente comprimiu a sua. «Nervoso? Não, não estou nervoso. O que eu sinto, apenas, é uma vontade enorme de fugir para bem longe daqui, e nunca mais ter de voltar. E saudade, também; saudade do amor que eu não conheci e que, sinto-o, chegará tarde demais. A nostalgia do desconhecido... dessa mulher que virá, e que eu amarei; não, tudo isso é absurdo. Mas é preciso esperar alguma coisa; recuso-me a aceitar o imenso vazio que o destino me preparou. A esperança é uma futilidade necessária na vida que me aguarda; assim, eu esperarei: esperarei, mesmo sem saber o que espero. E, um dia, ao acordar, descobrirei que estou velho e que perdi meu tempo

(Cont. na pág. 44)





Cinco "cracks" abandonam a vida de solteiro — Dois do Botafogo e três do Fluminense Muita mocinha desiludida — Agora é tratar de ganhar dinheiro, pois a responsabilidade aumentou

SANTOS, feliz da vida, posa para a objetiva, ao lado de sua espôsa, Abigail Teixeira Batalha. Ela «fisgou» o melhor zagueiro esquerdo do Brasil e um dos mais famosos do nosso continente.

O CASAMENTO DOS "CRACKS"

NUM período de apenas um mês, a legião de solteiros do futebol acaba de perder cinco elementos, e, em conseqüência, os casados contam em suas fileiras com mais cinco valorosos integrantes. Os fãs de futebol, por certo, já devem saber a quem nos referimos, pois quatro dêsses «players» são bastante conhecidos da torcida, e o outro granjeou um pouco mais de popularidade por ter integrado o quadro titular por duas vêzes consecutivas (no impedimento, por suspensão, do efetivo) e pelo ato de «imensa responsabilidade» que praticou. Castilho, Newton Santos, Jair, Rubens e Zèzinho formam, pràticamente, meio «team», um «five» de grandes possibilidades, que conta com duas figuras salientes, como as do arqueiro e do zagueiro, ambos «cracks» já consagrados em pelejas internacionais.

Mas vamos aos dados do casório de cada um dêles.

Abigail Teixeira Batalha conheceu Santos numa festa; tem 22 anos de idade. O «crack», por sua vez, conta 27 primaveras. O casório realizou-se no dia 1º de julho, na igreja de Santa Teresinha, tendo como padrinhos, no religioso, os casais Sandro Moreira e Carlos Martins da Rocha, e, no civil, Rubens Ruaro (o popular Ruarinho, companheiro de equipe de Santos) e a irmã de Abigail. Vilma de Sousa Lopes desposou Carlos Castilho, sem que tivesse assistido a qualquer partida de futebol em sua vida. A diferença de idade, entre os dois, é de seis anos (ela com 21, êle com 27), e a cerimônia religiosa teve lugar no Outeiro da Glória, em 6 de junho. Foram padrinhos os casais Roberto Durant (no religioso) e Antônio Mateus dos Santos (no civil). A lua-de-mel do casal foi realizada na cidade de Santos. Iolanda Gomes conheceu Zèzinho num baile pré-carnavalesco, no ano de 1949. Tôda a sua família é botafoguense, e daí para o casamento foi um «pulo» de quatro anos. Ela conta 20 anos de idade, e Zèzinho 23. O casório foi realizado na matriz de Santa Teresinha, tendo como padrinhos o casal Carlos Martins

(Cont. na pág. 47)



RUBENS, apesar de suplente no Fluminense, é um jogador de possibilidades, e seu cartaz vai aumentando dia a dia. Na foto, está êle colocando a aliança no dedo de sua bela espôsa, Alda de Almeida.



JAIR, emocionado (como não podia deixar de ser), beija suavemente sua companheira de quase tôda a vida (conheceram-se quando ainda meninos), como a augurar um futuro feliz e risonho para êles.

CASTILHO, bastante compenetrado, enfrenta a objetiva, ao lado da graciosa Vilma de Sousa Lopes. Êle, que é o maior goleiro da atualidade no Brasil, marcou um «goal», casando com a linda jovem.



ZÈZINHO, o impetuoso atacante do Botafogo, beija a espôsa, que é a sua maior fã (ela é torcedora do Botafogo), como a dizer: «Agora mesmo é que eu vou passar a fazer «goals» alucinantes!».





RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR

Rafael — o grande pintor das "Madonas" do Renascimento — encontrara em Margarida a inspiradora de sua arte e de seu amor. Margarida era, porém, de origem plebéia e não agradava aos grandes dignitários da côrte do Papa Leão X que o "divino Rafael" a desposasse, legalizando a união de ambos. Os cardeais, na sombra, conspiravam para lhe dar outra espôsa, mais aristocrática, Maria Bibbiena.

AS GRANDES AMOROSAS DA HISTÓRIA

A Fornarina

Por CARLO RICHELMI

Tradução de LIGIA JUNQUEIRA

CAPÍTULO IV

O discípulo, que se descuidara da pintura desde que o mestre dêle fizera seu homem de confiança, retirou-se, todavia, discretamente, quando um criado introduziu junto a Margarida um senhor que a todos incutia respeitosa submissão.

— Sou o poeta Francesco Maria Molza — disse o visitante, inclinando-se em frente à mulher. — Quero falar a vós mesma, minha senhora, mas a sós.

— Rafael não está em casa, e eu não poderei...

— Desejava falar a vós mesma. Sei quanto vos estima o divino Rafael e devo avisar-vos de uma intriga que se está tramando.

— Uma intriga?

— Sim. Sabeis como o cardeal de Bibbiena, d'Aragona e Bembo dominam o coração do Papa. Ora, êles persuadiram-no de que sois perniciosa ao divino pintor, que a vossa união é um escândalo, que até chegastes a profanar os muros sacros do Vaticano. O Papa, por isso, exigiu de Rafael que êle reparasse o mal feito, prometendo-lhe se casar com quem êle determinasse. Assim, aquêle a quem acreditáveis ser o vosso Rafael, teve que prometer casamento a Maria de Bibbiena, sobrinha do cardeal.

— Não é possível!

— Eu vos juro solenemente. De outro lado, êsse é um acontecimento do qual se falará em tôda Roma. Sei que para vós é uma grande desilusão — acrescentou o poeta, vendo que ela não podia conter as lágrimas — mas estou aqui para consolar-vos, para amar-vos — caiu a seus pés e beijou com devoção a bainha de suas roupas — Margarida, não peço a Deus senão viver para vós.

— Entendi, agora, por que ousastes caluniar Rafael — e, chamando Baviera, com voz que, pela primeira vez, tinha um tom imperativo, ordenou:

— Acompanhe êste senhor até a porta.

Ficando, porém, sòzinha, aquela revelação... Maria Bibbiena... assaltaram-na como um pesadelo. Tudo rodava à sua volta. Sentiu-se desfalecer.

★

Maria Bibbiena, apoiada ao vidro de uma janela, seguia o vaivém da rua. Os livros, as músicas, as ocupações domésticas, não tinham para si mais atrações. Para distrair-se de seus pensamentos ociosos, olhava a rua.

Ao ver parar uma carruagem diante de sua porta, logo imaginou de quem se tratava. Talvez já esperasse tal encontro. Apressou-se a estudar, diante do espelho, uma pose que mantivesse à distância a visitante.

— Faça-a entrar — ordenou ao servo que lhe veio anunciar a jovem.

A aparição de Margarida deu-lhe uma dor no coração, porque compreendeu que o confronto entre as duas era favorável àquela. Apelou para tôda sua altivez, na esperança de intimidar a visitante. Nem ao menos convidou-a a sentar-se.

Margarida, porém, parecera ter decorado o que queria dizer:

— Minha senhora, apenas alguns minutos atrás fui informada de que ficaria noiva de Rafael. Estou aqui para perguntar-lhe o que há de verdade nisso...

— É tudo verdade. Mas, com que direito me pede explicação? Por que tenho que dá-las?

— Amo Rafael. Êle me ama. Há três anos que somos tudo um para o outro. Por êste amor sacrifiquei minha família, a tranqüilidade de minha vida, minha honra, enfim, minha alma e até a última gôta de meu sangue.

— Ainda que tudo isso fôsse verdade, Rafael prometeu que comigo se casaria quando tivesse acabado todos os trabalhos importantes que está executando.

— Prometeu-lhe?

— Prometeu a meu tio, o cardeal, na presença do Santo Padre. Pode compreender o significado de tal promessa solene.

— Está mentindo — gritou Margarida. — Ainda que fôsse verdade, não pode arrancá-lo de mim. A senhora tem tudo: nobreza de nascimento, uma vida magnífica, altas proteções. Basta pedir e tudo estará em sua mão. Eu, ao contrário, só tenho a êle...

— Pode ser verdade o que diz, mas não terá a pretensão de se fazer conduzir ao altar pelo divino Rafael. Êle precisa de uma espôsa, de filhos. De uma mulher que possa ser sua espôsa diante de tôda Roma.

— Pronunciou lentamente essas palavras, para imprimir-lhes mais acentuada ironia.

— Uma mulher! Mas é como se eu o fôsse, e, talvez, mais ainda do que uma espôsa...

— Já falou demais, e eu também lhe falarei claramente. Não pretendo deixá-lo por nenhum preço e diante de nenhuma ameaça. Espero pacientemente, porque acredito na sua promessa. Preferiria morrer do que a êle renunciar. — A invocação da morte mudou de tal forma o semblante de Maria, como se, de chofre, seu rosto de menina tivesse enlouquecido, que Margarida fugiu aterrorizada.

★

Não chorou, mas sua alma estava devastada. Chegou à casa do Burgo Novo e estava para pedir aos criados que levassem sua mudança para Santa Dorotéia, quando Rafael chamou-a:

— Onde estiveste? Pela primeira vez, Ita, chego em casa e não me encontro entre teus braços.

—— Vim de Vicolo Leutari, onde vi Maria Bibbiena.

— A sobrinha do cardeal? Por que, santo Deus?

— Porque queria saber. Agora sei. Lello, por que me mentiste? Eras tudo para mim, e agora uma mulher nos separa. Uma mulher que diz ser tua noiva. — Margarida não podia conter as lágrimas.

— Mas, meu amor, eu devia ter-te contado. Se não o fiz, foi para não te impressionar. Não penses que te menti. Só tu existe para mim. Fiquei tão descontrolado quando o Papa e o cardeal me falaram de um casamento de conveniência, que, para afastar o perigo, pedi um prazo de quatro anos... Quando passarem, pedirei outro prazo... e assim em seguida. Mas, juro-te, minha Ita, só tu serás sempre o anjo de minha vida! Sòmente tu...

— Para mim és mais do que um homem: és o meu Deus. Morreria se não te tivesse sempre junto a mim.

★

Rafael trabalhava sempre com mais ardor, sereno e infatigável, nunca saciado da visão de Margarida. Pela manhã, os discípulos iam e vinham no palácio do Borgo Nuovo, pedindo conselhos, mostrando seus quadros ou admirando as obras do mestre.

Tantas eram as encomendas, que Rafael não sabia para que lado voltar-se. Até mesmo seus discípulos concordavam em que, um dia, o cansaço o venceria, se não se poupasse.

— Há momentos em que não posso mais — confiou uma noite a Margarida. — Leão X insiste para que termine o que encomendou; o duque de Urbino me deu novos trabalhos; Agostinho Chigi quase me sufoca com seus pedidos. Como se tudo isso não bastasse, hoje o cardeal de Medicis me encomendou um quadro para o seu bispado de Narbona, uma «Transfiguração». Que posso fazer? Começo a necessitar de repouso.

Tinha o rosto pálido, emagrecido, só olhos e saliências. As mãos com que enxugava o suor estavam exangues.

Margarida atirou-o a si, apertando-o nos braços:

— Se fôssemos, como dois enamorados, esconder-nos na Vila Olgiati? Aquelas grandes árvores nos defenderiam de tantos senhores pretensiosos. Quando voltarmos, trabalharás com novo entusiasmo.

— Tens razão. Abandonarei tudo por algum tempo: pintura, amigos, discípulos... tudo, menos a minha Margarida.

O fiel Baviera entrou nesse momento, precipitadamente, sufocado pela corrida:

— Mestre, uma ordem urgente chegou do Vaticano. O Santo Padre precisa vê-lo imediatamente.

Rafael voltou-se, desencorajado, para Margarida.

— Está vendo, meu amor. Teu Rafael é o homem mais prêso do mundo.

— Quando voltares do Vaticano terei arrumado o pouco de que precisamos para irmos a Vila Olgiati. Volta logo...

★

Quando Rafael se achou aos pés do Papa Leão X, junto ao trono pontifício, avistou o cardeal de Bibbiena. Sobressaltou-se, prevendo um novo e mais urgente ultimato.

— Rafael, os quatro anos de espera que pediste, com a desculpa de teus grandes trabalhos, já transcorreram. Devemos, por isso, lembrar-te a promessa que nos fizeste — exclamou o Papa.

(Cont. na pág. 44)

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Que quer dizer o nome Miguel:

— Semelhante a Deus?
— Anjo do Senhor?
— O primeiro da família?

2—Quantas são as pirâmides que se erguem nas proximidades do Cairo:
— Oitenta?
— Três?
— Dez?

3—Recentes investigações científicas vêm provando que as terras do Brasil são:
— As mais novas do mundo?
— As mais velhas?
— As mais pobres?

4—Em que Estado do Brasil foram descobertos monumentos históricos de época anterior à dos Incas:
— Em Mato Grosso?
— No Maranhão?
— Em São Paulo?

5—Em que Estado brasileiro viveu e estudou nossos fósseis, o sábio Peter Wilhelm Lund:
— No Ceará?
— Em Alagoas?
— Em Minas Gerais?

6—Que representa Elias Antônio Lopes, na história do Rio de Janeiro?
— Foi grande abolicionista carioca?
— Foi quem doou a Quinta da Boa Vista a D. João VI?
— Ou o construtor do primeiro engenho de açúcar?

7—Os ônibus de dois andares no Rio:
— Existiram há mais de cem anos?
— Foram extreados pela «Light»?
— Ou nunca existiram no Rio?

8—Em qual destas zonas do Brasil se encontra a maior salinidade do Oceano Atlântico:
— De Santos a Pôrto Alegre?
— Do Ceará à Bahia?
— Do Piauí ao Pará?

9—Como se chamava o Escrivão da armada de Cabral:
— Fernão de Magalhães?
— Américo Vespúcio?
— Pero Vaz de Caminha?

10—Qual destas lagoas é a maior:
— A dos Patos, no Rio Grande do Sul?
— A Manguaba, em Alagoas?
— A Feia, no Estado do Rio?

11—Qual destas baías é a maior:
— A de Guanabara?
— A de Todos os Santos?
— A de Paranaguá?

12—Quantos contos de réis custou ao Brasil, o Território do Acre:
— 200 mil?
— 25 mil?
— 40 mil?

13—Quem foi que mandou enforcar Tiradentes:
— D. João VI?
— D. Maria I?
— D. Sebastião?

14—Qual o país que possui o melhor sal do mundo:
— A Turquia?
— O Brasil?
— A França?

15—A qual destas companhias aeroviárias se deve a inauguração dos serviços comerciais no Brasil:

— A Panair?
— A Vasp?
— A Varig?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: um gênio em pessoa.

(Respostas na página 45)

JANELA SÔB





AS XIFÓPAGAS ALEMÃS — Faz pouco tempo, apareceram nos Estados Unidos gêmeos ligados pela cabeça. Agora, nascem duas crianças xifópagas, também pregadas pelo crânio. Lotti e Rosemarie Knaak, filhas de um funcionário dos Correios da Alemanha, estão vivas. Sua mãe, Lieselotte Knaak, aparece aqui exibindo-as ao fotógrafo, como faz num circo, a fim de obter recursos para mantê-las. Mas a Justiça do país já interveio, proibindo o espetáculo, e ordenou que fôssem apreendidas e internadas numa creche. Antes disso, várias instituições de caridade se prontificaram a ficar com as crianças. (Fotografia fornecida pela U.P.).

QUE É QUE HÁ? — Durante os preparativos para as festas da coroação de Elizabeth II, bem como no dia das solenidades e depois das mesmas, muitos episódios curiosos foram registrados nos lares inglêses. Esta garotinha, por exemplo, Patricia Tucker, não aceitou, de maneira alguma, outro vestido que não fôsse um feito com as côres e formas da bandeira inglêsa. Sua mamãe teve que comprar fazendas especiais e cortar o vestidinho da «baby» Tucker, experimentá-lo e vesti-la para o grande dia. E, além do vestido, uma bandeira. Patricia não é sopa, não. Na foto, parece que está perguntando, enjoadíssima: «Que é que há?».

- Os Estados Unidos estão dispostos a celebrar, com o govêrno da Bolívia, um convênio comercial com base na compra de estanho. No mesmo tratado se fará menção de ajuda a problemas bolivianos de grande importância.

- O govêrno francês está disposto a conceder ao Cambodja e demais Estados Associados da Indo-China tôda a liberdade de que precisem, contanto que continuem a fazer parte da «Union Française». Essa condição não é aceitável.

- Durante as comemorações do dia 4 de julho, data da Independência dos Estados Unidos, morreram 385 pessoas vítimas de acidentes, especialmente nas estradas de rodagem. Por mais que se procure evitar isso, não diminuem as mortes.

- O Atlântico acaba de ser atravessado pelo navegador solitário, Colin Fox, de 32 anos, de nacionalidade inglêsa, o qual viajou em pequeno e frágil veleiro, da Inglaterra às costas dos Estados Unidos, ancorando no litoral de Maryland.

- O primeiro ministro Shigeru Yoshida, do Japão, declarou hoje, na Câmara dos Deputados, que o Japão deseja que as tropas americanas deixassem o país o mais breve possível. Antes disse, porém, deveria o Japão estar suficientemente armado.

- Verificaram-se em Calcutá generalizados movimentos de rebelião popular contra o aumento de passagem nos bondes e ônibus. O povo enfurecido queimou veículos e atacou repartições públicas. A polícia foi impotente.

- Na visita que acaba de fazer à Argentina, o presidente Ibanez, do Chile, foi aclamadíssimo pela imensa multidão que enchia a praça de Mayo. O povo delirou quando os dois chefes de Estado, Peron e Ibanez, se abraçaram.

TARADÓPOLIS

«Cidade dos Tarados», já estão chamando a esta bela e acolhedora cidade do Rio de Janeiro, em virtude dos repetidos casos de selvajaria praticados por indivíduos sem nenhum sentimento de moral, contra jovens, e até contra senhoras casadas, no centro da capital. O mais recente caso é o daquela mulher que, voltando de uma visita, seguia de táxi para sua residência, e, ao passar pela Esplanada do Castelo, é assaltada por soldados da Polícia Militar. Sofreu os maiores vexames na garagem sob o monumento de Rio Branco, quando é salva pela RP. Não há dúvida: Taradópolis, sem tirar nem pôr.

- Anuncia-se da Coréia do Sul, que, se o presidente dêste país, sr. Synghman Rhee, continuar a guerra após o armistício, as fôrças anglo-americanas se retirarão da linha de batalha, deixando a luta sob a responsabilidade de Rhee.

- Segundo informações da Agência de Informações do Oeste, com sede em Berlim Ocidental, continuam os levantes populares em vários dos Estados sob o domínio russo, a exemplo do que acaba de suceder na Berlim Oriental.

- A imprensa russa atacou fortemente a política exterior dos Estados Unidos, citando nominalmente o secretário de Estado John Foster Dulles, pelo fato de não terem aceitado a sugestão de Sir Winston Churchill, para uma reunião com a Rússia.

- A situação do primeiro Ministro De Gasperi só será decidida na próxima semana, quando o velho e popular político italiano resolverá se fica, ou não, à frente do Conselho de Ministros. Tôda a Itália está inquieta diante da crise.

- Noticia-se de Atenas que a Rússia está disposta a restabelecer suas relações diplomáticas com a Grécia, nomeando embaixador para aquêle país. Os observadores políticos de Atenas recebem com desconfiança tais sugestões.

RE O MUNDO

O FRIO

O polo sul, cansado de acumular gêlo, despachou para o norte uma camada de frio. O fenômeno, normal em tais épocas do ano, veio, porém, com muita intensidade. Nos Estados do Sul, a neve emoldurou de Natal os pinheiros e atraiu às praças a meninada, que recebeu a novidade com as maiores expansões de alegria. Mas em S. Paulo e Paraná o frio trouxe quedas gerais de geada, e isso significou milhões de sacas de café perdidas. Até hoje ainda não se organizou uma Companhia de Seguros contra os efeitos das geadas, o que traria absoluta tranqüilidade entre os cafeicultores dos dois Estados.

OS ÍNDIOS

Não são os selvagens, de tacape e inúbia: os índios de que falamos são os cinematográficos, isto é, os «Oscars» brasileiros. Mereceram os triunfos, como os melhores de 1952, os seguintes artistas e técnicos: Anselmo Duarte, Tônia Carrero, Oscarito, Emílio Castelar, Josette Bertal, José Lewgoy e Raquel Martins, e Alberto Cavalcânti, como o melhor diretor. O filme que obteve o primeiro lugar foi «Simão, o Caolho», com Mesquitinha no primeiro papel; mas êste nada obteve. Também receberam «índios», Joaquim Menezes, Adolfo Cruz e Manoel Jorge, os dois primeiros da imprensa, e o último, do rádio.

● Por se achar na ocasião em Londres, aonde fôra conferenciar com Churchill, não pôde o sr. De Gasperi, primeiro ministro, assistir à instalação do novo Congresso Legislativo italiano. Tôda a Itália acompanha a atitude do Congresso, da qual resultará a sorte de De Gasperi.

● Notícias de Cleveland, Estados Unidos, informam que os cientistas que trabalham nas pesquisas sôbre a paralisia infantil, declararam que, dentro em pouco, os conhecimentos que já têm da moléstia proporcionarão meios seguros ao combate à poliomielite.

QUEM DISSE ISSO?

1—O tempo é o forjador da amizade.
2—O amor nasce de quase nada e morre de quase tudo.
3—O beijo é a suprema eloqüência do amor.
4—E' vil e desonroso caluniar os infelizes.
5—Existem tantos caracteres quantas são as caras no mundo.

● A rainha Elizabeth e seu espôso, o Duque de Edimburgo, participaram, no dia 24 de junho, das cerimônias religiosas na catedral de Saint Giles, em Edimburgo, capital da Escócia, atos êsses que são considerados pelos habitantes do país como "a pequena coroação" da rainha.

● Noticiam de Londres que Sir Winston Churchill já escolheu a comitiva que o acompanhará à conferência das Bermudas, achando-se entre os que a comporão, lord Alexander, ministro da Defesa, e lord Cherwell, tesoureiro e pagador geral. A reunião das Bermudas será muito importante.



PARA ENTRAR NA ABADIA — Conseguir acesso à Abadia de Westminster, no dia da coroação de Elizabeth II, da Inglaterra, não era fácil. Para isso, era preciso que a pessoa exibisse um convite com tôdas as formalidades. Dentre as 7.600 pessoas que tiveram permissão, estava a jornalista americana, Ignez Robb, que vemos nesta foto, tôda sorridente, mostrando o diploma que lhe permitiu assistir a um dos maiores acontecimentos dos últimos tempos e a mais bela e empolgante cerimônia de coroação que já houve na imensa história do Império Britânico. E o documento precioso diz: «Por ordem da Rainha o Earl Marshall pode convidar...»

A SEMANA ASTROLÓGICA

Indicações do seu horóscopo entre 25 e 31 de julho de 1953
(Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

CARNEIRO — (21/9-20/10) — Continuarão as favorabilidades da semana anterior, no seu caso. Suas possibilidades para um reajustamento nas relações estarão aumentadas, advindo da circunstância, o reatamento de uma boa amizade.

TOURO — (21/10-20/11) — Vai haver uma reação salutar na ambiência dos astros, beneficiando-o particularmente. E' conveniente, porém, não precipitar as soluções planejadas. Deixe que as coisas andem naturalmente.

GÊMEOS — (21/11-22/12) — Um período calmo, na ordem doméstica e de melhor e maior produção na órbita profissional, eis o que lhe será oferecido na semana entrante. Contudo, haverá grandes e perigosas desfavorabilidades no setor das viagens.

CANCER — (23/12-20/1) — Haverá uma desilusão de natureza muito íntima. Seu desgôsto será profundo e isso o desencorajará bastante. Se reagir como deve, seu astro o ajudará a vencer a crise. Êle estará forte e operante.

LEÃO — (21/1-20/2) — Uma sobra apreciável será registrada na sua economia, presumindo-se, assim, um período favorável à produção e às finanças. Os melhores dias, na semana, serão 27 e 30.

VIRGEM — (21/2-22/3) — O barco que lhe conduz o destino continuará singrando um verdadeiro mar de rosas. As favorabilidades atingirão sua vida sentimental e social, possibilitando-lhe as aspirações nesses dois setores.

LIBRA — (23/3-20/4) — A fase será de absoluto equilíbrio doméstico, econômico e financeiro. Tenha cuidado, porém, com os dependentes, filhos, empregados, etc. O ambiente estimulará a indisciplina e até mesmo as traições.

ESCORPIÃO — (21/3-20/5) — Ausência completa de chance no jôgo e nas amizades. Viva uma fase de retraimento, confinado nas ocupações profissionais e no lar. Deixe passar a onda.

SAGITÁRIO — (21/5-23/6) — Estará sujeito a sofrer, imediatamente, as conseqüências impostas por suas indiscreções e facilidades. O regime ainda é de desfavorabilidades. Fixe bem as recomendações anteriores.

CAPRICÓRNIO — (24/6-22/7) — Seu ambiente, nesta semana, será relativamente fraco, comparado com o da semana anterior. Contudo, poderá movimentar e ativar seus negócios, pois ainda terá possibilidades de êxito. Os dias 26-27 e 29 serão os mais aproveitáveis.

AQUÁRIO — (23/7-21/8) — A ronda passou e não voltará tão cedo. Aproveite o momento favorável que os astros lhe vão dar nesta semana, para refazer-se dos prejuízos. Duplique as atividades, pois tudo dará certo.

PEIXES — (22/8-20/9) — O ambiente astral continuará favorável, excetuando-se apenas, as investigações psíquicas. Não freqüente sessões, tanto do baixo como do alto espiritismo. Uma obcessão é, agora, muito possível, em virtude da fase de extrema credulidade religiosa porque vai passar.

OS NOMES DA SEMANA

Julho 25 — Romário — Ediberta
" 26 — Cândido — Josefina
" 27 — Lídio — Sofia
" 28 — Timóteo — Iná
" 29 — João — Egídia
" 30 — Augusto — Augusta
" 31 — Tésio — Aurea.

EFEMÉRIDES DA SEMANA

(Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich)

Julho	25	2º 13' 58"	(Signo do Leão)
"	26	3º 11' 16"	(" " ")
"	27	4º 8' 34"	(" " ")
"	28	5º 5' 55"	(" " ")
"	29	6º 3' 16"	(" " ")
"	30	7º 0' 37"	(" " ")
"	31	7º 58' 00"	(" " ")

ÁLBUM — REVISTA DA SEMANA

COMBINAÇÕES CONTEMPLADAS NO SORTEIO DA LOTERIA DE SÃO JOÃO DE 1953:

1º prêmio — Um aparelho de TV, no valor de Cr$ 25.000,00, ao Album nº 54.130.

2º » — Um terreno de 12x30, em Duque de Caxias, no valor de Cr$ 20.000,00, ao Album nº 30.743.

3º » — Uma máquina de escrever, no valor de Cr$ 6.000,00, ao Album nº 43.225.

4º » — Uma máquina de costura, no valor de Cr$ 5.000,00, ao Album nº 25.699.

5º » — Um prêmio de utilidades domésticas, no valor de Cr$ 1.000,00, a cada Album com a terminação 4.130.

6º » — Um prêmio de utilidades domésticas, no valor de Cr$ 200,00, a cada Album com a terminação 130.

7º » — Uma bicicleta motorizada, no valor de Cr$ 4.000,00, ao Album nº 54.129 (aproximação do 1º prêmio).

8º » — Uma bicicleta motorizada, no valor de Cr$ 4.000,00, ao Album nº 54.131 (aproximação do 1º prêmio).

9º » — Uma enceradeira elétrica, no valor de Cr$ 2.500,00, ao Album nº 30.742 (aproximação do 2º prêmio).

10º » — Uma enceradeira elétrica, no valor de Cr$ 2.500,00, ao Album nº 30.744 (aproximação do 2º prêmio).

11º » — Um liquidificador, no valor de Cr$ 1.500,00, ao Album nº 43.224 (aproximação do 3º prêmio).

12º » — Um liquidificador, no valor de Cr$ 1.500,00, ao Album nº 43.226 (aproximação do 3º prêmio).

13º » — Um serviço para café, no valor de Cr$ 1.000,00, ao Album nº 25.698 (aproximação do 4º prêmio).

14º » — Um serviço para café, no valor de Cr$ 1.000,00, ao Album nº 25.700 (aproximação do 4º prêmio).

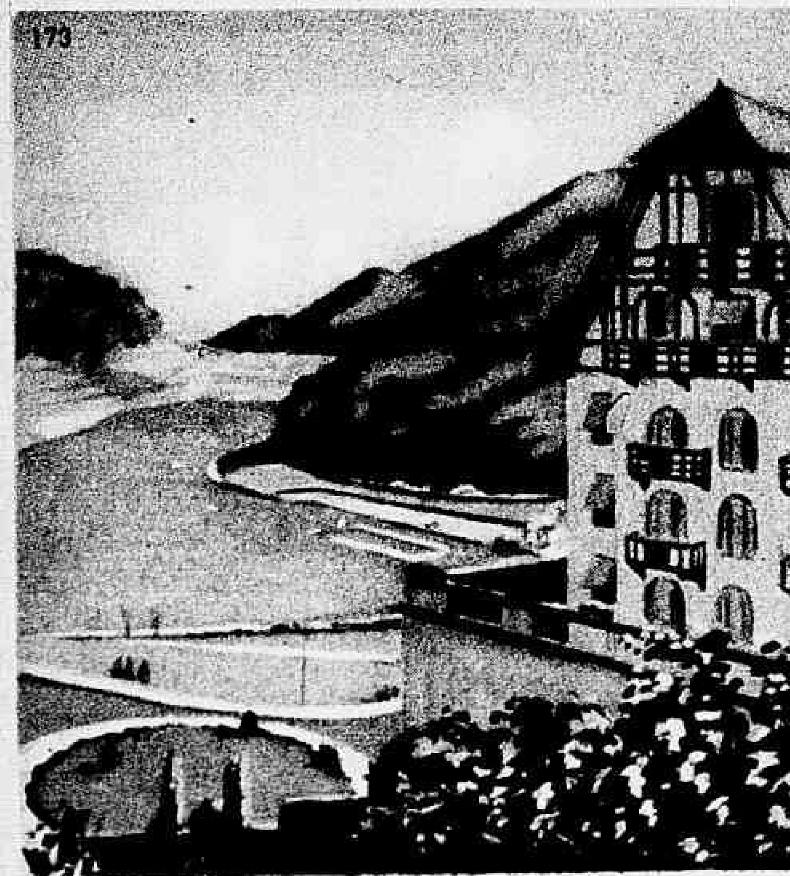


Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. — Rua Visconde de Inhaúma nº 134 — Rio de Janeiro

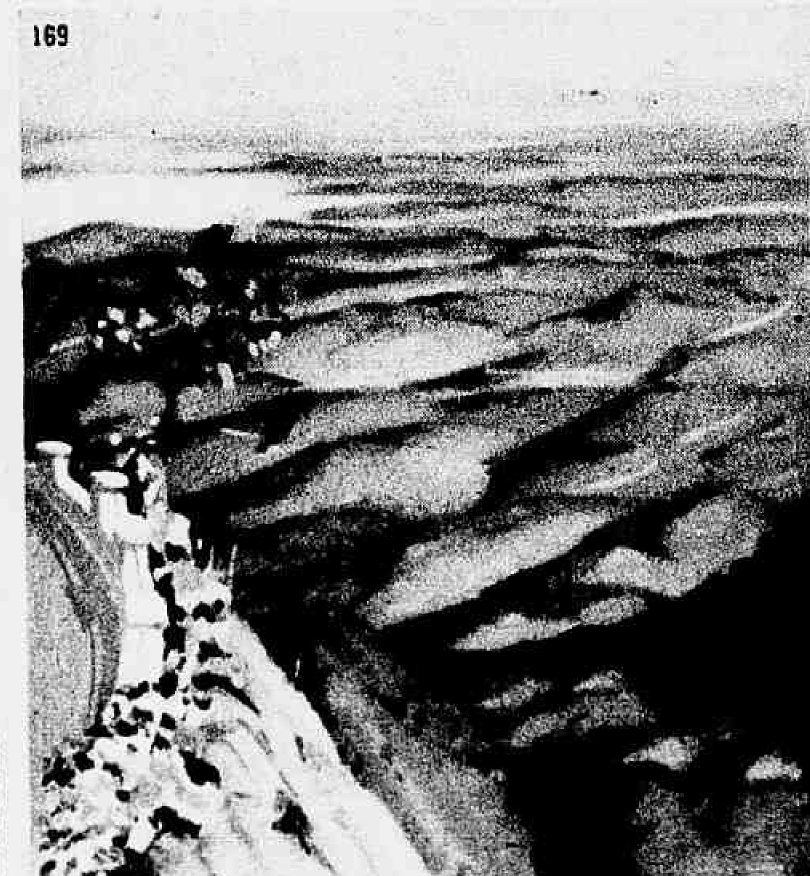














Antes de ser cremado o corpo, são retirados todos os objetos de metal, como anéis, pulseiras, etc., e lançados às águas do rio Ganges.

A MORTE EM CALCUTÁ

A PESTE MATA MILHARES DE [illegible] ANUALMENTE ★ EM VISTA DAS CRENÇAS RELIGIOSAS É DIFÍCIL EDUCAR-SE O POVO NO SENTIDO DA PROFILAXIA ★ A CÓLERA, O GRANDE [illegible]

Reportagem de PAUL [illegible]

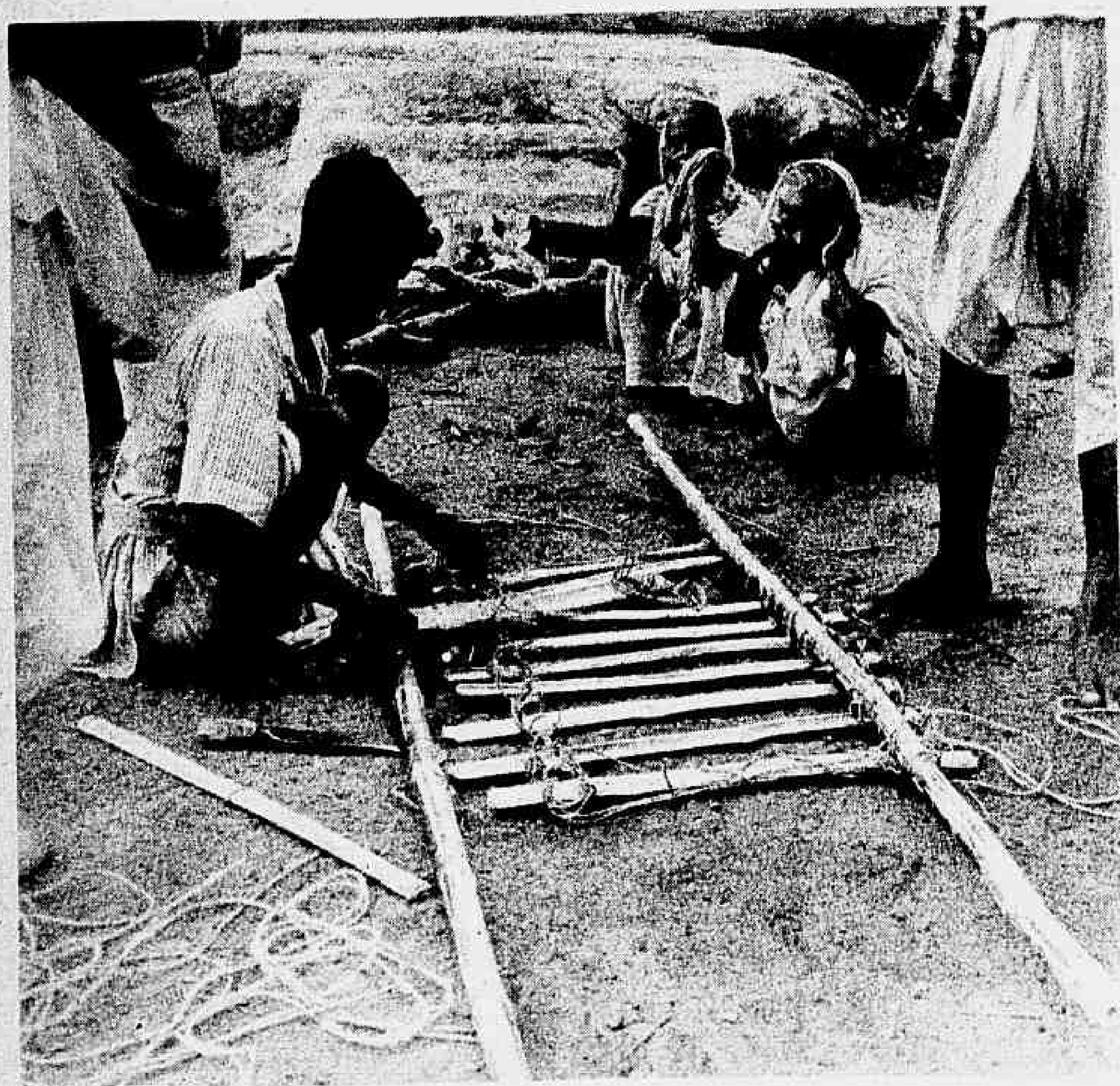
A Índia, com seus trezentos milhões de habitantes espalhados sôbre uma área de um milhão e cem milhas quadradas, o que dá, aproximadamente, a têrça parte da extensão territorial do Brasil, é uma nação castigada pelas mais terríveis epidemias. Não se falando nas pequenas povoações do interior, onde reina o mais terrível atraso, examinemos um dos mais dolorosos aspectos de sua mais importante e populosa cidade, a colossal Calcutá, às portas do Golfo de Bengala, no Oceano Índico, à margem esquerda do Ganges, o rio sagrado dos hindus. Calcutá tem uma população que sobe a mais de dois e meio milhões de habitantes. Tem seus bairros ocidentalizados, um comércio dos mais movimentados e, em alguns subúrbios, a população miserabilizada pela mais triste pobreza. Ao sul de Calcutá se ergue o templo de Kali, em cujo adro, limitado por um portão, os mortos da cidade são queimados e suas cinzas jogadas no rio, quando não são comidas pelas vacas que andam tranqüilamente pelas ruas da cidade.

Atualmente Calcutá está sob o terror da **cholera morbus**, e, segundo informações oficiais do próprio Ministério da Saúde, estão morrendo, diàriamente, duzentas pessoas, especialmente da classe pobre. Os entendidos acham que essa cifra está muito aquém da verdade, morrendo talvez o dôbro dêsse número. É que não há um contrôle perfeito para que se encontre, exatamente, o total de vitimados pela peste. Muitas famílias de situação humilde conduzem seus entes queridos até Kaligat, à margem do Ganges, e ali os queimam, sem a menor formalidade. As fogueiras ardem dia e noite naquele sítio lúgubre e os cadáveres se reduzem a cinzas, como se se tratasse de uma cerimônia vulgar e sem maiores conseqüências. O estrangeiro, que não está habituado a êsse espetáculo tétrico, dificilmente pode acreditar que, dentro daqueles montes de lenha a crepitar ou ainda em preparos, estão cadáveres de indivíduos vítimas de peste ou de qualquer outra doença. No pátio do templo de Kali, quando os corpos chegam em padiolas rústicas, se há fogueira disponível, são imediatamente incinerados; se não, espalham-se pelo terreiro do templo, à espera que vague uma coivara. E

A MORTE EM CALCUTÁ



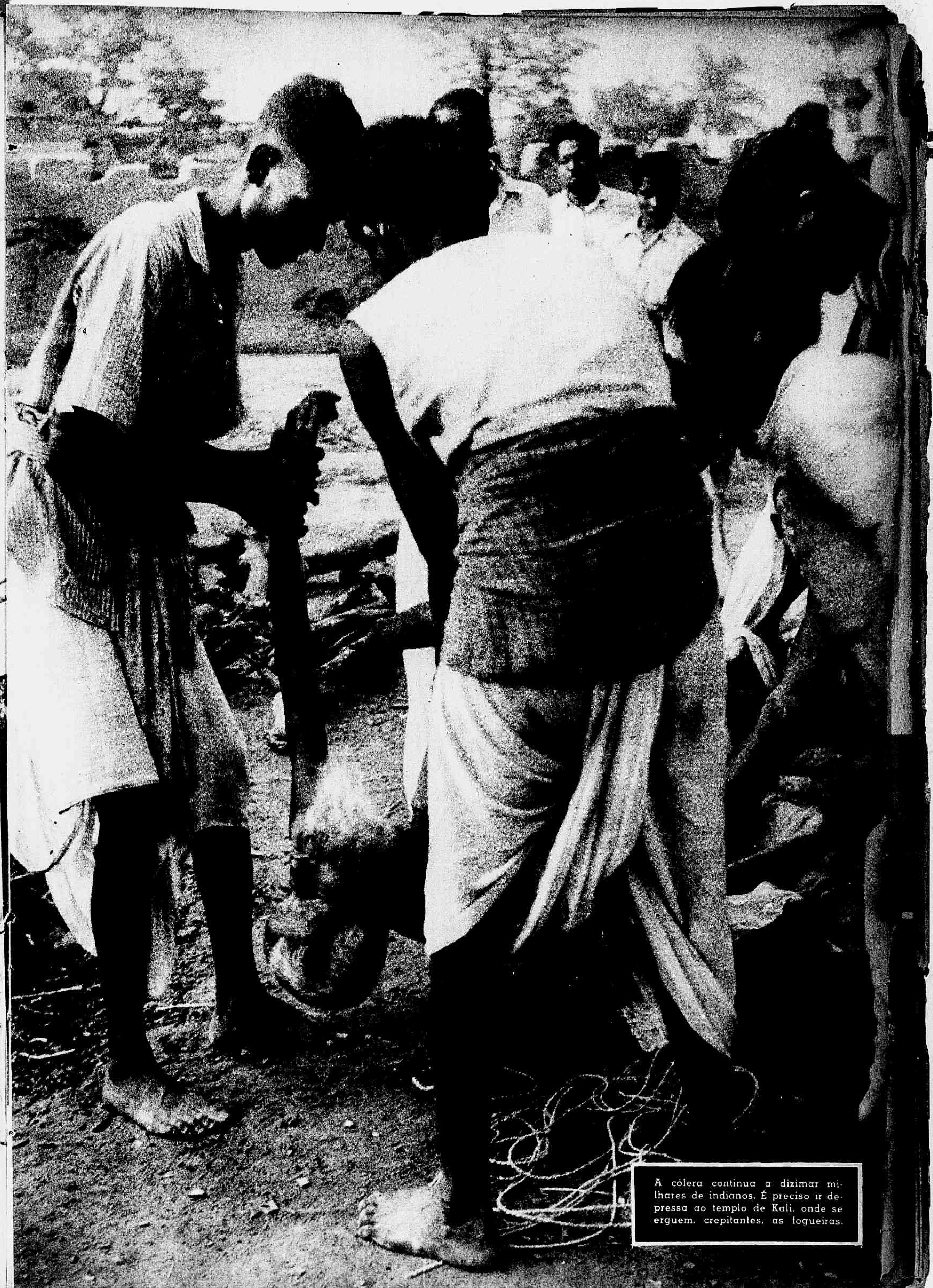
Os corpos são colocados numa espécie de padiola de cordas e varais de bambu. Quando a fogueira está pronta, paga-se a lenha, no valor comum de dez rupias, e o corpo é cremado, sem qualquer cerimônia, ditada pela religião ou pedida pela família a quem pertence o cadáver.



A epidemia continua a matar gente, e os fabricantes de padiolas não têm mais mãos a medir, obtendo, com isso, bons resultados por dia.



As mães embrulham os filhos pequeninos em trapos e os abandonam no chão, afastando-se a seguir, até que sejam devorados pelas chamas.



A cólera continua a dizimar milhares de indianos. É preciso ir depressa ao templo de Kali, onde se erguem, crepitantes, as fogueiras.







O cadáver é colocado sôbre a coivara e sôbre êle se coloca uma outra camada de lenha sêca. Para atear o fogo, são empregados feixinhos de palha.

Uma fumaça forte se ergue e as labaredas começam a crepitar sôbre o corpo inerte. Em volta, alguns espectadores, sob guarda-sol, olham, indiferentes.



crepitar sôbre o corpo
olham, indiferentes.

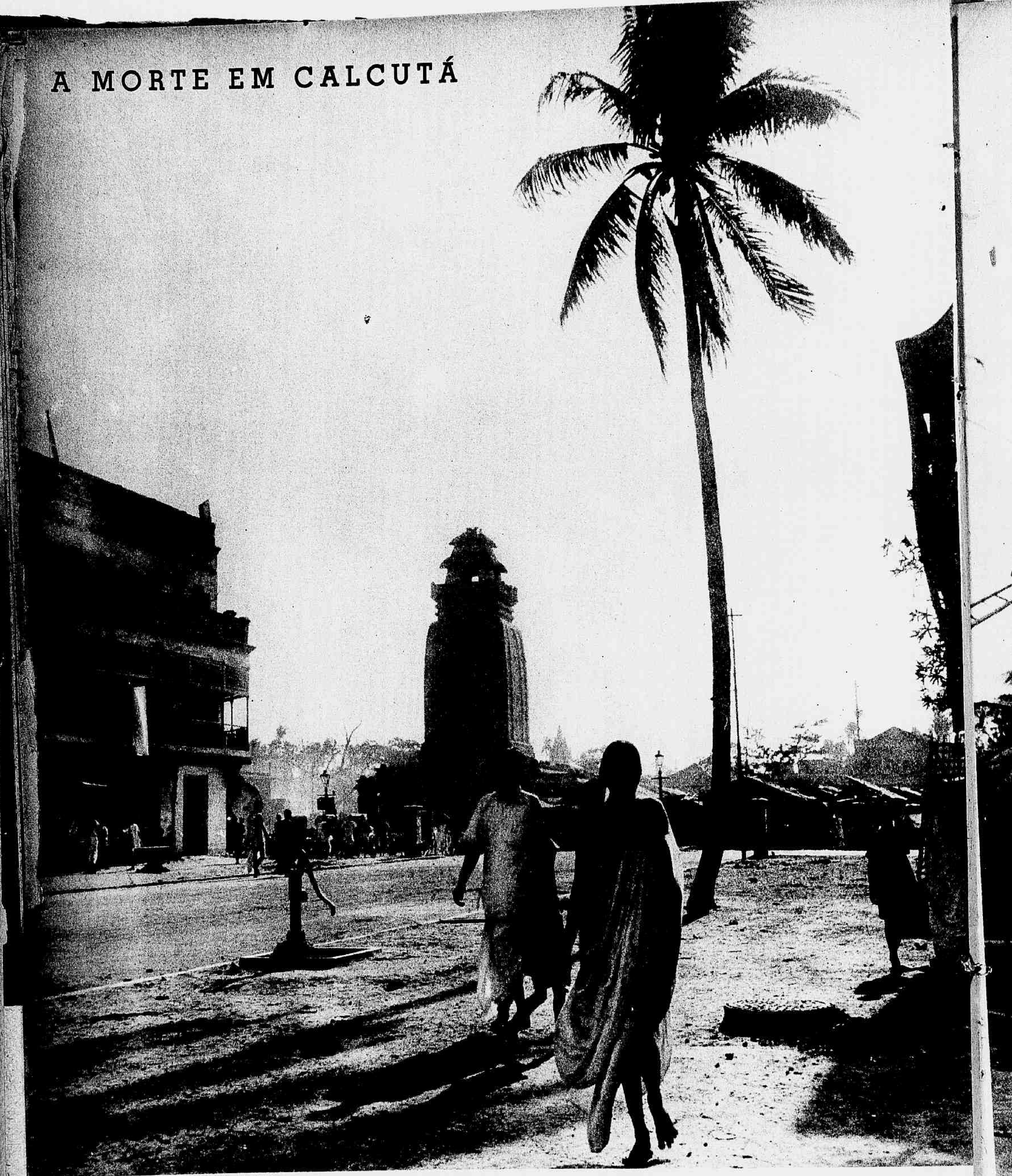


A MORTE EM CALCUTÁ

tudo se faz com a mais estranha naturalidade. Há pessoas a olhar indiferentemente os corpos a queimar, ou em preparos para a fogueira. Aqui, um indivíduo do povo, de pé, a fitar os cadáveres, sem nenhuma expressão de piedade; ali, um outro acocorado, guarda-sol velho, esburacado, aberto para dar-lhe um pouco de sombra. Também nada é do morto estirado sôbre a lenha. E' apenas um curioso, um que nada tem que fazer e vai distrair-se vendo a queima dos pestosos.

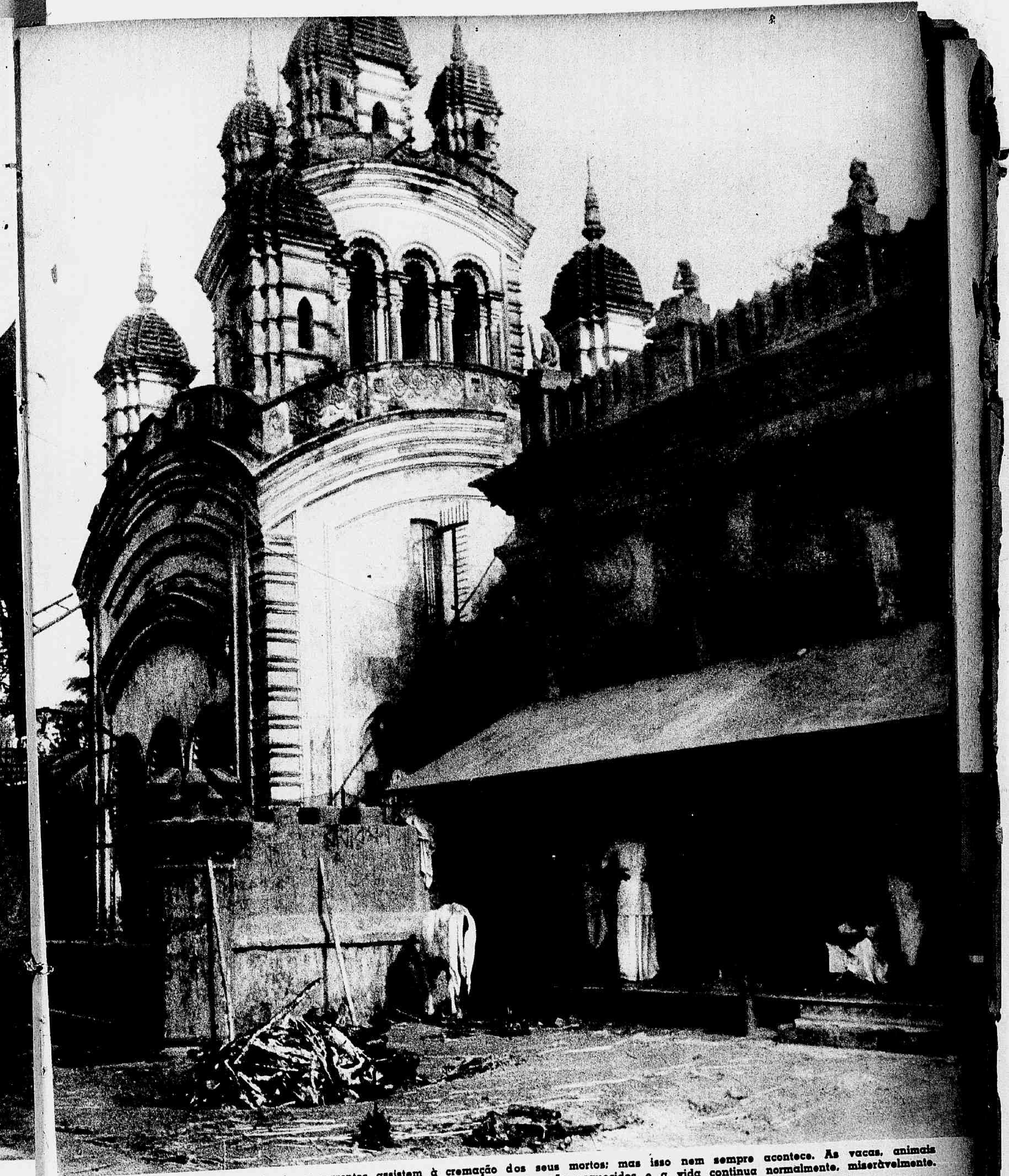
Atualmente não mais se usa cobrir o corpo inerme a incinerar-se com um pano, espécie de mortalha, E' que êste espetáculo, já se toriou muito vulgar trivialíssimo ,e ninguém procura ocultar os cadáveres dos olhos do grande público. A morte em Calcutá é coisa de todos os instantes. Homens, mulheres, velhos e crianças passam, na ronda sinistra, sôbre padiolas em direção das fogueiras. Nem mesmo as crianças são conduzidas em banguês. Basta envolvê-las em trapos, ou mesmo em papel, e

A MORTE EM CALCUTÁ



Ao sul de Calcutá há o templo de Kali, nos subúrbios da grande cidade indiana. É diante dêle que os vivos fazem as fogueiras que hão de reduzir a cinzas os corpos. A incineração é pública, simples, desprovida de quaisquer ritos ou orações. É apenas uma tradição hindu.

levá-las ao fogo, como se fôssem um embrulho de lixo. Ninguém as lamenta, não se vê uma lágrima, uma demonstração de saudade. É a morte nua e crua. Os hindus são fatalistas. Milhões dêles não têm, pròpriamente, uma religião, e sim crenças de natureza filosófica, achando que a metempsicose é a lei da vida e da morte. São imbuídos de conceitos mais de ordem moral do que setarista. Os «gurus», por exemplo, são mestres de filosofia, mas não forçam ninguém a crer no que êles sentem em face da vida. Um «iogui» também não é sacerdote de



À sombra do templo de Kali, alguns parentes assistem à cremação dos seus mortos; mas isso nem sempre acontece. As vacas, animais sagrados, comem, às vêzes, as cinzas que restam. Depois disso, os mortos são esquecidos e a vida continua normalmente, miseràvelmente.

nenhuma religião, e sua natureza é dirigida apenas para a fôrça moral superior à dor física. Não é fácil combater a peste na Índia, pois, para os naturais do país, no corpo de um animal vivo pode estar o espírito de um ente querido. Matar o animal será arriscar-se a martirizar a alma do próprio pai, de um filho, da espôsa, de um parente amado... E mesmo na realidade, quando se sabe que a peste é transmitida pelos ratos, êles não acreditam. E, assim, vai a morte dominando em Calcutá, sem qualquer combate, sem a mais leve resistência.

A BEM AMADA

Ilustração de RAMON

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Romance de THOMAS HARDY

A maldição que se entranhara nas qualidades de seu temperamento (se não fôsse uma bendição) estava, contudo, muito longe de consumar-se.

Em sentido ao que Pierston levava, erguiam-se, sombrias e quadrangulares, as ruínas do castelo em frente ao mar. Naqueles arredores muito brincara êle, quando criança. Seguiu o muro até a borda do alcantilado, engolfado em suas meditações. O vento estava parado. Era débil o marulhar das ondas, quando acreditou Pierston ter ouvido uma voz conhecida, de muito tempo. Era apenas uma voz, que saía do lado das rochas sob as ruínas do castelo.

— Senhora Atroay!

Seguiu-se silêncio. Nada mais veio. Mas a voz ressoou pela segunda vez:

— Juan Stoney!

Também a esta outra chamada ninguém respondeu. Depois se ouviu um grito ainda mais súplice:

— Guilherme Scribben!

Não havia dúvida de que a voz era de uma Pierston. Acaso seria da jovem Avícia? Algo parecia detê-la ali embaixo contra a sua vontade. Uma vereda escarpada, que descia do alto, passava um pouco mais abaixo dos penedos e das ruínas do castelo e levava ao nível inferior, de onde vinha a voz. Pierston se meteu pelo estreito caminho e não tardou em descobrir uma jovem vestida com trajes domésticos. Era a mesma a quem êle vira quando em visita a Avícia. A moça estava sôbre uma rocha e parecia impossibilitada de mover-se. Pierston correu pressuroso para ela.

— Oh! Muito agradecida por ter vindo — murmurou ela, um tanto tímida. — Fui vítima de ligeiro e desagradável contratempo. Vivo perto daqui e, em verdade, não sou medrosa. Mas meti um pé numa brecha da pedra e, por mais que tente, não posso retirá-lo. Que farei?

Abaixou-se Pierston, para ver a situação da prisioneira, e disse:

— Parece-me que você poderá libertar-se, deixando o sapato dentro da fenda e retirando o pé.

A jovem procurou fazer o que lhe dizia o desconhecido, mas nada conseguiu. Pierston, então, experimentou meter a mão pela abertura da rocha até alcançar os botões do calçado, mas não deu resultado, pois não os atingia suficientemente. Recorreu, então, a um processo mais drástico, e, com um canivete, pelo tato, cortou os botões, um a um. Dêste modo, aberta a botina, pôde a jovem retirar o pé.

— Oh! Como estou contente! — exclamou, alegre. — Tive mêdo de ficar aqui tôda a noite. Como poderei agradecer-lhe o que acaba de fazer-me?

Pierston estava muito ocupado, então, com a tentativa de retirar o calçado lá de dentro, mas sem nenhum resultado.

Finalmente, disse ela:

— Não é preciso continuar no esfôrço, senhor. A casa não está longe, e poderei andar mesmo de meia.

— Eu a ajudarei — disse êle.

Respondeu ela que não precisava de ajuda; mas, não obstante, consentiu que o acompanhasse do lado do pé descalço. Quando começaram a andar, explicou ela que havia saído pela porta do jardim, para contemplar o espetáculo que oferecia o mar iluminado pela lua, e, ao dar um salto mais para baixo, meteu o pé numa brecha das rochas, ficando como êle acabava de ver.

Quaisquer que fôssem os anos que Pierston aparentasse de dia, na obscuridade da noite dava a impressão de um homem agradável e não muito velho, pois seu todo diferia muito pouco do que tinha aos trinta anos de idade. Estava bem conservado, ainda aprumado, sempre bem barbeado e ágil nos movimentos. Trajava no momento um terno bem feito e que lhe dava elegância e galhardia; em suma: podia ter a idade que ela imaginava ter êle naquela ocasião. Falava-lhe a jovem em tom de igualdade, como se estivesse supondo não ser Pierston muito mais velho do que os de sua própria geração; e, como a noite ia-se adiantando, Pierston se aproveitou da penumbra para dar à sua pessoa tôda a aparência que confirmava aquela suposição.

A desenvolta e inocente liberdade de uma senhorita de balneário, que Avícia havia, evidentemente, adquirido durante sua permanência no colégio de Sandbourne, favoreceu grandemente a Pierston neste papel de galã jovem, que não lhe era difícil desempenhar. Não lhe disse êle uma só palavra sôbre seu nascimento também na ilha, e ainda com maior cuidado ocultou a circunstância de haver cortejado sua avó e lhe dado palavra de casamento.

Soube Pierston que a jovem havia saído a passear pelas rochas pela mesma portinha privada do jardim do moderno castelo, que tão freqüentemente a êle mesmo tanto havia facilitado a saída às mesmas paragens, muitos anos passados. Pierston a acompanhou até muito perto da porta de entrada da mansão, a qual estava mais bem cuidada e com jardim mais frondoso do que quando a alugara para passar uma temporada. Quase haviam restaurado o castelo, até pô-lo na mesma disposição e pureza que o caracterizava quando era êle rapaz.

Aquela jovem era tão espontâneamente comunicativa como havia sido sua avó, e durante aquela curta ascensão, apoiada no braço de Pierston, houve ocasião para iniciar alguma familiaridade. Quando Pierston se despediu da moça e a viu entrar em casa, deixando-a na obscuridade da noite, uma onda de tristeza lhe invadiu a alma, destruindo tôda a momentânea felicidade que sentira na encantadora companhia da terceira Avícia. Se Mefistófeles surgisse do solo e oferecesse a Jocelyn o rejuvenescimento nos têrmos habituais — obrigando-se a firmar seu nome, com a condição de que o escultor lhe vendesse parte de seu corpo, do qual não tinha tão imediata necessidade, como daqueles vermelhos lábios, faces coradas e belo semblante, — Pierston fecharia o negócio.

Mas o que a estranhos só poderia parecer loucura, era, para êle, uma tentação entre pesares. Por que havia nascido com tal temperamento? Pierston meditava na persistência da semelhança entre membros das famílias daquela povoação, cujas gerações mantinham características físicas persistentes de filhos a netos, de maneira impressionante, fenômeno curioso e dificilmente encontradiço fora dali. As três Avícias, a segunda um tanto semelhante, e a terceira, glorificação da primeira, eram, em todo caso, resultado dos imemoriais costumes da ilha a respeito dos casamentos endógamos, isto é, sempre de pessoas da mesma linha familial, e da união pré-nupcial de tal maneira, que o tipo fisionômico se ia transmitindo quase uniforme de pais a filhos, através das várias gerações, de modo que, até não fazia muito tempo, vendo-se um homem e uma mulher nativos, era o mesmo que ver a tôda a população daquela solitária penédia, pouco separada da terra firme.

Melancòlicamente, deu Pierston a volta ao castelo, distanciando-se daqueles pinturescos arredores. Antes de iniciar a caminhada pelas duas milhas de estrada que teria de vencer até a povoação da costa, voltou novamente às pedras em que a havia encontrado, quando a brecha havia aprisionado o pèzinho daquela tão terrìvelmente retardada imagem de sua inatingível Bem Amada. Tentou novamente retirar da fenda o sapato de Avícia. Meteu o braço até o fundo e, depois de muito esfôrço, arrancou de lá de dentro o calçado. Olhou por momentos aquêle troféu. Meteu-o na algibeira e caminhou pela estrada pedregosa de **Street of Wells**.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Jocelyn Pierston, escultor residente em Londres, natural de uma povoação situada numa ilha da costa inglêsa, depois de noivar com várias jovens, se conservara solteiro. Seu primeiro e maior amor foi com Avícia Caro, amiga de infância. Avícia se casou com um primo, o qual tinha o mesmo sobrenome de Jocelyn: Isaac Pierston. Quando Avícia morreu, já viúva, deixou uma filha, que era o seu retrato: Ana. Pierston fêz tudo para desposá-la, mas a jovem não o aceitou e confiou-lhe um segrêdo: era casada. Pierston soube que o marido de Ana a abandonara. Providenciou, então, para a reconciliação, o que alcançou. No dia em que Isaac regressava ao lar, Ana dava à luz uma menina. Pierston viajou para a Itália, e lá, anos depois, soube que Ana ficara viúva. Correu à ilha, indo encontrar a segunda Avícia morando na mesma casa em que êle nascera. Com surprêsa, conheceu a filha de Avícia, aquela que nascera quando êle e o pai estavam em acertos para a reconciliação do casal brigado. Pierston, embora visse de certa distância a neta de sua primeira noiva, ficou encantado com sua beleza. Pierston continuava, ainda, aos 61 anos, a procurar o tipo ideal de sua inatingível Bem Amada.

CAPITULO XXV

Para visitar, tantas vêzes quantas quisesse, a mãe da nova Avícia, não encontrava Pierston outro obstáculo senão as cinco milhas de estrada de ferro e as outras duas de costa escarpada, que tinha que subir até as alturas da ilha. Assim foi que, dois dias depois, repetiu a viagem, e, à hora do chá, anunciou-se à porta da viúva. Como havia imaginado, a filha não estava em casa. Sentou-se junto à antiga querida de seu coração, que, em passados dias, eclipsara sua mãe, e agora estava eclipsada por sua filha. Pierston tirou o sapato do bôlso.

— Então, **foi você** quem livrou Avícia da encrenca lá das pedras?

— Sim, querida amiga; e quero que você agora me ajude a sair



da minha antes de acabar nossa conversa. Bem, mas não importa agora isto. Que lhe disse ela do episódio?

A sra. Pierston o olhava pensativa, e lhe replicou, com visível interêsse:

— Pois me parece estranho que tenha sido o senhor. Pensei que houvesse sido um jovem... Outro, muito mais jovem.

— Podia sê-lo, no que toca aos sentimentos... Agora, Avícia, irei diretamente ao assunto. Virtualmente, faz muitos anos que conheço sua filha. Ao falar com ela posso antecipar os vôos do seu pensamento, suas emoções, seus atos, pois não foi em vão que fiz tão longo estudo de tudo isso em sua mãe e em você mesma. Portanto, não preciso estudar a terceira Avícia. Estudei-a e a conheci nas suas anteriores existências. Agora, não se assuste. Quero casar-me com ela! Isto me encheria de contentamento, caso não encerrasse nada de estranho, ou uma loucura de minha parte, ou, ainda, degradante para ela, se consentisse. Como sabe você, poderei torná-la relativamente rica e satisfaria todos os seus caprichos. Tal é a idéia, lisa e claramente exposta. Ajustaria em meu ânimo algo que, durante quarenta anos, tem estado desbaratado. Depois de minha morte, teria ela absoluta liberdade e plenitude de meios para desfrutar uma situação invejável.

A mãe de Avícia se mostrou algo surpreendida, mas de maneira alguma assustada, e exclamou, com pitoresca inflexão, na qual, dificilmente, poderia ocultar-se a afetação:

— Eu já imaginava que o senhor estivesse caidinho por ela. Conhecendo, como conheço, o toque sentimental e amoroso do seu temperamento, desde quando passei aquêles anos em sua residência, nada do que faça o senhor a respeito de minha filha pode surpreender-me ou causar-me admiração.

— Mas... não vai você fazer mau juízo de mim, por isso?

— De maneira nenhuma... A propósito: adivinhou para que lhe pedi que viesse até cá?... Porém, agora pouco importa. Já é coisa passada... Naturalmente, o que o senhor me transmitiu dependerá dos sentimentos de Avícia... Talvez prefira casar-se com um jovem.

(Continua no próximo número)



Auriol, a garotinha filha da «estrêla», parece estar dizendo à mamãe: «Será que eu dou mesmo para uma boa amazona?».

PHYLLIS CALVERT VIVE APENAS PARA O LAR

Texto de MONICA PEARSON **Fotos IPA**

A «estrêla» cinematográfica é uma criatura que vive prêsa à teia dos compromissos publicitários, fazendo exatamente aquilo que ela julga que o público espera que ela faça, mesmo que lhe contrarie profundamente a própria natureza e as convicções. Essa criatura, cujo nome ofusca milhões, e, no fundo, uma pobre prisioneira da necessidade de estar em evidência. Uma oferenda auto-sacrifical à deusa da popularidade.

Mas houve uma «star» que rompeu com a velha praxe. Vive apenas para seu lar, para sua carreira e para sua família, desdenhando das oportunidades de ter o nome e a fotografia nas páginas dos jornais, e, por isso mesmo, convertendo-se em «assunto» de primeira água para os jornalistas. Trata-se de Phyllis Calvert, a atriz inglêsa que divide suas atividades entre os estúdios de Londres e de Hollywood, ainda encontrando tempo para curtas aparições nos palcos. Phyllis, quando na Inglaterra, mora em Buckinghamshire, num amplo «cottage» de tijolos vermelhos, em companhia do marido, Peter Murray-Hill, e da filha, Auriol.

QUER SER FELIZ? EVITE A PUBLICIDADE ★ UMA "ESTRÊLA" DO CINEMA QUE É, ACIMA DE TUDO, ESPÔSA E MÃE MODELAR ★ SUA FILHA, JÁ FICANDO MOCINHA, É MAIOR PROBLEMA QUE SEUS COMPROMISSOS ARTÍSTICOS...

RECEITA PARA A FELICIDADE

— Se você quer ser feliz — disse-me Phyllis — procure viver na sombra.

E frisou:







Phyllis, quando está na Inglaterra, reside em Buckinghamshire, em meio de flores, sob os carinhos do marido, da filha e... dos totós...

— Prefiro passar minhas horas vagas cuidando do pomar e respirando o ar saudável dos campos, a meter-me numa «boite» ou participar de uma festa, sòmente para que o meu nome esteja em evidência.

Procura esclarecer.

— Mas não é fácil ter o direito de ser livre. Os contratos são contratos, e precisamos dividr o tempo entre as duas companhias cinematográficas: London Film e J. Arthur Rank, além da companhia em Hollywood. A qualquer momento, posso ser chamada por um dos meus patrões, para cumprir um compromisso. Felizmente, êsses compromissos vão terminar breve e não pretendo renová-los. Quando muito, aceitarei contratos específicos para um filme. Creio que uma ou duas películas por ano e uns dois papéis nos palcos serão suficientes para eu viver. Não almejo riquezas e nem sacrificar minha família à ambição de ser popular.

NÃO SE CONSIDERA «GLAMOUR-GIRL»

Objetou ao meu pedido para que as fotografias fôssem feitas com vestidos diferentes, lembrando que não é uma «glamour-girl», e sim uma atriz, mãe de família e que acredita ter o valor suficiente para abrir mão dêsses processos de popularidade. Afirmou que a vida lhe reservou um papel de grande importância, e que ela pretende desempenhá-lo a contento, aos olhos do Criador:

— Minha filha está crescendo e diàriamente me apresenta novos problemas, para cuja solução, em breve, terei que sacrificar outras atividades. Não acredito que haja ocupação mais nobre e mais absorvente do que cuidar da criatura a quem demos a vida. Tôdas as minhas horas livres são consagradas à minha filha, e pretendo, com o correr do tempo, dedicar-lhe uma atenção cada vez maior.

E O FUTURO DE AURIOL?

— Quanto ao futuro de minha filha, desejo que seja risonho. Não posso impor-lhe uma carreira. Não digo que ela venha a ser uma atriz, uma dactilógrafa; seja aquilo que o destino quiser, contanto que seja feliz. Minha obrigação é prepará-la para a vida, e procuro cumpri-la com o máximo cuidado. Ensino, aconselho, assisto, protejo. Procuro sempre mostrar-lhe que é mais vantajosa uma vida feliz, confortável, em ambiente saudável, do que viver em meio de aplausos e lisonjas, nem sempre feliz e quase sempre frustrada. E, no meu modo de pensar, nada prejudica mais o viver de uma criatura do que a necessidade de mascarar seus sentimentos, criar uma personalidade fictícia, ostentar um «glamour» artificial.

— Possuo grandes amigos: «Tarquia», um «boxer», e dois pequineses: «Toote» e «Jenny».





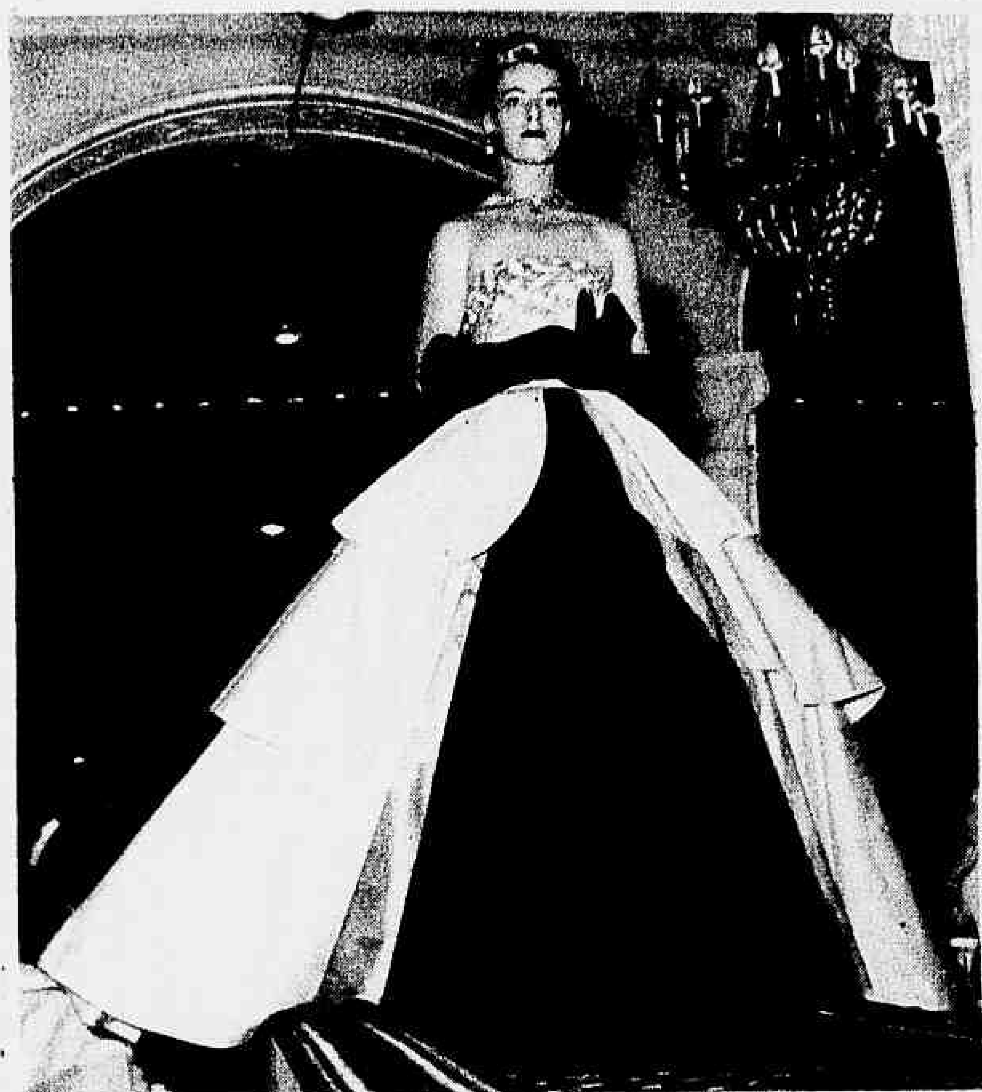
Phyllis Calvert lê muito e divide os trabalhos caseiros com a cultura do espírito, com sua querida filha Auriol e também com «Tarquia».

VANNA, de Milão — Apresenta dois maravilhosos vestidos, um em tafetá azul pálido com laço de veludo que cinge o corpete; o outro em tafetá negro se abre na frente deixando aparecer uma amplíssima saia de "tulle" branco.

BIKI, fêz desfilar êste magnífico vestido em moiré de sêda pura, côr de pérola com luvas e debrum em tôrno do decote em veludo negro. Os botões, da frente da saia, em vidrilho.

Temporada lírica

DENTRO de poucos dias será efetuada a récita inaugural da temporada lírica do nosso Teatro Municipal. Você, leitora elegante, com certeza escolheu a sua poltrona na platéia, para poder se apresentar vestida com o traje de seu sonho: bem rodado, em tecido de luxo. Realmente, as mulheres, de maneira geral, ficam mais belas e mais vistosas quando se vestem a rigor. Escolhemos as criações mais interessantes dentre as coleções italianas e norte-americanas que nos chegaram êste inverno. Neste número da REVISTA DA SEMANA publicamos apenas trajes bem rodados, bem amplos. No próximo, apresentaremos outros, num estilo mais justo, a fim de atender ao gôsto de tôdas as leitoras. Os tecidos mais em moda, êste ano, são o tafetá e o «moiré» de sêda pura. O tule, naturalmente, é sempre de bom gôsto, e a renda sempre resulta numa tualete de muito luxo. Quanto às côres, além do branco e do prêto, como sempre elegantíssimos, pode-se escolher o cinza-azulado e o pérola. — **Flama.**



CETIM branco, com o corpo bordado em lantejoulas. A saia é formada por 3 babados arredondados, deixando aparecer uma outra saia de "tulle" negro.



SOPHIE — Contribui para a elegância de nossa Lírica, sugerindo êste modêlo em "faille" de sêda branca, com 3 camadas superpostas de "tulle" cinza-chumbo, claro, médio e negro. Êste se repete na blusa arrematando o decote caindo em "echarpe" nas costas.



OS SEGREDOS DA ALMA

À LUZ DA PSICANÁLISE

DR. LUIZ FRAGA

AUTO-SUGESTÃO — Os educadores contemporâneos compreendem perfeitamente que a «ARTE DE SUGESTIONAR» é uma das mais delicadas e úteis a conhecer. Mais difícil que ensinar a Matemática, a Física e outras ciências, é fazer amar o bem e formar homens. Será que se pode aprender esta arte e, sobretudo, poder-se-á ensiná-la? Ela exige, como tôdas as outras, qualidades natas sem as quais todos os esforços serão vãos; entretanto, como tôdas as outras artes, igualmente, ela é submetida a regras gerais e precisas que devem ser meditadas. São regras que teremos de interpretar, criticando, de passagem, aplicando-as segundo os casos que se apresentem, para que possamos ter sucesso em nossa obra. O educador terá que se colocar no ponto puramente pedagógico e prático a fim de que as formas de sugestão aplicadas tenham causa e efeito. No primenro plano, ter-se-á de colocar a «auto-sugestão», isto é, a que se faz involuntàriamente a si mesmo. Como ela tem o seu efeito no mais profundo de nosso ser, em nosso temperamento e em nosso caráter, em nossas tendências hereditárias e em nossos hábitos pessoais, concebe-se que ela apresente aspectos variáveis, segundo os tempos e os indivíduos. Pôsto que os meios sejam insuperáveis, porque dependem do conhecimento, da «finesse» e do tato de cada mestre, poderemos dividir, entretanto, em duas classes: uns que são, sobretudo, **meios indiretos e preventivos**, isto é, que têm por fim evitar que certas auto-sugestões surjam no espírito; outros, os **meios diretos e ativos**, destinados quando as sugestões estejam em início de realização, secundá-las, se elas são boas, afogá-las se são más.

● Se é verdade, como a ciência tem demonstrado, que o desenvolvimento do espírito é, quase sempre, correlativo ao do corpo, e que a maior parte das auto-sugestões tem sua causa no jôgo mais ou menos regular das funções físicas, compreende-se a importância que o conhecimento da higiene e fisiologia teria para um educador. Do organismo vem o mal, sôbre o organismo se deve agir. Os conselhos mais afetuosos, os tratamentos mais assíduos, os exemplos mais edificantes resumem-se nisto. Mas, quem ousaria desejar que os mestres, maximé aquêles que se responsabilizam pela educação dos adolescentes, fôssem, a um só tempo, médicos? Que desconhece, por outro lado, a ação limitada que êles exercem?

● Lembremos, contudo, alguns preceitos gerais conhecidos de todos, mas cuja aplicação não pode ser muito severa. Um dos mais importantes é o que concerne à observação dos alunos durante as horas de trabalho. Certas atitudes, todos sabemos, levam à preguiça ou ao vício. A indiferença e a desordem são provocadas por hábitos fàcilmente corrigíveis. Certas crianças têm, por vêzes, necessidade de exercícios físicos violentos. Os jogos devem ser encorajados, porém, orientados pelo educador-médico. Certos castigos, mesmo alguns que ainda hoje são prescritos, devem ser abolidos, para que não surjam, no futuro, casos para os consultórios de psicanálise. Aos «mestres» é preciso ensinar: refletir antes de falar; refletir antes de agir, mostrando-se-lhes as conseqüências de atos inconsiderados e inconscientes. As inspirações más serão menos freqüentes quando as crianças e os adolescentes compreendem que a êles próprios deverão os sentimentos de amor e de justiça.

(Continua no próximo número)

Como assinar?



ÀS vêzes temos dúvidas quanto ao tratamento que devemos dar aos outros... No entanto, muita gente também duvida do tratamento que deve dar a si mesma. Cada uma de nós já deve ter tido seus momentos de indecisão diante de um talão de loja ou ao assinar uma carta para pessoa íntima, para saber se punha ou não o senhora ou senhorita diante da assinatura, ou da indicação para a entrega da encomenda. Há algumas regras convencionadas neste ponto, que devem ser conhecidas por tôdas, para evitar êsses momentos de dúvidas.

● A primeira norma é que nunca se usa o tratamento, diante de uma **assinatura.** Se você, leitora, se chama, suponhamos, Maria Silva, nunca assine Sta. Maria Silva ou Senhora Maria Silva. A assinatura dispensa o tratamento em qualquer hipótese, por mais estranha que seja a pessoa a quem se escreve uma carta ou bilhete. Assina-se apenas o nome e o sobrenome. Dirigindo-se a pessoas muito mais jovens ou a empregados, e se houver motivo para você acreditar que assinando Maria Silva, dará margem para que passem a tratá-la de Maria, com familiaridade, adote essa solução: assine apenas a inicial do primeiro nome, assim: M. Silva. Você se protegerá contra a intimidade não desejada.

● O uso do tratamento Senhora, supõe que se diga ou se escreva em seguida o sobrenome do marido e não o primeiro nome da pessoa a quem se dirige. Não é lógico e nem muito certo dizer-se «Sra. Maria Silva», mas, sim, «Senhora Silva». No entanto, o uso permite-o, entre nós. O mais correto será mesmo dar-se o nome inteiro do marido: Senhora João Silva — mesmo sendo a dita senhora viúva — desde que João Silva tenha sido seu último marido. Se ela tem um filho também João Silva, e uma nora, esta última será Senhora João Silva Júnior, enquanto a sogra viver.

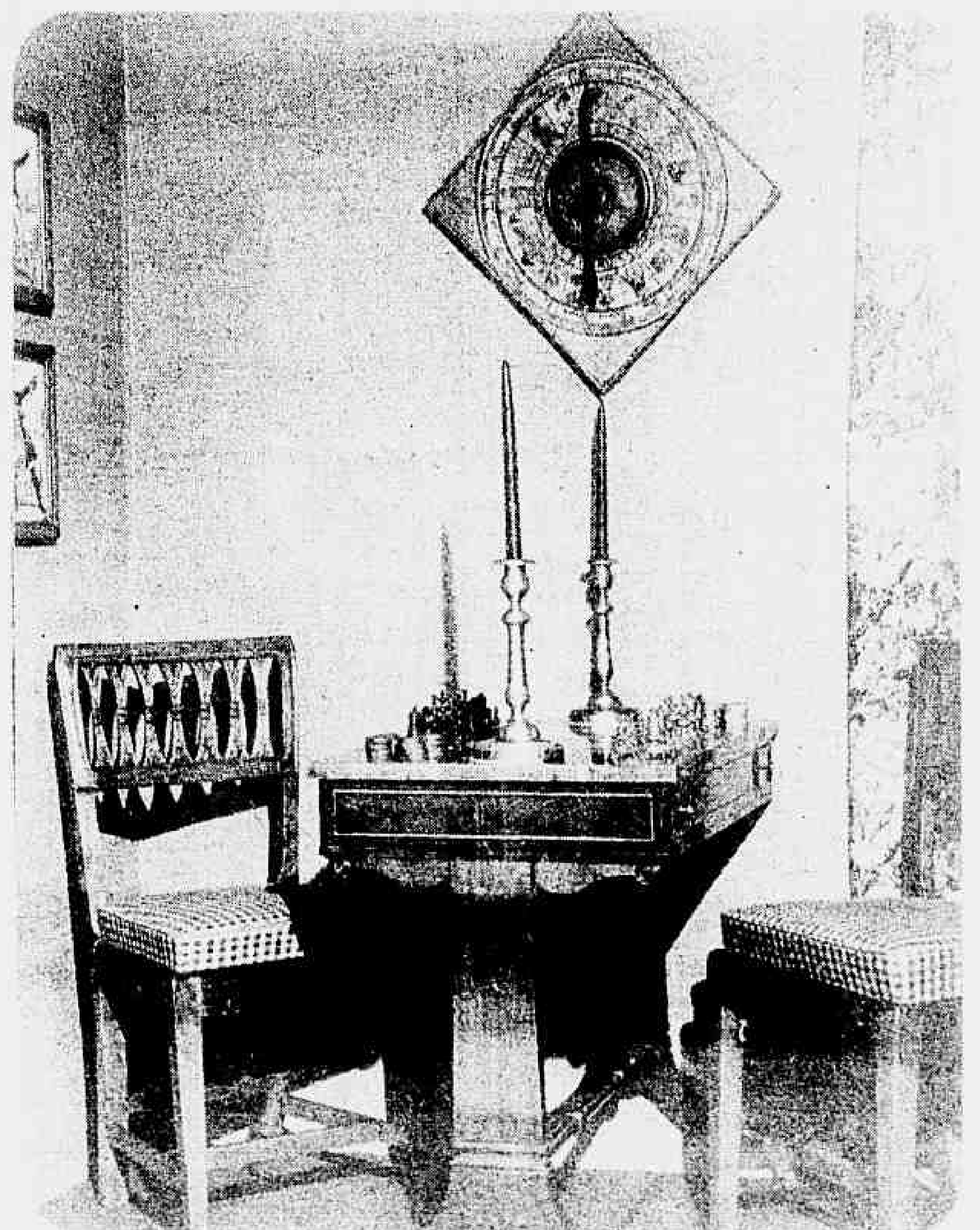
● Quanto aos talões das lojas deve-se preferìvelmente eliminar a assinatura e escrever: «Mandar à Sra. João Silva, rua tal, número tanto», ou «Mandar à Sta. Maria Silva, rua tal, número tanto». Notem bem, o nome aí não está como assinatura, e sim como indicação de enderêço, portanto, pode-se pôr o tratamento. Quando, ao assinar qualquer coisa, for mesmo necessário, por algum motivo ou para esclarecimento, que você deixe explicado o seu estado civil, então ponha, entre parêntesis, ou Sra. ou Sta., assim: Maria Silva (Sra.) ou Maria Silva (Sta.) Depois de ter lido estas explicações, você não terá mais vacilações ao assinar seu nome... Espero. — L.J.

★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★

SUGESTÕES PARA O LAR

NUMA casa existem, às vêzes, certos recantos inaproveitados, e que, no entanto, poderiam ter utilidade, tornando mais confortável o ambiente bastante reduzido de que dispomos atualmente para viver. Vejam êste ângulo de parede: uma mesinha, tipo consôlo, em acaju envernizado, com tampo de madeira trabalhada, formando um taboleiro de xadrez de um lado e do outro um taboleiro de gamão. De ambos os lados, gavetas para se guardar as peças dos jogos. A mesinha serve também de escrivaninha, sendo a sua altura apropriada para se escrever confortàvelmente. Se não tem muita atração pelos jogos a dois, como o xadrez, a dama e o gamão, pode fazer o tampo da mesa em mármore rosado ou esverdeado, que ficará muito bonito.

● Observem o estilo das cadeiras, com encostos esculpidos na madeira, e com almofadas no assento em tecido quadriculado. O bonito barômetro, na parede do fundo, com os signos do zodíaco, e as gravuras de soldados da Revolução Francesa, contribuem para criar «ambientes», muito de acôrdo, aliás, com o estilo das peças de mobiliário. Os candelabros sôbre a mesa são de cobre polido. Esta sugestão de hoje foi apresentada numa exposição realizada em Chicago, nos Estados Unidos, pela Coleman Enterprise Corp. NIKE.



UM POUCO DE BELEZA

DENTES BONITOS EMBELEZAM O SORRISO

É incrível e doloroso observar como muitas mulheres, jovens e bonitas, têm dentes feios. Algumas nem sequer se atrevem a usar uma das mais poderosas armas femininas — o sorriso — com mêdo de que se veja que lhe faltam dentes ou que êstes estão em mau estado! A verdade é que todos os cuidados que se têm com a beleza da pele, dos cabelos, dos olhos, são inúteis, quando se abre uma bôca com dentes ruins ou feios. Para se poder sorrir com naturalidade e até comer com despreocupação é preciso ter dentes apresentáveis. E isso não é sòmente questão de beleza! Até nossa saúde se ressente com uma dentadura imperfeita, pois esta nos impede de mastigar o suficiente para a boa digestão dos alimentos.

★ Felizmente, hoje em dia, tôdas nós podemos ter dentes em bom estado. O dentista já possui recursos modernos de anestesia, que transformam qualquer tratamento em algo bem suportável, ao contrário de antigamente. Também as dentaduras já são tão perfeitas e cômodos que seu uso vai-se generalizando. Nem tôdas as artistas do cinema ou do teatro possuem dentes naturais tão bonitos como os que mostram quando sorriem. Muitas têm, sim, uma dentadura magnífica, que devem a um bom protético. Por isso, sorriem tão sedutoramente. A verdade é que vale mais ter dentes postiços do que tê-los poucos ou quebrados. Porém, se você fôr sempre ao dentista e cuidar de seus dentes regularmente, pròvàvelmente nunca terá que chegar ao extremo da dentadura...

JÚLIA DE MILO



Um sorriso bonito só é possível quando se tem também dentes claros e bem formados, como os da encantadora «estrelinha» nova, Pat Hardy.



Mari Blanchard exibe suas pernas esculturais. Como elegante que é, mesmo em «deshabillé», envolve-as em meias, que vão até o alto da coxa.

USE MEIAS!

● No inverno é obrigatório o uso das meias, se se quer aparentar elegância. As meias dão mais distinção ao conjunto da tualete, valorizam o vestido e tornam muito mais bonitos os sapatos, principalmente se são fechados. De um modo geral, escolha uma côr mais clara, quase igual à da pele de sua perna, para de dia, e um pouco mais acentuada, para a noite. Evite tonalidades exóticas e baguetes demasiadamente originais.

COMO USAR PERFUMES

● Não tenho nada contra o uso de perfumes. Ao contrário, acho que são agradabilíssimos e acentuam a elegância, quando escolhidos de acôrdo com quem o usa e com o ambiente em que se apresenta. Em matéria de perfume, o principal é saber dosá-lo. Um pouquinho nos pulsos, junto à orelha e no colo, em geral é o suficiente. Por que nesses lugares? Porque aí o calor do corpo os faz volatilizar e rescender mais igualmente à sua volta. Para o trabalho e para dentro de casa, prefira uma água de colônia, que é mais suave. Deixe os perfumes fortes para as festas e o teatro.

★★★★★★★★★★ QUADRIS LARGOS? ★★★★★★★★★★

● Seus quadris não serão largos demais se tiverem apenas de 5 a 7 centímetros a mais do que a circunferência do busto. Se passarem disso, o melhor é fazer ginástica. Já demos alguns exercícios muito bons nessas colunas. Também são ótimos: andar de bicicleta ou pular corda. Pode recorrer, ainda, às massagens, com ou sem aplicação de iodo nas partes em que deseja eliminar maior quantidade de gordura.

A SAÚDE DO BEBÊ

REGIME A LEITE NO PRIMEIRO ANO

DR. SABOIA RIBEIRO

ESTRANHA-SE muita vez a atual conduta dos pediatras segundo a qual, no regime dos bebês, o leite ceda o lugar a outros alimentos, depois do 5º ou 6º mês. No passado era comum a prolongação do regime além do 6º mês, ficando a criança exclusivamente sob o regime de leite até, em geral, o fim do primeiro ano, sem outro alimento, dando-se não poucas bem como tal regime. Há um fator individual da criança que corrige muitas falhas do seu regime. Não admira, portanto, que em muitos casos o regime sòmente a leite, dê bons resultados, mesmo além dos seis primeiros meses e até um ano.

● Antes de mais nada, isso em parte depende da boa qualidade do leite. Pode-se dizer que, de modo geral, os leites em pó favorecem mais o êxito de tais regimes só a leite, exclusivamente, por muito tempo. E' que, em geral, muitos vêm acrescidos de vitaminas ou acrescidos com outros elementos, sobretudo sais minerais, que corrigem certas deficiências do leite comum. De mais a mais, não indo ao fogo, e portanto não lhes sendo destruídas as vitaminas (C sobretudo), as mamadeiras de leite em pó constituem melhor garantia do bom desenvolvimento e boas defesas da criança, de que aquelas são o viático por excelência.

Estabelecido o regime nessas bases, um bom modêlo é o que segue:

6º mês — 5 mamadeiras de 150 gramas (com 6 c. de chá bem cheias — mais 1 e meia de farinha e açúcar, se o leite é de vaca); 7º mês — 5 mamadeiras de 180 gramas de leite (guardar as proporções), de 200 gramas; 8º e 9º meses — 5 mamadeiras (idem, idem).

Mesmo assim, na hipótese de leite de vaca, o suprimento de vitaminas é sempre necessário, além do 3º mês.

● Não é tolerável, além do 9º mês, a falta de legumes no regime da criança.

Assim, aos 10, 11 e 12 meses, em lugar de uma refeição a leite, dar um purê e legumes, com uma gema de ôvo — bem fresco — duas vêzes por semana. Banana cosida e amassada. Também a manteiga não deve ser esquecida.

E assim, 2 vêzes ao dia, dos 10 aos 12 meses, uma papa de 200 gramas de leite adoçado e engrossado com farinha, mais uma colher de manteiga sem sal, das de sobremesa.

No desmame, aos 13 meses, faça o seguinte: às 8 horas, leite engrossado; às 13 horas, almôço — purê de legumes ou de batatas (250 grs.); compota de frutas, suco de frutas. Dia sim, dia não, no purê, 1 ôvo (que poderá ser duro e reduzido a fragmentos).

Vamos aproveitar a época dos morangos para preparar deliciosas sobremesas? Êles estão aí, nas feiras e nos caminhões, em cestinhas vermelhinhas esperando que você se anime a prová-los. Experimente a receita de hoje: pudim de gelatina, com o centro cheio de morangos. — **Tia Dulce.**

WEEK-END NA COZINHA



PUDIM DE GELATINA

● INGREDIENTES

1 envelope de gelatina sem sabor, ou com sabor de laranja
1 copo de leite quente
1 copo de suco de laranja
1/3 de xícara de geléia de laranja
1/4 de xícara de açúcar
2 ovos, separados
1 xícara de creme de leite.

● **MANEIRA DE FAZER**

1 — Dissolva a gelatina no copo de leite fervente. Junte o suco de laranja frio e misture bem.

2 — Numa vasilha à parte, misture o açúcar e as gemas. Bata bem, até ficarem esbranquiçadas. Junte a mistura de gelatina com o leite e o suco de laranja e esquente tudo em banho-maria, sem ferver, durante uns cinco minutos.

3 — Retire do fogo e deixe esfriar tudo uma meia hora. Misture o creme de leite e ponha na geladeira, para gelar. Assim que começar a endurecer, o que se dá, em geral, em três quartos de hora, tire da geladeira e bata uns cinco minutos.

4 — Ponha as claras, batidas em neve. Coloque tudo numa fôrma de pudim, ôca no centro. Deixe gelar mais de 2 horas.

5 — Na hora de servir tire o pudim da fôrma, tendo o cuidado de mergulhá-la antes numa tijela com água bem quente, para que o mesmo saia com facilidade. Encha o centro com morangos frescos e arrume-os também em volta. Terá uma sobremesa bonita e gostosa. Sirva com creme de leite batido, ou creme Chantilly.

MÔLHO DE VINHO

(Para peixe assado)

● INGREDIENTES

Rabo, cabeça e espinhas de um peixe (o que você estiver assando)
Vinho branco
1 fôlha de louro
2 cebolas picadinhas
Caldo de um limão pequeno
Sal e pimenta
1 (ou 2) colher, das de sopa, de manteiga.
1 colher, das de sopa, de maisena
2 gemas, bem batidas
1 xícara de palmitos, cozidos na manteiga, com caldo de limão.

● **MANEIRA DE FAZER**

1 — Ponha para ferver, dentro de uma panela com água, o rabo, a cabeça e as espinhas do peixe em questão. Junte 1 copo de vinho branco, o louro e as cebolas picadinhas.

2 — Quando, depois de fervido bastante tempo, o líquido tiver sido reduzido à metade, coe num guardanapo. Misture com vinho branco de boa qualidade, na proporção de metade do caldo para metade do vinho. Junte o caldo do limão, o sal e a pimenta. Separe metade para jogar em cima do peixe, já preparado para ir ao forno, durante os dez primeiros minutos. Depois disso, retire todo o caldo, acrescente 1 a 2 colheres de manteiga e outra de maisena, e aqueça em banho-maria, mexendo sempre, para não encaroçar.

3 — Adicione, finalmente, as duas gemas, batidas, e os palmitos, picados em pedacinhos muito pequenos. Torne a derramar êsse môlho em cima do peixe, uns 3 minutos antes de retirá-lo do forno.

CONSELHOS ÚTEIS

★ *Nunca limpe o seu fogão enquanto êle estiver ainda quente. Espere que esfrie. A mudança brusca de temperatura poderá rachar o esmaltado. Use água quente e sabão, para uma melhor limpeza.*

★ *Vai cozinhar batatas doces com a casca, e elas estão sujas de terra? Tenha para isso, na sua cozinha, uma escovinha de palha de aço ou de cobre. Tôda a terra e impurezas são assim fàcilmente removidas.*

★ *Para tirar o mau cheiro das garrafas de leite, lave-as com água fria e uma colher, das de sopa, de mostarda em pó. Se o cheiro persistir, deixe a mistura dentro da garrafa por algumas horas. Complete a limpeza com água e sabão.*

★ *Use um pano bem sêco para segurar a panela que vai tirar do fogo. O pano úmido faz com que se desprenda um vapor quente, que poderá queimar suas mãos.*



A contar do alto, da esquerda para a direita: as srtas. Elza Gama, Sônia Vasconcelos, Lelé Pimentel, Gyslene Fajardo, Arlene Carvalho, Alda Fontes, Gilda Maria Iennaco e Maria Aparecida Junqueira, que, com tanta graça e muita elegância, fizeram exibição de lindas criações.





Em cima: o prefeito de Leopoldina, sr. Newton Monteiro de Barros, na ocasião em que fazia o oferecimento do banquete em honra do governador Juscelino Kubitschek. Em baixo: o chefe do govêrno mineiro corta a fita simbólica, inaugurando a XVII Exposição de Leopoldina

OBTEVE GRANDE ÊXITO A XVII EXPOSIÇÃO DE LEOPOLDINA

PELA 17ª vez Leopoldina acaba de realizar a sua grande Exposição Agropecuária. De 27 de junho findo a 5 dêste mês, viveu a importante cidade da Zona da Mata mineira dias de intensa vibração, mostrando aos olhos de milhares de visitantes os índices mais apurados do seu progresso e da sua vitalidade econômica. A XVII Exposição, como aconteceu nos anos anteriores, assinalou absoluto êxito técnico e social. Inaugurada pelo governador Juscelino Kubitschek de Oliveira, a ela compareceram inúmeras personalidades do nosso mundo político, como os deputados Carlos Luz e Daniel de Carvalho, o vice-governador de Minas, sr. Clóvis Salgado, os parlamentares mineiros, srs. Luís Maranha, Edson Rezende e Ciro Maciel, do Secretário da Agricultura, sr. Juarez de Souza Carmo, e outros, e de numerosos elementos das nossas classes produtoras. A todos foi dado apreciar, nos variados pavilhões, os magníficos produtos expostos, entre os quais se destacavam os espécimes animais, representantes de afamadas raças leiteiras e de corte, que mais uma vez deixaram em evidência a importância já consagrada daquela região pastoril de Minas Gerais. A parte social da XVII Exposição estêve brilhante e movimentadíssima. Grandes festas no Club Leopoldina, várias partidas de foot-ball, entre as quais empolgou a cidade o encontro do glorioso E. C. Ribeiro Junqueira com o conjunto da Liga Estudantil, exibição de esplêndidos «shows», compostos de renomados artistas do rádio carioca e de elementos locais, e os maravilhosos desfiles de modas, promovidos pela Cia. Fiação e Tecidos Leopoldinense, apresentando, com o concurso de senhoritas da sociedade leopoldinense, lindos vestidos confeccionados com fazendas de algodão de sua exclusiva fabricação. Êsses desfiles constituíram, mesmo, um ponto de marcante relêvo nas festividades comemorativas da XVII Exposição, que foi, sem dúvida, um acontecimento de expressão econômica, cultural e artística.



Os desfiles de modas constituíram uma das maiores atrações da esplêndida parte social e artística que abrilhantou a XVII Exposição de Leopoldina

DE RÁDIO

GUARACY

MÁ RECOMPENSA

É lamentável, sob todos os pontos de vista, a atitude assumida pelos diretores da PRD-2, Rádio Cruzeiro do Sul, que vem de sofrer um incêndio, na sua nova fase de atividades. É que, mudando de nome — pois passou a chamar-se Metropolitana — e com radicais mudanças em suas programações, os seus diretores resolveram despedir os seus antigos empregados, sem qualquer indenização. Acontece que êstes mesmos empregados foram os responsáveis pelos sucessos da antiga Cruzeiro do Sul, e que, para conseguir êste objetivo, tiveram que trabalhar durante vários anos, sem medir sacrifícios de espécie alguma. Depois de conseguirem colocar essa emissora no nível em que se encontra, apesar de a mesma ter estado em melhores condições em outros tempos, não por culpa dos empregados, mas, sim, de seus diretores e proprietários, êstes mesmos diretores resolvem jogá-los na rua sem mais nem menos, como se fôssem empregados de ontem...

● Que os diretores da Rádio Metropolitana meditem um pouco e vejam o êrro em que vão incidir, obrigando os seus antigos empregados a reclamarem os seus direitos na Justiça do Trabalho, o que irá provocar um mal-estar entre os seus ouvintes, que neste momento já devem estar a par dos acontecimentos. Com isto quem vai perder é a Rádio Metropolitana, que verá seu prestígio diminuído junto aos ouvintes, além de cair no conceito da opinião pública em geral, pela injustiça que está cometendo com os seus colaboradores mais antigos. Também não queremos ir de encontro aos interêsses da emissora. Absolutamente! Se ela acha que não deve conservar mais êsses empregados, está no seu direito de despedi-los; mas o que não está certo é fazê-lo dessa maneira, isto é, sem nenhuma indenização. Nós, daqui de nossa coluna, fazemos um apêlo no sentido de que os diretores da Rádio Metropolitana paguem os seus empregados, porque êles só terão que ficar imensamente agradecidos à casa onde deram um pouco de seu trabalho e talento, ao mesmo tempo que ficarão contentes em ver que o tempo gasto ali não foi em vão, e estarão gratos aos diretores, que souberam reconhecer o seu trabalho. Feito isto, só teremos que agradecer do fundo do coração...



Sérgio de Oliveira, locutor da Nacional.

● Acaba de deixar a direção de "broadcasting" da PRG-3 Rádio Tupi, Paulo de Gramont, que se transferiu para São Paulo.

● Os artistas Zé Trindade, Germano, Hélio Guimarães e Irene Macedo, iniciaram uma excursão artística pelo interior do Estado de São Paulo.

● O produtor Moisés Weltman foi demitido da PRA-3 Rádio Clube do Brasil.

● Tânia Maria, que pertenceu ao "cast" da Rádio Nacional, foi contratada para atuar em diversos países do mundo, tendo estreado no dia 10 de julho em Roma, na "boite" "Open Gate".

● Fizeram anos no dia 29 de junho os artistas da Rádio Nacional, Garôto e Pedro Raimundo.

O produtor e animador Heber de Bôscoli, está acionando a Rádio Nacional, pelo uso do título "Hora do Pato", que é de sua autoria.

O PIANISTA, maestro e compositor Léo Peracchi foi convidado para lecionar na Academia Lourença Fernandez, na cadeira de harmonia e orquestração. Léo Peracchi aceitou bastante sensibilizado.

A RÁDIO GLOBO apresenta todos os sábados às 21,00 horas o programa "Artistas Novos do Brasil", que incentiva a renovação de valores para os nossos meios artísticos.

"BRASIL, TERRA QUE CANTA" é o programa que a Rádio Eldorado transmite tôdas as quartas-feiras às 20,30 horas.

O COMPOSITOR João da Baiana acaba de lançar mais duas composições: as "corimas" "Lamento de Oxum" e "Cosme e Damião", que foram gravadas pela fábrica Odeon.

CASAMENTO

(Cont. da pág. 19)

em vão; então, fingirei que a culpa do que aconteceu foi sòmente minha, e lamentarei o tempo perdido. O resumo de minha vida será: perdeu tempo, e depois lamentou o tempo que perdeu. E a mulher com quem me caso será um zero à esquerda. Ela está demorando; se não viesse! Seria um escândalo, mas valeria a pena: apagavam-se as luzes discretamente, a igreja ficaria vazia, os convidados sairiam evitando olhar-me, todos solidários com a minha vergonha; e eu taparia a bôca com a mão, para impedir que ouvissem meu grito de vitória. Seria a liberdade; nunca mais ter de revê-la!... Não, ainda não está na hora; ela chegará pontualmente, como sempre, sem me dar motivo de contrariedades. E quando partir, levará um marido; ou pensará que está levando. Ah, se ao menos eu a odiasse! Mas não, é essa indiferença gelada, como se fôra o sentimento de um morto... E desprêzo, também; é isso, indiferença e desprêzo. Talvez... mas não tenho necessidade de dar nome a meus sentimentos; são apenas meus, morrerão comigo, por isso não preciso etiquetá-los como se arrumasse numa vitrina. Uma vitrina de sentimentos... a minha seria lamentável. O que houvesse de amargo, de triste, de desesperado, lá estaria; os que passassem, desviariam os olhos, certamente. Ela, ela procuraria enfeitar a vitrina, com suas mãos desajeitadas, inábeis; imaginaria colocar junto os sentimentos dela, convencionais, bem feitos, agradáveis de olhar. Pensaria ajudar-me, mas no sub-consciente, ela pretenderia apenas pô-los em contraste, para realçar a beleza dos dela e a feiura dos meus. Seria tão próprio dela. Gostaria de saber se os outros a julgam como eu, o que pensam dela; mamãe, por exemplo. Mamãe que, agora a meu lado, é uma máscara sorridente e cujos olhos inquietos procuram sem cessar algo que tento esconder-lhe; o que pensará sôbre ela? Se eu lhe fizesse essa pergunta, responderia: Meu filho, é uma boa moça. Nada mais acrescentaria, pois mamãe não diz coisas inúteis: e tudo o que ela pudesse dizer agora seria inútil. Quê! Já a Marcha Nupcial! Então ela está chegando! Não quero olhá-la, pareceria que espero êste momento como uma grande felicidade; prefiro ficar como se nada ouvisse, nada visse, nada sentisse. Sim, ela deve vir bonita, atravessando a nave pelo braço do pai; mas eu não a olharei. Passarei os momentos que faltam sem nada pensar, tal como o mergulhador antes do salto mortal; minha piscina está vazia, êste será meu último salto. O salto final. Pronto; vem chegando, tôda branca e imaculada, bonita mesmo. E, no entanto, nela eu vejo meu fim.»

Lá fora, a animação, que diminuíra um pouco depois da chegada do noivo, atingia seu auge com a aproximação do carro que conduzia a noiva. Para os presentes, era aquêle o momento mais importante, que ninguém queria perder. Por fim, o automóvel encostou à calçada, e a noiva saltou, ajudada pelo pai. Era uma jovem atraente, que dissimulava seu ar de determinação sob um sorriso encantador e modesto. Atravessaram a ala formada pelo povo, ela com a timidez e simpatia que eram de esperar numa jovem noiva, e êle com a segurança que lhe dava a experiência anterior dos casamentos das duas filhas mais velhas.

— A noiva estava muito bem arranjada; vestido simples, mas de bom gôsto.

— Não gostei muito. Meio exótico.

— Que idéia! Tão bonitinho que era!

— Já é a terceira filha que êle casa. Tem uma dessas sortes...

— A mais moça também já está noiva.

— Durante algum tempo, pensei que...

«Pensei que êste dia nunca chegasse. Como eu o esperei, meu Deus, e como receei não vê-lo, nunca! Desejei-o durante tantos anos, que quase nem acredito que tenha chegado; o dia do meu casamento!... Do meu casamento triste, humilhante mesmo, e tão desesperado. As vêzes, me pergunto se não devia ter rompido êsse noivado, quando compreendi que êle estava farto de mim; talvez ainda me arrependa de não o ter feito, enquanto era tempo. Mas, perder um noivo a quem amava, e já tão perto do casamento... Sofri, ao compreender que seus sentimentos por mim tinham mudado; sofri, e quanto! Principalmente, por não entender o motivo da mudança; eu lhe queria tanto, não podia compreender que êle não retribuísse. Via que êle pensava noutras coisas, quando estava comigo, e inquietava-me com isso; senti ciúmes terríveis, até descobrir que não havia outra na vida dêle. Talvez fôsse melhor, se houvesse; assim, haveria algum motivo para êle deixar de me querer, para me enjoar daquela maneira. Então, eu teria lutado para reconquistá-lo, e talvez o conseguisse; mas assim... E' como se lutasse contra nada; e quem o poderia? Perdi minha parte de felicidade na vida; sei que nosso casamento será errado, porque não haverá sentimento nêle, nem ódio sequer. Apenas o vazio, o tédio entre dois estranhos — porque eu também já não o amo. O que sinto por êle é ùnicamente desejo de vingança; quero vingar-me dêle, e do futuro que êle nos preparou, ajudado pela minha covardia em recear a rutura do noivado. Minha vingança será fazê-lo feliz, o quanto possível; não lhe darei, nunca, o direito de queixar-se de mim. Quando êle se sentir só e tiver aquêle olhar perdido, vago, eu estarei ao lado dêle, atenta, dedicada — e indiferente. Êle saberá que não pode contar comigo, que não poderá desabafar-se com a estranha que eu serei; e nada poderá dizer, pois foi êle quem quis assim. E porque, aos olhos do mundo, eu serei a espôsa impecável, perfeita e incompreendida; quando me virem triste, dirão que o culpado é êle, que não merece a jóia que tem. Tudo diferente do que eu sonhei... Tudo destruído por causa dêle; ah, nunca lhe perdoarei o que fêz com minhas ilusões. Êle terá de pagar, sim. Não há...»

A voz do padre, dirigindo-lhe uma pergunta, interrompeu seu pensamento, trazendo-a de volta ao momento presente; respondeu «sim» e só então percebeu que nem sequer ouvira o que êle perguntara. Já não importava; alguém punha uma aliança em sua mão esquerda, e um beijo logo lhe transmitia a certeza do irremediável. O padre começou seu pequeno sermão: «Quando dois corações, que se amam e se compreendem...»

Êles não ouviram as palavras seguintes, tomados de irreverente vontade de rir, ante a ironia amarga de tudo aquilo. No riso reprimido, havia desespêro, dor e a terrível sensação do impossível acontecido.

Fora, a pequena multidão começava a espalhar-se, cada qual retornando à sua própria vida. Alguém murmurou:

— Foi um belo casamento.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua de Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» N .....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE ....

ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

O CASAMENTO

(Cont. da pág. 20)

da Rocha (no religioso) e Gerson (seu companheiro de equipe) e senhora (no civil). Alda de Almeida, a espôsa do futuroso Rubens, defensor do Fluminense, tem apenas 17 anos de idade. A cerimônia religiosa teve lugar no dia 27 de junho, na igreja de São Luís Gonzaga, em Madureira. Foram padrinhos, no religioso, Carlos Castilho e sua espôsa, e, no civil, o sr. Luís

RESPOSTAS DAS PÁGS. 24-25

PUXE PELO CÉREBRO

1 — Semelhante a Deus (do hebraico)
2 — Oitenta
3 — As mais velhas
4 — Em S. Paulo
5 — Minas Gerais
6 — Quem doou a Quinta da Boa Vista a D. João VI
7 — Existiram há mais de 100 anos (tração animal)
8 — Do Ceará à Bahia
9 — Pero Vaz de Caminha
10 — A dos Patos
11 — A de Todos os Santos
12 — 40 mil
13 — D. Maria I
14 — O Brasil (o mais alto teor em cloreto de sódio: 95 %)
15 — A Varig (Viação Aérea Rio Grande).

Quem disse isso?

1 — Campoamor
2 — Júlio Dantas
3 — João Guimarães
4 — Napoleão
5 — Ovídio.

QUER SER ESCRITOR?
Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Maranguape n.º 15 - 1.º — Lapa, para remessa do programa e bases do curso.

Carega e d. Idalina da Silva. Cecília Antunes é irmã de leite do seu marido, o «crack» Jair, do Fluminense. Brincaram juntos na meninice, namoraram, noivaram e se «amarraram», no dia 13 de junho, dia de Santo Antônio, na igreja de Nossa Senhora de Bonsucesso.

★

Foi enorme a freqüência a essas igrejas, por ocasião das cerimônias religiosas. Muita mocinha, desiludida, deixou rolar uma lágrima sentida, por ver seu ídolo contrair matrimônio, sem ao menos ter oportunidade de conhecê-lo pessoalmente. Mas, enfim, a vida é assim mesmo. Agora, é tocar para a frente e procurar obter vitórias para o clube, a fim de merecer «bichos» melhores e conseguir maior valorização dos seus pés (no caso de Castilho, das mãos), que valem verdadeiras fortunas.

A FORNARINA

(Cont. da pág. 23)

Por sua vez, o cardeal, que não cessava de esquadrinhar fixamente o rosto do pintor, acrescentou:

— Maria está se consumindo de amor. Temeria até pela sua saúde, se não soubesse que a alegria de unir-se a vós, aos pés do altar, lhe devolveria as energias. Como eu, todos que lhe queremos bem estamos preocupados; peço-vos levar-lhe o confôrto de vossa presença e de vosso compromisso. Ela consentiu em mudar de ares e está procurando renovar as fôrças na vila de Monte Mário, com a condição de que vós irieis vê-la.

— Compreendo as vossas preocupações. Porém, também a mim não faltam preocupações e trabalho. O próprio Santíssimo Padre pode confirmar, como êle não me deixa trégua. E os outros também... Pela primeira vez em minha vida sinto-me profundamente cansado. Quando me chegou a ordem para me apresentar a seus pés, Santíssimo Padre, estava decidindo repousar por algum tempo.

— Sabemos que o palácio que construístes está perfeitamente em ordem e em condições de hospedar vossa espôsa — exclamou Leão X.

— Sim, Santíssimo Padre, a casa está quase pronta, mas sempre invadida pelos discípulos que colaboram em meus trabalhos. Não poderia tomar, nesse momento, nenhuma decisão que mudasse o rumo de minha vida.

— Estas vossas desculpas contribuirão apenas para agravar a tristeza de minha sobrinha — declarou com acento amargurado o cardeal.

— Se a minha presunção não é exagerada, sua querida sobrinha poderá compreender que, antes dela ou de qualquer outra mulher, tenho que me dedicar à arte e a todos os que esperam a execução de meus trabalhos. A sobrinha de um cardeal, de um cardeal tão instruído e tão solícito pela arte, poderá dar o devido valor a estas razões.

★

— Vamos, então? — perguntou Margarida ao amante, apenas êle voltara.

— Com a ajuda de Baviera está tudo pronto... Mas que tens, Lelo? Uma outra preocupação?

— Nada de grave. Vamos nos refugiar no nosso pequeno ninho. Tenho direito, também, como todos os outros homens, a um pouco de serenidade, a um pouco de alegria, e sobretudo a um pouco de repouso! Ah! Aquêle Vaticano com suas salas solenes, com sua côrte luxuosa, com suas leis que querem destruir as mais sagradas, as mais íntimas liberdades! O Papa, os cardeais, os mecenas dispõem da vida de um artista, como um coronel comanda seus soldados, e gostariam de sufocar, também, tudo que se tem dentro dalma! E' demais! E' demais o que exigem de mim!

Margarida não sabia se alegrar-se ou preocupar-se com aquela rebelião. Tinha na alma e no coração o fantasma de Maria Bibbiena, mas não ousava pronunciar êsse nome.

— Margarida — disse Rafael, com uma entonação decidida, como a jovem nunca tinha ouvido — comecemos por sair alguns dias. Pensaremos como realizar abertamente uma união que até agora mantivemos secreta. Há tanto tempo que és minha mulher, a única a quem amo, a única que desejo a meu lado. Terás que ser também minha espôsa. Nada, e ninguém poderá dividir-nos, então.

— Que Deus te ouça!

★

— Serás a insuperável intérprete da Transfiguração — repetia o pintor a Margarida, prosseguindo com ardor a sua criação.

Margarida não respondia. Estava preocupada em dar vida à nova interpretação de Rafael e temia não corresponder ao que êle esperava.

Um criado do cardeal de Bibbiena chegou, e interrompeu aquela intimidade.

— Ilustre Mestre, o cardeal, meu senhor, pede-lhe que venha imediatamente à vila de Monte Mário. Não demore, porque poderá ser tarde demais.

— Tão longe, a esta hora! Mas, porque?

— A senhora Maria está muito mal. Pede para vê-lo uma última vez.

(Cont. na pág. 48)

DE CINEMA

NEWTON COUTO

BERNARD SHAW NO CINEMA

DEPOIS de levar outras obras de Bernard Shaw para a tela como «Pigmaleão», «César e Cleópatra», Gabriel Pascal acaba de transportar para o «écran» «Androcles e o Leão», outro famoso trabalho do falecido dramaturgo, entregando os principais papéis a Jean Simmons e Victor Mature. A história se desenrola em Roma nos tempos de César, que perseguia a todos os cristãos que não seguiam a sua crença, sacrificando-os na arena de um circo, ao jogá-los de encontro a animais selvagens, espetáculo que era presenciado pela multidão, que se divertia em ver a carnificina de homens, mulheres e crianças. Gabriel Pascal conseguiu reproduzir tôdas essas cenas com montagens deslumbrantes, transportando com fidelidade tôda a atmosfera criada por Bernard Shaw em sua obra. Aliás, Shaw só confiava suas obras literárias a Gabriel Pascal para serem adaptadas ao cinema, que o vinha fazendo há muitos anos com enorme êxito.



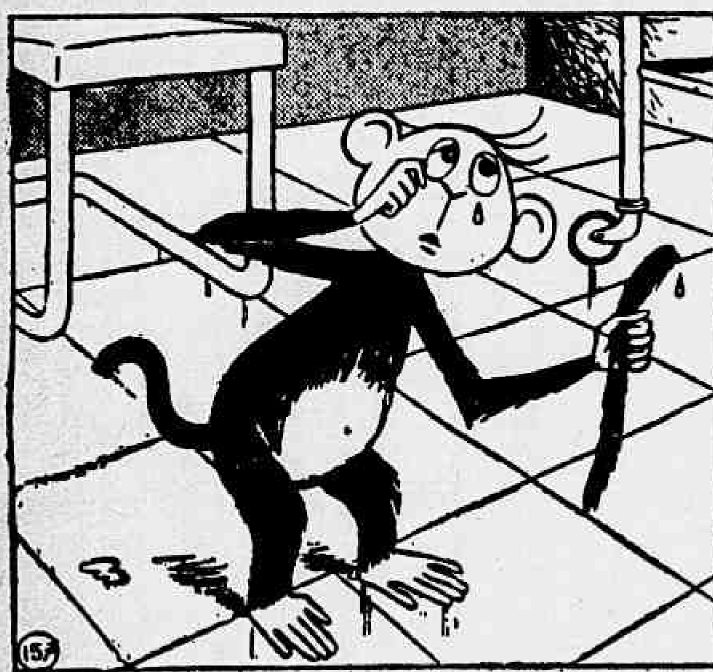
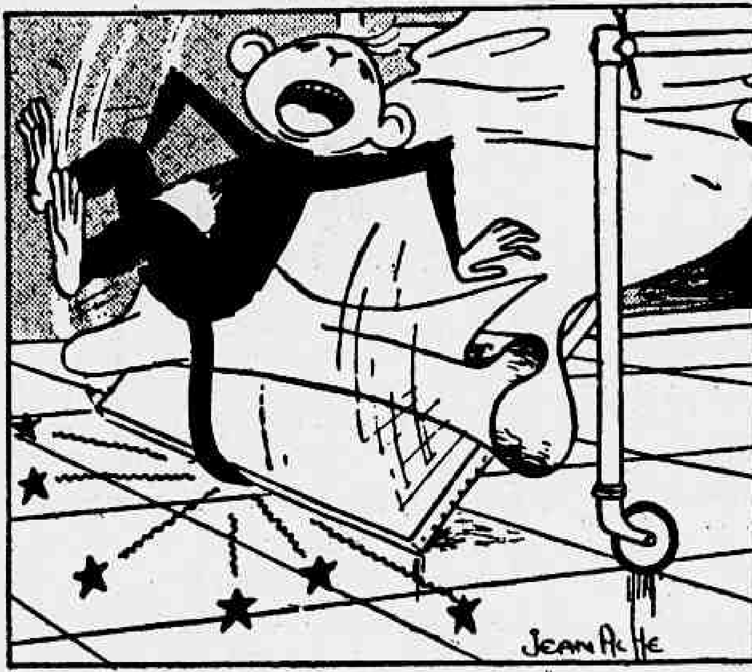
Victor Mature e Jean Simmons, tal qual aparecem numa cena de "Androcles e o Leão", produção de Gabriel Pascal, apresentação R K O.

PARA desempenhar o papel de Androcles contrataram o famoso astro da televisão norte-americana, Alan Young, compondo com Jean Simmons e Victor Mature o trio principal de «Androcles e o Leão», produzido por Gabriel Pascal e distribuído pela RKO Radio Pictures. Jean Simmons, que tem longo contrato com os estúdios da RKO Radio Pictures e aparecerá em «Bonita e Audaciosa» (She Had To Say Yes) e «Alma em Pânico» (Angel Face), respectivamente com Robert Mitchum como galã, já deu suficientes provas de seu talento, mostrando que sua entrada no cinema, não se resume apenas num lindo corpo e num rosto que faz inveja a muita mulher, pois apareceu com grande destaque em «Grandes Esperanças», aquêle belo filme de David Lean, em «Hamlet», sob a direção de Lawrence Olivier, onde fazia a Ofélia, desempenhando o seu personagem com grande sentido artístico. A espôsa de Stewart Granger deverá num curto espaço de tempo, alcançar uma posição entre as estrêlas de grande valor artístico e que constituem, realmente, os alicerces de uma indústria cinematográfica. Victor Mature já conseguiu fazer alguma coisa em cinema, apesar de últimamente vir sendo usado sómente o seu físico, desprezando-se os poucos predicados artísticos que possui. Mas se puxarmos um pouco pela memória, vamos nos lembrar de seus trabalhos em «Paixão dos Fortes» (My Dealing Clementine), sob a direção de John Ford, onde apresentou uma atuação muito sincera e compôs realmente um tipo, vivendo a figura de um médico alcoólatra e senhor de um drama intenso, e em «O Beijo da Morte» (Kiss Of Death), sem dúvida alguma, o seu melhor trabalho no cinema, pelo caráter interpretado e pela notável composição do tipo, muito bem estudado no argumento. Por êstes dois desepenhos pode ver-se, claramente, como Victor Mature está diferente dêsses que andam sendo usados por aí, como em «Sansão e Dalila», e outras calamidades cinematográficas...

GABRIEL Pascal entrou num terreno um pouco delicado do cinema, como são os temas que vivem em grande parte de situações históricas e que caem fàcilmente no ridículo, se não tiverem um tratamento cinematográfico adequado, sem contar na grandiosidade dos ambientes, na maioria das vêzes reproduzidos nos estúdios, como acontece com «Androcles e o Leão», e nas lutas intensas que transcorrem dentro dos mesmos, descambando fàcilmente para as emoções fáceis e muito em voga com diretores como Cecil B. De Mille, e outros. Acreditamos que isso não se dê com Gabriel Pascal, que tem demonstrado ser um diretor e produtor consciencioso e muito honesto para usar destas situações e que muito prejudicam o conteúdo artístico de um filme, apesar de favorecer na parte de bilheteria. Mas se unirem êstes dois o resultado será o mesmo, evitando-se o desastre estético que constituem essas obras de carregação... Para completar o elenco, Gabriel Pascal escolheu nomes do quilate de um Robert Newton, ator categorizado do cinema inglês, que valoriza qualquer «cast» pela sua extraordinária capacidade artística; Elsa Lanchester, espôsa do grande ator Charles Laughton, impressionante atriz e uma garantia para todo filme onde seu nome esteja ligado, pois significa mais um magnífico tipo criado no cinema; Alan Mowbray, esplêndido cômico do cinema americano, e Gene Lockhart, ator de impecáveis qualidades interpretativas e que pouco tem trabalhado últimamente.

Sensacional!
CR.$ 50 ALBUM RUBRO NEGRO
CR.$ 40 ALBUM DO CRACK
CR.$ 5 CRACK VIDA DO CRACK ADEMIR BIGUA' ZIZINHO CASTILHO SANTOS PINGA
Pedidos pelo Reembôlso Postal à Editôra Brasilidade Limitada. Rua da Quitanda nº 59-2º and. Rio de Janeiro — C. Postal 2733
À venda nas bancas de jornais

ARABELLE a última sereia

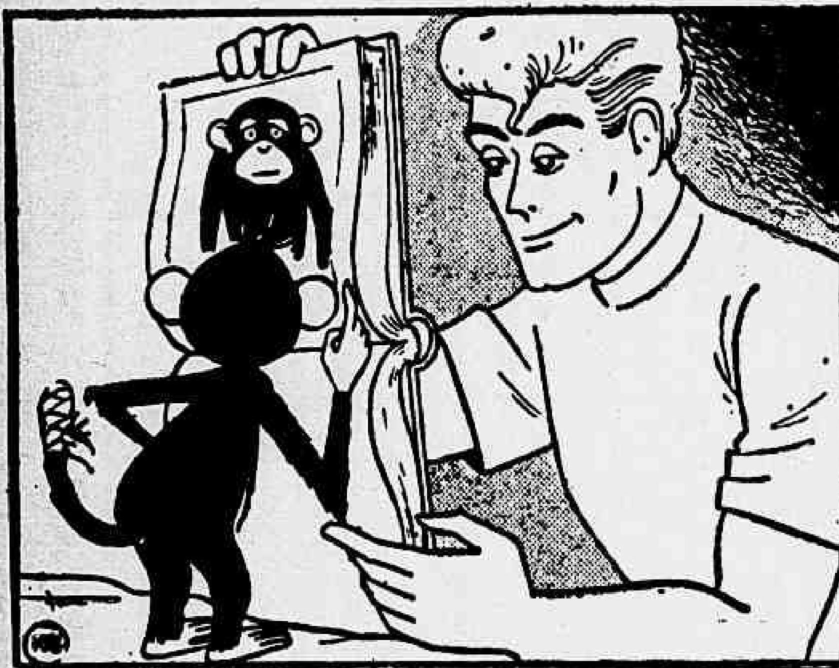



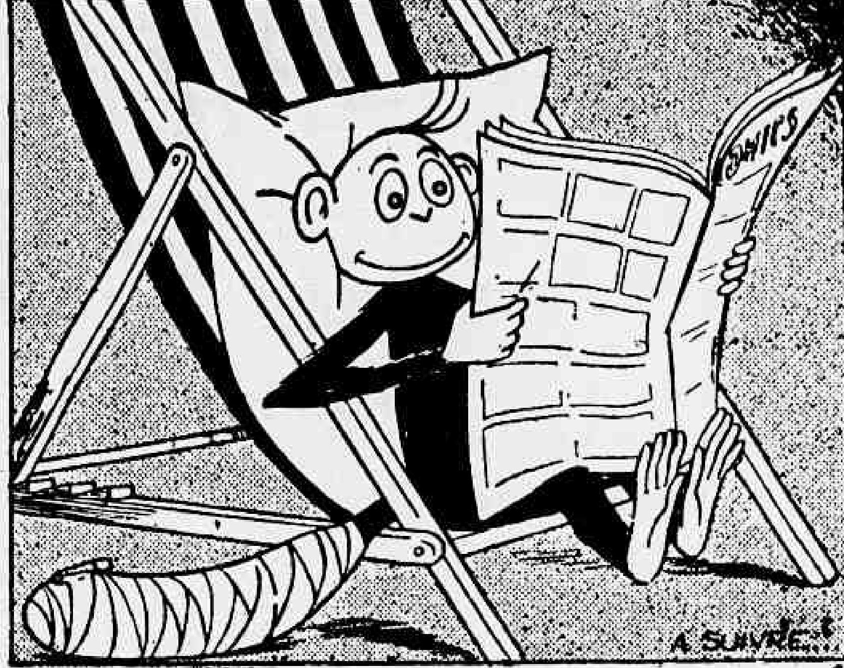


Ouvindo o barulho, Arabelle e John se precipitam ràpidamente para o local de onde vinham os gritos, e vão encontrar Kouki chorando, com um pedaço do rabo na mão

Tudo se explicou então. O macaquinho quis fazer de uma mesa rolante um balanço e a mesma, com um estrondo, foi além da medida e zás! Caiu uma extremidade sôbre a cauda.

Imediatamente é levado com todo o cuidado a uma sala de operação e John procura enxertar-lhe uma outra cauda. Kouki se debate com tremendo mêdo dos ferros que avista, e pede auxílio a Arabelle.





Para vê-lo animado, John lhe mostra um álbum contendo vários tipos de macacos, para que êle próprio escolha uma cauda. Kouki aponta a do número 1, sendo esta a do «rei dos macacos», dos estúdios NBB.

John telefona ao seu dono e eis o animal que vai sacrificar um pedaço de sua cauda em favor de Kouki, mediante certa sôma. E ambos esperam a hora do sacrifício.

Tudo corre muito bem. Kouki, depois da operação, ficou muito orgulhoso por ter na cauda um apêndice de tão glorioso, e foi descansar em uma preguiçadeira, divertindo com suas diabruras os clientes presentes.





Flor-Azul, avisado a tempo, corre à clínica e olha o que sucedera à cauda de Kouki; mas o anima, dizendo que irá breve exibir a mais elegante cauda do mundo.

E o tão esperado dia chega. Para festejar o grande sucesso, abrem champanha e Kouki tem permissão para beber suas taças Era um sucesso para a longa história da vida macacal.

Aproveitando o momento em que todos estavam reunidos, o jovem médico, que estava loucamente apaixonado, declara-se a Arabelle, pronunciando êstes idílicos têrmos: «Amo-a. Não posso viver sem você. Quer ser minha espôsa?»






Embora já o esperase, a jovem fica emocionada. Era a primeira vez em sua vida que sentia vontade de responder: — «sim»...

— «Não... eu sou apenas uma sereia, John. Não devo casar...» — «Não, Arabelle. Você é tão linda como as outras»

— «Engano John Se eu cantar... Já se esqueceu do que sucedeu ao «Atomic Circus», naquela ocasião? — E Arabelle mergulhou em tristeza.

Para tirar a prova disso, ela cantará. Se nada suceder de mal neste período, então ela aceitará sua tão esperada proposta. Êle, é claro, aceita contentíssimo.

História de VANIA LAUREZ

Desenhos de JEAN ACHE

PASSATEMPO

LIDERGRAMA Nº 64

A	Alienação mental	30	81	5	134	44	103	20
B	Cai água em gôtas da atmosfera	62	36	86	109	133	■	■
C	Abelha operária	130	106	3	18	60	80	33
D	Fujas do que pode ser nocivo	48	67	82	4	95	121	■
E	Deixando como legado	52	68	6	100	131	17	104
F	Ter; possuir	75	84	47	94	14	■	■
G	Olhinhos	76	83	54	8	113	26	■
H	Pegada, rasto, pista	70	16	129	7	55	21	117
I	Ligeiras, prontas, expeditas	69	120	1	88	32	24	50
J	Fazem mal; lesam; ferem	137	9	58	45	93	108	124
K	Delicado, amável	13	73	19	39	115	87	■
L	Que não foram punidos	11	71	53	92	61	79	38
M	Rezas	123	114	66	57	■	■	■
N	Sêres humanos	78	128	96	110	118	65	■
O	Prisioneiros escravizados pelos espartanos	135	99	40	91	12	111	■
P	Isolada	25	56	116	46	64	132	35
Q	Seduzida; atraída	101	77	34	119	15	136	63
R	Originária, procedente	23	107	42	59	126	97	31
S	Aspera; severa	49	27	105	72	90	122	43
T	Indiana	98	74	127	37	102	■	■
U	Peça de artilharia	89	51	28	112	22	10	■
V	Tonturas; vertigens	2	125	41	29	85	■	■

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa; depois se transportam para o quadro de baixo, as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

■	I 1	V 2	C 3	D 4	A 5	E 6	H 7	G 8	■	J 9	U 10	L 11
■	O 12	■	K 13	F 14	Q 15	H 16	E 17	C 18	■	K 19	A 20	H 21
U 22	R 23	■	I 24	P 25	G 26	S 27	U 28	V 29	A 30	R 31	I 32	C 33
■	Q 34	P 35	■	B 36	T 37	L 38	K 39	O 40	V 41	R 42	S 43	■
A 44	J 45	P 46	F 47	D 48	S 49	I 50	U 51	E 52	■	L 53	G 54	H 55
P 56	■	M 57	J 58	R 59	■	C 60	L 61	B 62	Q 63	P 64	N 65	M 66
D 67	E 68	I 69	■	H 70	L 71	S 72	K 73	T 74	F 75	G 76	■	Q 77
■	N 78	L 79	C 80	A 81	D 82	G 83	F 84	■	V 85	B 86	K 87	I 88
U 89	S 90	O 91	L 92	J 93	F 94	■	D 95	N 96	■	R 97	T 98	O 99
E 100	Q 101	T 102	A 103	■	E 104	S 105	■	C 106	R 107	J 108	B 109	N 110
O 111	■	U 112	G 113	M 114	K 115	P 116	H 117	N 118	Q 119	I 120	D 121	■
S 122	M 123	■	J 124	V 125	R 126	T 127	N 128	■	H 129	C 130	E 131	P 132
B 133	A 134	O 135	Q 136	J 137	■	■	■	■	■	Otaner · Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 63 — VASCO DE MELO — EMBRECHADAS — «Almada, a loureira vizinha de Lisboa, tem sempre um encanto a que só se escapa o paladar embotado do espectador alfacinha que nasceu a ver a outra banda e que, distraído, nela não atenta»



ÁGUAS DA PRATA

ESTADO DE SÃO PAULO

Telefones 41, 20 e 29 (Rêde interna)

GRANDE HOTEL PRATA

Avenida Vichy Nº 9

O mais bem montado da Estância — 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobilados, com telefone em todos os aposentos.

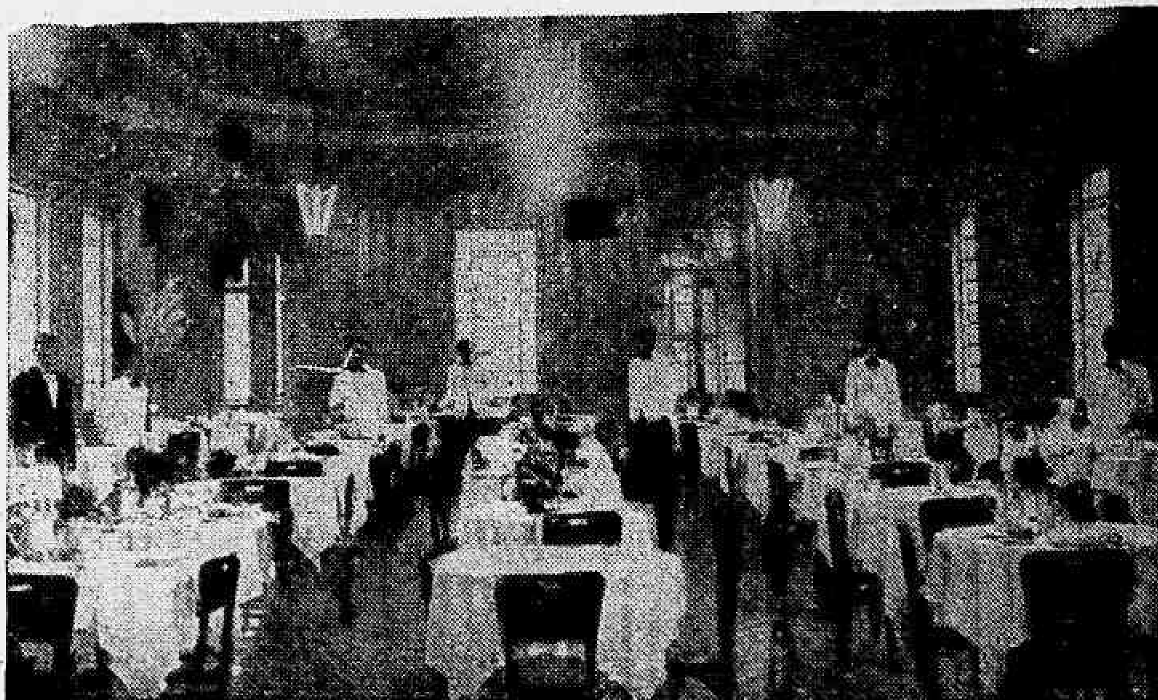


- SALÃO PARA CRIANÇAS
- SALÃO DE CHÁ
- SALÃO DE JOGOS
- SALÃO DE ESTAR E FESTAS
- CINEMA ÒTIMAMENTE INSTALADO
- BILHAR E «SNOOKER»
- BAR BEM INSTALADO
- BARBEARIA E MANICURE

RESERVAS PELAS EMPRÊSAS DE TURISMO, OU DIRETAMENTE PARA O HOTEL POR CARTA, TELEFONE OU TELEGRAMA.

★

Até 30 de dezembro: desconto de 20% sôbre os preços da tabela.



JOCKEY CLUB BRASILEIRO ★
LOTERIA FEDERAL DO BRASIL
2 de agosto
Sweepstake 53
20 MILHÕES

A FORNARINA

(Cont. da pág. 45)

— Rafael virou-se para Margarida. Esta, porém, antes que êle lhe perguntasse qualquer coisa, disse:

— Por favor, não faça esperar a enfêrma. — E foi, ela própria, buscar a capa do amante. — Vai, meu Rafael, cobre-te bem, porque fevereiro é o mês mais curto, mas, também, o mais traiçoeiro.

Quando ficou sòzinha e o rumor dos cavalos se perdeu ao longe, Margarida foi assaltada por arrepios de terror. Acreditou que, não sòmente em Monte Mário, mas ali, perto dela, estivesse a olhá-la sinistramente a morte que a graciosa Maria invocara, antes que perder Rafael.

Guiado pelo servo, Rafael chegara ràpidamente a Monte Mário. O cardeal e seus irmãos esperavam-no impacientemente.

— Rafael, chegais muito tarde — disse o primeiro.

— Tarde demais para fazer viver a «linda boneca» — acrescentou um dos irmãos, enxugando uma lágrima.

Introduziram-no num aposento imenso onde apenas uma luz velava junto a um leito. Pousou docemente a mão esquerda sôbre a mão fria de Maria. Esta respondeu com uma leve pressão, mas em vão se esforçou por dizer alguma coisa. Estava muito enfraquecida. A mãe e a irmã, ajoelhadas perto do leito da enfêrma, pediram aos homens que saíssem.

— Ela desejou desposar-vos no leito de morte — explicou o cardeal, acompanhando o pintor ao seu próprio aposento. — Mas achamos que uma tal emoção a faria sofrer mais ainda. Ela vos amava e consumiu-se de amor. Pobre «boneca linda»!

— Mas eu — exclamou Rafael — ainda que tivesse grande admiração pela senhora Maria, como por vós, nunca pensei em amá-la, e ninguém poderá me acusar de tê-la iludido.

— Sei que, ainda por cima, estais possuído por um demônio que se chama Margarida.

O pintor preferiu não responder a uma apóstrofe tão injusta e o nome de sua amada, pronunciada junto a um leito de morte, fêz gelar-lhe o sangue.

Uma outra das sobrinhas chegou gritando:

— Maria está morrendo! Maria está morrendo!

Rafael ficou a noite tôda naquela casa endolorida, sem contudo ter coragem de olhar a jovem que em vão invocara seu nome.

Voltou de madrugada e, à Margarida, que olhava para seu resto cansado, disse:

— Como dá pena ver ceifada uma vida ainda tão jovem! Compadeço-me da pobre Maria. Os culpados de sua ilusão são, porém, os seus, especialmente o cardeal! Agora ao menos me deixarão tranqüilo... Margarida, meu amor, seremos sempre um do outro.

★

Fazia um ano que Rafael trabalhava — ou melhor, se consumia — no grande quadro da «Transfiguração». Não tinha descanso. Abandonara tôda distração. Mesmo durante a noite assaltava-o a febre da criação: saía do leito, fazia com que acendessem grandes archotes e não se cansava de admirar e corrigir sua obra.

Não tinha apenas a febre da criação, mas uma febre que lhe dava arrepios, acessos de ira, momentos de depressão.

Um dia, em que mais do que de costume traía o seu cansaço, um criado do Vaticano chamou-o para apresentar-se diante de Leão X. O aposento pontifício era tão frio que o pintor, que chegara afobado da caminhada, batia os dentes e quase não podia dar as respostas que dêle esperava o Papa. Quando voltou à casa mal se sustinha de pé. Tremia em todo o corpo, parecia que lhe faltava a respiração.

Ajudada por Baviera, Margarida o pôs no leito e mandou chamar um dos discípulos do pintor, um velho hebreu, que exercia a profissão de médico. Êste examinou o doente detidamente e consultou um de seus irmãos, mas não fêz mais que ordenar uma sangria que extenuou mais ainda Rafael.

Malária, tísica, exaurimento geral? Um mal que ninguém conseguia diagnosticar devorava o divino pintor.

Margarida, ajoelhada aos pés de seu leito, chorava copiosamente. Seu amado não conseguia nem ao menos articular uma palavra, e apenas por tiradas procurava consolar a dor de sua adorada, acariciando-lhe os cabelos macios.

Na sexta-feira santa, o fim parecia iminente. O pintor disso se apercebeu e quis ditar suas disposições extremas. Justamente naquele momento, porém, chegou o cardeal de Bibbiena. Antes de cumprir seu dever de pastor, dirigiu-se à Margarida e, com voz dura, disse-lhe:

— Não posso dar a absolvição a Rafael se obstinardes a ficar a seu lado.

— Ah! eu o sei — murmurou Rafael. — Chegou o momento supremo de nossa separação. Adeus, Ita! Deixa-me agora só com Deus, diante do qual irei me apresentar.

(Cont. no próximo número)

SABÃO RUSSO
LABORATÓRIO INDUSTRIAL FUNDADO EM 1830
Super-higiênico e balsâmico, indispensável nos BANHOS, TOUCADOR E PARA A BARBA.
Contra ESPINHAS, PANOS, CRAVOS, SARDA, RUGAS, ERUPÇÃO DA PELE.

A seguir:

ELIZABETH I DE INGLATERRA

... «sensual, torpe, cruel, viveu em meio do sangue e da vingança. O amor curvou-a, porém, fazendo-a ajoelhar-se como uma mendiga»...



É perigoso não ler

NÓS TEMOS O LIVRO QUE V. PRECISA

8 - DICION. DE PROVÉRBIOS FRANCÊSES	15,00
9 - DICIONÁRIO DA MITOLOGIA	15,00
11 - AS CHAVES OCULTAS DO PODER	15,00
12 - COMO INTERPRETAR OS SONHOS	10,00
13 - COMO LER OS PENSAMENTOS	15,00
14 - COMO LER AS MÃOS	15,00
15 - HIPNOTISMO PRÁTICO	15,00
17 - MORTES CURIOSAS E ESTRANHAS	10,00
18 - COMO EVITAR A SOLIDÃO AMOROSA......	15,00
20 - SUGESTÕES PARA CARTAS DE AMOR	15,00
21 - CORRESPONDÊNCIA AMOROSA	15,00
22 - QUEBRA-CABEÇAS E PASSATEMPOS......	15,00
23 - COMO SE FAZER AMAR	15,00
24 - ITALIANO SEM MESTRE	12,00
25 - FRANCÊS SEM MESTRE	12,00
26 - ERROS DE PORTUGUÊS E S/ CORREÇÕES .	15,00
27 - FALA E ESCREVE CORRETAMENTE	15,00
30 - ALEMÃO SEM MESTRE....................	12,00
31 - ESPANHOL EM QUADRINHOS	12,00
32 - YES SIR - INGLÊS SEM MESTRE	12,00
34 - TESTES PARA SEUS CONHECIMENTOS	15,00
36 - MANUAL DO MOTORISTA..................	15,00
38 - INSTALAÇÕES ELÉTRICAS	60,00
39 - COMO TIRAR A SORTE PELAS CARTAS....	15,00
46 - ESPUMAS FLUTUANTES - Castro Alves....	10,00
4 - COSTUMES SEXUAIS ESTRANHOS	15,00
5 - GUIA ÍNTIMO DA SEXUALIDADE	15,00
6 - VIGOR SEXUAL	20,00
51 - REGRAS PARA JOGOS DE CARTAS	15,00
53 - DICIONÁRIO DE RIMAS	15,00
60 - HINOS DO EQUADOR - Castro Alves	10,00
61 - ELETRICIDADE DO AUTOMÓVEL	15,00
62 - FORMULÁRIO DE MECÂNICA	8,00
64 - GRAFOLOGIA PRÁTICA	15,00
66 - PROBLEMAS SEXUAIS DOS SOLTEIROS....	15,00
67 - ESTIMULANTES SEXUAIS..................	15,00
68 - O LIVRO DAS MÁGICAS	10,00
69 - TIRA-DÚVIDAS DE PORTUGUÊS	15,00
78 - TESTES DE INTELIGÊNCIA	10,00
80 - DICIONÁRIO DE CITAÇÕES - 1º volume	15,00
81 - CENAS DE AMOR (dos melhores romances) .	10,00
85 - A ARTE DE FAZER DOCES	15,00
86 - A COZINHA NORTISTA	10,00
87 - MÉTODOS PARA LIMITAR OS FILHOS	20,00
88 - DICIONÁRIO DE PROVÉRBIOS BRASILEIROS	15,00
90 - MODELOS DE CARTAS P/TODOS OS FINS..	15,00
91 - ESTUDOS SÔBRE O AMOR	15,00
92 - A CONQUISTA AMOROSA E SEXUAL	15,00
93 - A ARTE E A TÉCNICA DO BEIJO..........	15,00
94 - A SANTA CRUZ DE CARAVACA	15,00
96 - DATILOGRAFIA SEM MESTRE	15,00
121 - OS ESCRAVOS - Poesias de Castro Alves ...	10,00
122 - DISCURSO PARA TÔDAS AS OCASIÕES.....	15,00
123 - REGRAS E TÁTICAS DE XADREZ	15,00
124 - PARA CONQUISTAR AS MULHERES	20,00
125 - PRÁTICAS SEXUAIS NO MATRIMÔNIO	20,00
129 - JIU-JITSU SEM MESTRE..................	15,00
130 - SEXO E PSICANÁLISE	20,00
131 - SENSUALIDADE - 1º volume	20,00
132 - SENSUALIDADE - 2º volume	20,00
133 - SENSUALIDADE - 3º volume	20,00
135 - NATAÇÃO SEM MESTRE..................	15,00
136 - PARA CONQUISTAR OS HOMENS	20,00
138 - ENGUIÇOS DO AUTOMÓVEL	15,00
139 - ELIMINE S/COMPLEXO DE INFERIORID. ..	20,00
140 - A CARNE - Júlio Ribeiro.................	25,00
141 - APRENDA A DIRIGIR SÒZINHO	15,00
142 - A CACHOEIRA DE PAULO AFONSO-Poesia .	10,00
143 - MODELOS DE CARTAS COMERCIAIS.......	15,00
144 - DICIONÁRIO DE CITAÇÕES - 2º volume	15,00
145 - VENÇA A TIMIDEZ SEXUAL	20,00
146 - RÁDIO PARA PRINCIPIANTES	15,00
147 - MÉTODOS PARA HIPNOTIZAR	15,00
149 - REGRAS DE ETIQUETA SOCIAL	15,00
150 - CURIOSIDADES E EXTRAVAGÂNCIAS	15,00
151 - FATOS CURIOSOS E INACREDITÁVEIS	15,00
153 - FÓRMULAS PARA GANHAR DINHEIRO	15,00
154 - TROVAS E MODINHAS POPULARES	15,00
156 - ASSIM SE EMAGRECE COMENDO..........	15,00
157 - COCK-TAIL DE PALAVRAS CRUZADAS	10,00
158 - APRENDA A FAZER MÁGICAS	15,00
160 - ENFERMIDADES SEXUAIS	20,00
161 - CONQUISTE AMIZADES..................	15,00
162 - FORMULÁRIO DE CORRESPONDÊNCIA	15,00
163 - MODELOS DE CARTAS SENTIMENTAIS	15,00
164 - TESTES DE MASCULINIDADE	15,00

165 - DECLARAÇÕES DE AMOR	15,00
166 - A EDUCAÇÃO SEXUAL DOS FILHOS	20,00
168 - A ORTOGRAFIA CORRETA................	15,00
169 - ANEDOTAS	15,00
170 - APRENDA A DANÇAR (Sem Mestre)	15,00
171 - APRENDA A FAZER VERSOS.............	15,00
172 - TEORIA E PRÁTICA DO EXISTENCIALISMO	15,00
173 - REGRAS DO FUTEBOL DE MESA	15,00
174 - MANUAL DA VIDA SEXUAL	20,00
176 - CANÇÕES DO EXÍLIO (Casimiro de Abreu)..	10,00
177 - SUCESSOS MUSICAIS (Sambas e Valsas)	15,00
178 - GRANDES CORTESÃS - 1º volume	15,00
179 - QUO VADIS (Condensado)................	15,00
180 - NANÁ - Emile Zola	10,00
181 - O RETRATO DE DORIAN GRAY - O. Wilde..	15,00
187 - GUIA DE MASSAGENS NOS ESPORTES	15,00
188 - GUIA DO MECÂNICO DE AUTOMÓVEL.....	15,00
189 - DICIONÁRIO DE CITAÇÕES - 3º volume	15,00
190 - REGRAS OFICIAIS DO FUTEBOL	15,00
192 - 1001 INFORMAÇÕES ÚTEIS	15,00
193 - DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS	15,00
194 - O VERDADEIRO LIVRO DE S. CIPRIANO ...	15,00
195 - MADAME BOVARY - Gustave Flaubert	10,00
196 - DICIONÁRIO DE CITAÇÕES - 4º volume....	15,00
197 - HOROSCÓPIOS PARA TODOS..............	15,00
198 - AS CHAVES DE SALOMÃO	15,00
199 - HOMEOPATIA PARA TODOS	15,00
201 - O SONHO DE TOQUINHO - Col. Infantil.....	6,00
202 - O GATINHO PERDIDO - Coleção Infantil	6,00
204 - OS PINTINHOS CONVENCIDOS - Col. Infantil.	6,00
205 - ENFRENTANDO O PERIGO - Col. Infantil ..	6,00
206 - AS AMANTES DO IMPERADOR	10,00
207 - CRIME E CASTIGO - Dostoiewski	10,00
208 - A TABERNA - Emile Zola................	10,00
209 - A CONQUISTA DO DINHEIRO.............	15,00
210 - O HOMEM QUE RI - Vitor Hugo	10,00
211 - REGRAS E COMENT. DO BASQUETEBOL ..	15,00
212 - LEVANTAMENTO DE PÊSO...............	15,00
213 - O CASAMENTO E SUAS FORMALIDADES...	15,00
214 - TENHA SANGUE FRIO	15,00
215 - A BÊSTA HUMANA - Emile Zola	10,00
216 - MADEMOISELLE DE MAUPIN - T. Gautier ..	10,00
217 - GRANDES CORTESÃS - 2º vol. - H. de Kock .	10,00
218 - ANA KARENINA - Leon Tolstoi	10,00
219 - 500 TESTES DE PORTUGUÊS..............	15,00
220 - LIVRO DE BÔLSO PARA ENFERMEIROS ...	15,00
221 - PRATOS ECONÔMICOS E SABOROSOS......	10,00
222 - IRACEMA - José de Alencar..............	10,00
223 - O CONDE DE MONTE CRISTO - A. Dumas..	10,00
224 - UBIRAJARA - José de Alencar............	10,00
225 - DIVA - José de Alencar	10,00
226 - A VIUVINHA - 5 MINUTOS - J. de Alencar..	10,00
227 - A MORENINHA - Joaquim M de Macedo ...	10,00
228 - O MOÇO LOIRO - Joaquim M. de Macedo ...	10,00
229 - A DAMA DAS CAMÉLIAS - A. Dumas Filho .	10,00
230 - COMO SE FIZERAM AS GRANDES FORTUNAS	15,00
231 - CURSO ELEMENTAR DE RÁDIO	15,00
1 - O NU ATRAVÉS DA ARTE................	20,00
2 - TÉCNICA E PRÁTICA SEXUAL	20,00
3 - FELICIDADE SEXUAL NO CASAMENTO	15,00
232 - HISTÓRIA DE UM BEIJO - P. Escrich......	10,00
233 - FOTOGRAFIA PARA PRINCIPIANTES	15,00
234 - MANUAL DO FOTÓGRAFO AMADOR	15,00
235 - FOTOGRF. EM PERG. E RESPOSTAS......	15,00
236 - MÉTODO DE CORTE E COSTURA..........	15,00
237 - REDAÇÃO OFICIAL	15,00
238 - A PATA DA GAZELA - José de Alencar.....	10,00
239 - LUCÍOLA - José de Alencar	10,00
240 - ESCRAVA ISAURA - B. Guimarães.........	10,00
241 - SENHORA - José de Alencar..............	10,00
242 - DICIONÁRIO DE SINÔNIMOS..............	15,00
243 - AMÔRES DE UM MÉDICO - J. M. Macedo..	10,00
244 - TÉCNICA DE INJEÇÕES E CURATIVOS.....	15,00
245 - O JOGADOR - Dostoiewski	10,00
246 - APRENDA A FOTOGRAFAR	15,00
247 - 1001 INFORMAÇÕES ÚTEIS - 2º vol.	15,00
248 - ROMANCE DE UM MOÇO POBRE - Feuillet.	10,00
250 - MANON LESCAUT - Abade Prévost	10,00
251 - A MÃO DO FINADO - Alexandre Dumas.....	10,00
252 - A ILHA DO TESOURO - Stevenson..........	10,00
253 - AS LEIS TRABALHISTAS................	15,00
256 - O TRONCO DO IPÊ - José de Alencar.......	10,00
257 - MODELOS DE CARTAS - 2º volume	15,00
258 - RACHA-CÔCOS ou Quebra-Cabeça p/Sabidos .	15,00
259 - TRUQUES, QUEBRA-CABEÇAS C/NÚMEROS	15,00
260 - GUIA DO CRAQUE......................	15,00
266 - MORRO DOS VENTOS UIVANTES - Bronte ..	10.00

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES — Nº 250
Manon Lescaut — Nº 266
O CONDE DE MONTE CRISTO — Nº 223
A ILHA DO TESOURO — Nº 252
CRIME E CASTIGO — Nº 207
A DAMA DAS CAMÉLIAS — Nº 229
Madame BOVARY — Nº 195
IRACEMA — Nº 222

CR$ 10,00 CADA

VENDAS:

RIO: Av. Rio Branco, 25 - Rua do Ouvidor, 150 -e- Rua México, 128-1ª Sobreloja
SÃO PAULO: Rua Conselheiro Crispiniano, 403
BELO HORIZONTE: Rua da Bahia, 884
RECIFE: Rua da Palma, (Edifício dos Comerciários - loja 6)
SALVADOR: Praça da Sé, 20 e 22
E TAMBÉM: em tôdas as "LOJAS BRASILEIRAS DE PREÇOS LIMITADOS" em todo o Brasil.
INTERIOR: Peça pelo REEMBÔLSO POSTAL, pelo talão abaixo, enviando o seu pedido para o Rio de Janeiro.

PEÇO ENVIAR PELO REEMBOLSO POSTAL, OS LIVROS CUJOS NÚMEROS INDICO ABAIXO:

....

....

....

....

(NÃO TEMOS CATÁLOGOS). NOS PEDIDOS ABAIXO DE CR$ 100,00 HÁ AUMENTO DE 10%

EDITORA GERTUM CARNEIRO S.A.
AV. RIO BRANCO, 25 — DEP. 7-B — RIO DE JANEIRO

NOME: ....

RUA: ....

LOCALIDADE: ....

ESTADO: ....

(NÃO MANDE DINHEIRO, NEM SELOS, NADA ADIANTADO)



ÁGUA PARA CORINTO A convite do prefeito municipal, dr. Osvaldo de Paula Pinto, visitou a cidade de Corinto, no dia 3 de julho de 1953, o governador de Minas Gerais, dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, acompanhado por sua comitiva, sendo entusiàsticamente recebido pelo povo da cidade.

Durante a sua visita, foi organizado um vasto programa de festas em sua homenagem. Após percorrer diversas obras em execução, entre as quais a Escola Elementar de Agronomia e a Casa do Imigrante, prestes a serem concluídas, foram solenemente inauguradas as instalações de abastecimento dágua, com a bênção pelo vigário da paróquia. O empreendimento veio atender a uma velha aspiração do povo corintiano, que, confiante, espera da administração atual um período de realizações e de progresso para sua terra.

Êste é um flagrante da bênção da Casa das Máquinas, vendo-se na foto o sr. governador e, à direita do sacerdote, o prefeito da cidade, dr. Osvaldo de Paula Pinto.

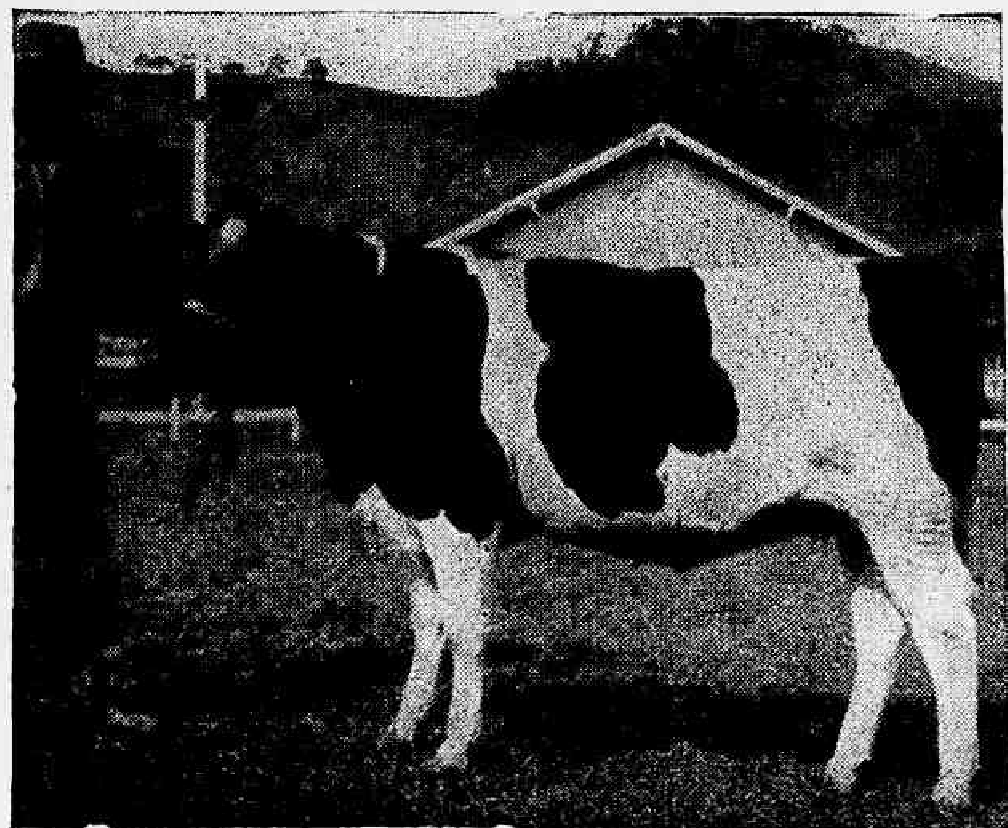
FAZENDA MATO DENTRO

de JOSÉ RIBEIRO DOS REIS

Vila Abaiba — E. F. L. — Minas Gerais



SCHAAP, 1º Prêmio e Reservada-Campeã da Raça Holandesa Prêto e Branco na XVII Exposição de Leopoldina. P. O. Importada da Holanda. 1.527 F 4 ABCBRH. Pai — Wodan 2. Mãe — Schaap 71.



MILIONIA-MARINGA 1º Prêmio e Campeã Júnior P. O. da Raça Holandesa Prêto e Branco na XVII Exposição de Leopoldina

DE TEATRO

J. TEIXEIRA

UMA FELIZ INICIATIVA

A temporada da Companhia Dramática Nacional no Teatro Municipal, tendo à frente a figura impressionante do escritor brasileiro Henrique Pongetti, coroou-se do mais completo êxito, porque obedeceu a um plano prèviamente planificado, sendo escolhidas peças que mereceram uma acolhida muito favorável por parte do público e da crítica, em virtude de possuírem um alto grau de interêsse e de valiosos predicados artísticos, apesar da primeira — «A Falecida», de Nelson Rodrigues — que teve a direção artística de José Maria Monteiro, provocar os comentários mais desencontrados, acusando uns a total falta de méritos, enquanto outros achavam algo de valor no trabalho do autor de «A Vida Como Ela é».

A segunda peça a ser encenada foi «A Raposa e as Uvas», de Henrique Pongetti, sob a direção artística de Bibi Ferreira, que foi louvada grandemente pela crítica, que não poupou elogios ao trabalho do consagrado escritor, e finalmente, a terceira e última peça de autoria do vereador e jornalista R. Magalhães Jr. — «A Canção Dentro do Pão», a quem todos foram unânimes em apontar como um grande trabalho do autor de «Imperador Galante», atuando como diretor artístico, o ator Sérgio Cardoso. Do elenco fazem parte elementos como Sérgio Cardoso, sem dúvida alguma, um dos maiores atores do teatro brasileiro; Sônia Oiticica, figura das mais expressivas do nosso teatro e cinema, que reapareceu no teatro depois de um longo afastamento; Nídia Lícia, espôsa de Sérgio Cardoso e também elemento de real valor do teatro nacional; Renato Restier, ator de boas qualidades artísticas que milita no teatro e no cinema, com certo destaque, e outros.

DEPOIS dessa feliz temporada no Teatro Municipal, quer artística como financeira, a Companhia Dramática Nacional, que iniciou uma excursão artística por São Paulo, Minas Gerais, e outros Estados, pode se considerar vitoriosa na missão que se propôs executar, que é a de difundir através de uma companhia genuinamente brasileira, esplêndida iniciativa do Serviço Nacional de Teatro, além de dar oportunidade aos autores brasileiros que realmente possuem talento e ao mesmo tempo incentivar o aparecimento de outros valores, ou sejam: atores, diretores, cenógrafos e cenotécnicos, cumprindo, desta maneira, a finalidade para que foi criado aquêle órgão do govêrno. A Companhia Dramática Nacional desejamos, portanto, outro grande sucesso nesta sua excursão artística, tão grande quanto o que se verificou aqui no Teatro Municipal, consolidando esta iniciativa que merece o apoio de todos os verdadeiros brasileiros.

★ ENCONTRA-SE em cartaz no Teatro de Madureira a revista de Geisa Bôscoli, «Banana não tem Caroço», que a companhia de revista de Zaquia Jorge está apresentando com Evilásio Marçal, Adolfo Arruda, Lélia Verbena, Maria Teresa, Wilma Maria e Nelson Barcelos, nos principais papéis.

★ O ATOR JAIME COSTA acaba de ser contratado pela companhia de revistas que a atriz Dercy Gonçalves vai dirigir, e que tem Joana D'Arc como estrêla, companhia esta que irá ocupar o Teatro João Caetano.

★ EM VIRTUDE de adoecer repentinamente, a atriz Carminha Brandão foi substituída por Leda Valle na peça «Viver é Fácil», que Eva e seus artistas estão apresentando no Teatro Serrador, com Rodolfo Arena, Afonso Stuart, Delorges Caminha, Almeirinda Silva, Armando Rosas e Fernando Tôrres.

★ A COMPANHIA de Jaime Costa está apresentando em reprise, a famosa peça de Gastão Barroso, «A Pensão de Dona Stela», que, assim, substituiu a peça do novo autor Jota Gama, «Papai é o Maior», que vinha tendo um grande sucesso no Teatro Glória.

★ «J'Y SUIS, J'Y RESTE», é a peça que se encontra em ensaios pelos «Artistas Unidos» e que sucederá a «Mulheres Feias», que está conseguindo um grande êxito no Teatro Copacabana.

★ O TEATRÓLOGO Freire Júnior foi nomeado membro da Comissão Artística e Cultural do Teatro Municipal.

Valéria Amar, atriz do teatro musicado, que se vem impondo na admiração do público, pelo seu invulgar talento.

★ «VIVA LA GRACIA» é a nova revista que a companhia espanhola «Romeria» acaba de estrear no Teatro Carlos Gomes.

★ *O ATOR DELORGES CAMINHA acaba de ser nomeado pelo prefeito do Distrito Federal para professor de arte de representar na Escola Martins Pena, substituindo o falecido Renato Viana. Por êste motivo, Delorges desligou-se do elenco de Eva e seus Artistas, sendo substituído pelo ator Jorge Dória.*

★ *EVA E SEUS ARTISTAS preparam-se para iniciar uma nova temporada em São Paulo e Pôrto Alegre. A estréia em São Paulo se dará no Teatro Santana, no dia 21 de agôsto, com a peça que começou sua temporada dêste ano no Teatro Serrador: "A milionária", de Bernard Shaw, em tradução de R. Magalhães Jr., apresentando a seguir outros sucessos, como "Larga meu homem", "Viver é fácil", "Freguês da madrugada", "A amiga da onça" e "Chiquinha Fubá". O mesmo repertório será mostrado em Pôrto Alegre, no Coliseu.*

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

OS MORTOS

★ Foi muito sentida a morte, ocorrida há dias, neste mês, do jornalista e escritor Bezerra de Freitas, uma das mais formosas expressões da inteligência e da cultura, em nossa terra. Deixa, Bezerra de Freitas, além da lembrança de sua vida de jornal, onde marcou admiràvelmente em todos os postos que ocupou, inclusive na famosa «Crítica», de Mário Rodrigues, na época mais árdua daquele jornal brilhantíssimo, do qual foi secretário, dando-lhe um timbre e um nível raramente atingidos pelos nossos diários, — deixa êle, também, alguns volumes de ensaios e estudos dos mais significativos de nossas letras, obras de direito e de crítica, entre as últimas, seu famoso prefácio ao conto de João do Rio, «O Bebé de Tarlatana», publicado certa vez em separata.

★ Um lacônico telegrama datado de Paris, onde ùltimamente residia, dá conta da morte de Rosemonde Gérard, viúva do poeta Edmond Rostand, mãe do poeta Maurice Rostand e do biologista Jean Rostand. Lembremos Rosemonde Gérard como a grande poetisa que ela foi e que, depois de casada, inteiramente votada à vida do lar e dos filhos, preferindo viver à sombra da imensa glória do poeta de «Cyrano de Bergerac», abandonou os versos. Dela conhecemos um lindo prefácio em versos aos contos de Perrault, numa edição muito rara que existe — ou existia — na Biblioteca Nacional, à qual enviamos os leitores curiosos de raridades.

FORA DO PRELO

● CONTOS PROVINCIANOS — Um volume com quatro contos de Maurício Caminha de Lacerda acaba de aparecer, demonstrando seguros dotes de ficcionista, neste estreante que aparece como um veterano da história curta. O livro é ilustrado por Dillon. O título poderia dar idéia de literatura regional, mas não é o caso. Maurício Caminha de Lacerda não é um agreste e suas histórias só são provincianas pelos personagens e ambientes, sem qualquer «parti-pris» de colorido regionalista. Um bom livro no gênero, de leitura fácil e deleitosa.

● VIDA DE UMA DAMA BRASILEIRA — Apaixonado dos assuntos históricos, João Lima apresenta êste evocativo estudo sôbre a vida de uma dama brasileira, falando-nos da vida de dona Maria Cândida Gonçalves de Sá que foi, como diz bem o autor, expressão mais viva da orientadora do lar. Não é comum a ocorrência de estudos assim, pois as virtudes femininas em geral são vistas quando projetadas na vida pública. Assim, tanto mais relevante êste perfil que bem diz das virtudes domésticas das brasileiras, através de um exemplar admirável que inspirou o historiógrafo.

UM AUTOR:

CARLOS DRUMOND DE ANDRADE

DEPOIS que o poeta de «Brejo das Almas», o conteur de «Contos do Aprendiz», o ensaísta de «Passeios na Ilha» houve por bem escrever, a pedido, sua autobiografia, com grande desconfiança pelos biógrafos, sentimo-nos inibidos diante dêle. Assim, para falar de Drummond, deixemos que êle próprio se manifeste. Eis o que chama sua autobiografia, sêca como o próprio autor, levemente humorada, porém, da qual extraímos o trecho confessional:

«Isto pôsto, declaro que nasci em Itabira, Minas Gerais, no ano de 1902, filho de pais burgueses que me criaram no temor de Deus. Ao sair do grupo escolar, tomei parte na guerra européia (pesa-me dizê-lo) ao lado dos almães. Quando o primeiro navio mercante brasileiro foi torpedeado, tive que ratificar a minha posição. A êsse tempo já conhecia os padres alemães do Verbo Divino (rápida passagem pelo Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte). Dois anos em Friburgo, com os jesuítas. Primeiro aluno da classe, é verdade que mais velho que a maioria dos colegas, comportava-me como um anjo, tinha saudades da família, e todos os outros bons sentimentos, mas expulsaram-me por «insubordinação mental». O bom reitor que me fulminou com essa sentença condenatória morreu, alguns anos depois, num desastre de bonde na Rua São Clemente. A saída brusca do colégio teve influência enorme no desenvolvimento dos meus estudos e de tôda a minha vida. Perdi a Fé. Perdi tempo. E sobretudo perdi a confiança na justiça dos que me julgavam. Mas ganhei vida e fiz alguns amigos inesquecíveis. Casado, fui lecionar geografia no interior. Voltei a Belo Horizonte, como redator de jornais oficiais e oficiosos. Mário Casassanta levou-me para a burocracia, de que tenho tirado o meu sustento. De repente a vida começou a impor-



se, a desafiar-me com seus pontos de interrogação, que se desmanchavam para dar lugar a outros. Eu liqüidava êsses outros, mas apareciam novos. Meu primeiro livro, «Alguma Poesia» (1930), traduz uma grande inexperiência do sofrimento e uma deleitação ingênua com o próprio indivíduo. Já em «Brejo das Almas» (1934), alguma coisa se compôs, se organizou; o individualismo será mais exacerbado, mas há também uma consciência crescente da sua precariedade e uma desaprovação tácita da conduta (ou falta de conduta) espiritual do autor. Penso ter resolvido as contradições elementares da minha poesia num terceiro volume, «Sentimento do Mundo» (1940). Só os elementares: meu progresso é lentíssimo, componho muito pouco, não me julgo substancialmente e permanentemente poeta. Entendo que poesia é negócio de grande responsabilidade, e não considero honesto rotular-se de poeta quem apenas verseje por dor-de-cotovelo, falta de dinheiro ou tomada de contato com as fôrças líricas do mundo, sem se entregar aos trabalhos quotidianos e secretos da técnica, da leitura, da contemplação e mesmo da ação. Até os poetas se armam, e um poeta desarmado é, mesmo, um ser à mercê de inspirações fáceis, dócil às modas e compromissos. Infelizmente se exige pouco do nosso poeta; menos do que se reclama ao pintor, ao músico, ao romancista... Mas iríamos longe nesta conversa. Entro para a antologia, não sem registrar que sou o autor confesso de certo poema, insiginificante em si, mas que a partir de 1928 vem escandalizando meu tempo, e serve até hoje para dividir no Brasil as pessoas em duas categorias mentais:

No meio do caminho tinha uma [pedra
tinha uma pedra no meio do [caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma [pedra.
Nunca me esquecerei dêsse [acontecimento
na vida de minhas retinas tão [fatigadas.
Nunca me esquecerei de que no [meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do [caminho
no meio do caminho tinha uma [pedra.»

★

Um dos últimos livros de Carlos Drummond de Andrade apareceu nos Cadernos de Cultura, «Viola de Bôlso», volume de versos circunstanciais e muito expressivos da ternura do poeta, de sua capacidade afetiva. A autobiografia que aqui damos, principalmente por seu tom ideal, no gênero, pertence ao seu livro de crônicas — «Confissões de Minas». Incluiem-se ainda em sua bibliografia: «Sentimento do Mundo», «Rosa do Povo», dois volumes antológicos, selecionados pelo autor — «Poesias» e «Poesia Até Agora» — «A Mesa» (uma edição Hipocampo) e «Claro Enigma», seu último livro de versos.

UM LIVRO:

"Romance da Inconfidência"

QUANDO Afonso Arinos de Melo Franco escreveu o seu drama em versos, contando o idílio interrompido de Marília e Gonzaga, observou num prefácio que o engano dos historiadores, romancistas e poetas da Inconfidência era o de misturar a história da Conjuração com a dos amôres do poeta. Agora, ao aparecer êste admirável «Cancioneiro da Inconfidência», de Cecília Meireles (Livros de Portugal, Editôra), verificamos que havia parte da verdade naquela opinião do poeta: porque o que faltava a essas duas histórias entrosadas, ambas cheias de poesia, ambas românticas — era o gênio e a forma. Cecília Meireles, grande poeta do Brasil, tem êsse gênio e descobriu a forma exata, para tratar do assunto, dos assuntos, não apenas aquêles dois, o idílio e a conspiração, mas outros, muitos, que nos dão o ambiente, a época, os fatos de Vila-Rica, menores, porém não menos importantes, e os personagens complementares, conseguindo, em proporções de «romanceiro», uma epopéia da Inconfidência, em que participam todos os acontecimentos correlatos, perfeitamente situados e admiràvelmente tratados pelo seu gênio poético. O que é principalmente de notar-se nesta obra-prima de «story poem» é seu espírito de seleção de fatos e figuras, pela importância, relativamente ao sentido da obra, pela substância dêles, em relação ao tema Inconfidência. Depois, a «trouvailles» da forma em que foram vasados êsses vários capítulos, a forma de delicioso sabor arcaico do «romance». Um assunto tão impregnado de ancianidade não caberia em formas novas de versejar: essas formas novas iriam comprometer o assunto, tirando-lhe o sabor de passado, de época, sua principal condição. Era necessária, exatamente, a forma arcaica, de espírito arcaico, embora com estrutura moderna, como está nesta descoberta de Cecília Meireles: é a forma específica par o seu assunto. Embora, como notamos, ela tenha variado a estrutura, o lineamento, seus «romances», por isso que de espírito arcaico, conservam uma inteira unidade com o conteúdo do poema.

● Depois, «Romanceiro da Inconfidência» nos impressiona pela riqueza de seus episódios. Riqueza substancial, não mera abundância decorativa: Cecília selecionou aqui todos os acontecimentos e personagens indispensáveis, por tal forma, que a falta de um só dêstes «romances» quebraria a unidade do livro, quer na ação dramática, quer no ambiente e na movimentação da história. Ela se guiou não apenas pelo profundo conhecimento da história da Inconfidência, mas, principalmente pelo seu dom poético: não fêz pròpriamente crítica histórica, nesta seleção de material, mas o gênio poético a orientou no sentido de uma perfeita unidade interna, como a forma do «romanceiro» lhe guiara na unidade exterior. Quando o prosador ou o poeta aborda o tema da Inconfidência, o que mais lhe preocupa é a cronologia, a certeza das datas. Depois, o contraste entre colonos e reinóis. Êsses elementos, que só condizem com o histórico, imediatamente lesam tanto o romance como o poema. Essa ambientação diretamente apoiada nos dados frios da crônica vai traindo o ficcionista e o poeta. Cecília fugiu, com perfeito dom divinatório, dessas tremendas emboscadas. Ela faz a ambientação indireta, procurando a notação lírica dos acontecimentos, ainda os que poderiam parecer mais exteriores à poesia da Inconfidência. Assim, consegue muito mais verdade poética, conquista maior realidade lírico-dramática no seu belo e emocionante «romanceiro». Êste novo livro de nossa grande poetisa, único no gênero, permanecerá como uma das maiores e mais significativas obras da poesia brasileira, em todos os tempos.

A Festa da Coroação no Brasil

Fotos de ARNALDO VIEIRA



Aspecto noturno de deslumbrante efeito, do edifício onde está a Embaixada Britânica, na rua S. Clemente, em Botafogo, quando da recepção que o «Commonwealth» ofereceu ao nosso aristocrático mundo oficial, social e internacional, em honra à Rainha Elizabeth II, no Dia da Coroação.

O 2 DE JUNHO NO RIO ★ REUNIDOS NA EMBAIXADA BRITÂNICA, COMO ANFITRIÕES, OS REPRESENTANTES DA COMMONWEALTH ★ ELIZABETH II HOMENAGEADA PELA SOCIEDADE BRASILEIRA ★ UM GRANDE BAILE DE GALA EM HOMENAGEM AO BRASIL ★ PRESENTES TÔDAS AS REPRESENTAÇÕES DIPLOMÁTICAS ESTRANGEIRAS NO PAÍS.



O senhor H. S. Vahali, adido de imprensa da longínqua Índia, no baile da Coroação.

AS festividades decorrentes da coroação da Rainha Elizabeth II, da Inglaterra, não se limitaram aos países da Comunidade Britânica. Em tôdas as nações em que a Inglaterra mantém representação diplomática, foram promovidas recepções revestidas de muito brilhantismo e delicadeza social. No Rio, os representantes da Commonwealth abriram as portas do edifício da Embaixada Britânica e ofereceram à sociedade carioca, ao mundo oficial brasileiro, e às representações diplomáticas aqui acreditadas, uma festa que se caracterizou pelo mais encantador convívio e contagiante alegria. O embaixador de S. M. Britânica, Sir Geoffrey Horington Thompson e sua espôsa, lady Thompson, os anfitriões da festa, confirmaram o tradicional espírito de fidalguia do povo inglês, sóbrio e acolhedor. Logo à entrada do salão principal da embaixada, os embaixadores plenipotenciários do Canadá, Grã-Bretanha, India, União Sul-Africana, Austrália e Paquistão, iam recebendo os convidados, trocando-se os cumprimentos da cortesia e da amizade. O ambiente era de intensa e geral cordialidade, formando-se grupos a palestrar sob os mais variados assuntos, em todos os semblantes se refletindo o júbilo mais justo pelo grande acontecimento que proporcionara aquêle encontro de nações, promovida pelo diplomata que era o centro de tôdas as atenções. O mundo oficial brasileiro lá estêve e a alta sociedade carioca emprestou ao ambiente de festa, a mais brilhante contribuição nessa noite de gala e finura da embaixada britânica. Ao se iniciarem as danças, o aspecto da recepção aumentou de encantos. Em homenagem ao Brasil, o baile foi animado por danças nacionais. Os pares não resistiram



Da esquerda para a direita: senhoritas Cecilia Wedenthal, Helen Bradley, Leilah Castro e senhora H. C. Nayar, presentes às solenidades da Embaixada Britânica.

A FESTA DA COROAÇÃO



O embaixador do Haiti, senhor Pierre Rigaud, dançando com uma dama de nossa alta sociedade, durante o baile realizado na embaixada.



Uma mistura de nacionalidades fraternalmente unidas pelo auspicioso acontecimento, se diverte e dança o nosso já famoso «baião».

à fascinação de nossos ritmos alegres e até o Rajá de Mandi, que tem um espírito voltado para os mistérios das danças sagradas de seu país, mostrou que sabe interpretar coreogràficamente as nossas músicas populares e mostrou que sabe dançar o «baião». Ao som melodioso e estimulante de «Juàzeiro», os pares se enlaçavam e as músicas eram bisadas. Vimos ainda o Sr. Pierre Rigaud, embaixador do Haiti, rodopiando vertiginosamente com uma dama européia de alta linhagem, sob os compassos do «Tico-Tico no Fubá», como perito conhecedor de noso ritmo popular. A «Noite do Baile da Coroação», como ficou conhecida a magnífica recepção dos membros da Comunidade Britânica, na sede da embaixada britânica, em Botafogo, marcou uma vitória da diplomacia inglêsa e muito contribuiu para ainda mais consolidar a amizade que nos une àquele grande povo.



O embaixador do Japão e a senhora Shin Kimitsuka, prestigiaram a recepção da Comunidade Britânica, com suas presenças às festividades.



Senhor e senhora Ricardo Jaffet, D. Alzira do Amaral Peixoto e o senhor Coriolano de Góis, em expressivo flagrante de contentamento.



Senhoras Gratuliano Brito e Joel Roxo, e srs. Raimundo Brito, Joel Roxo e Gratuliano Brito. Ao centro, o sr. Café Filho, Presidente do Senado.



Da esquerda para a direita: O senhor Goffrey Thompson, embaixador da Inglaterra no Brasil, sua espôsa e D. Darcy Sarmanho Vargas.

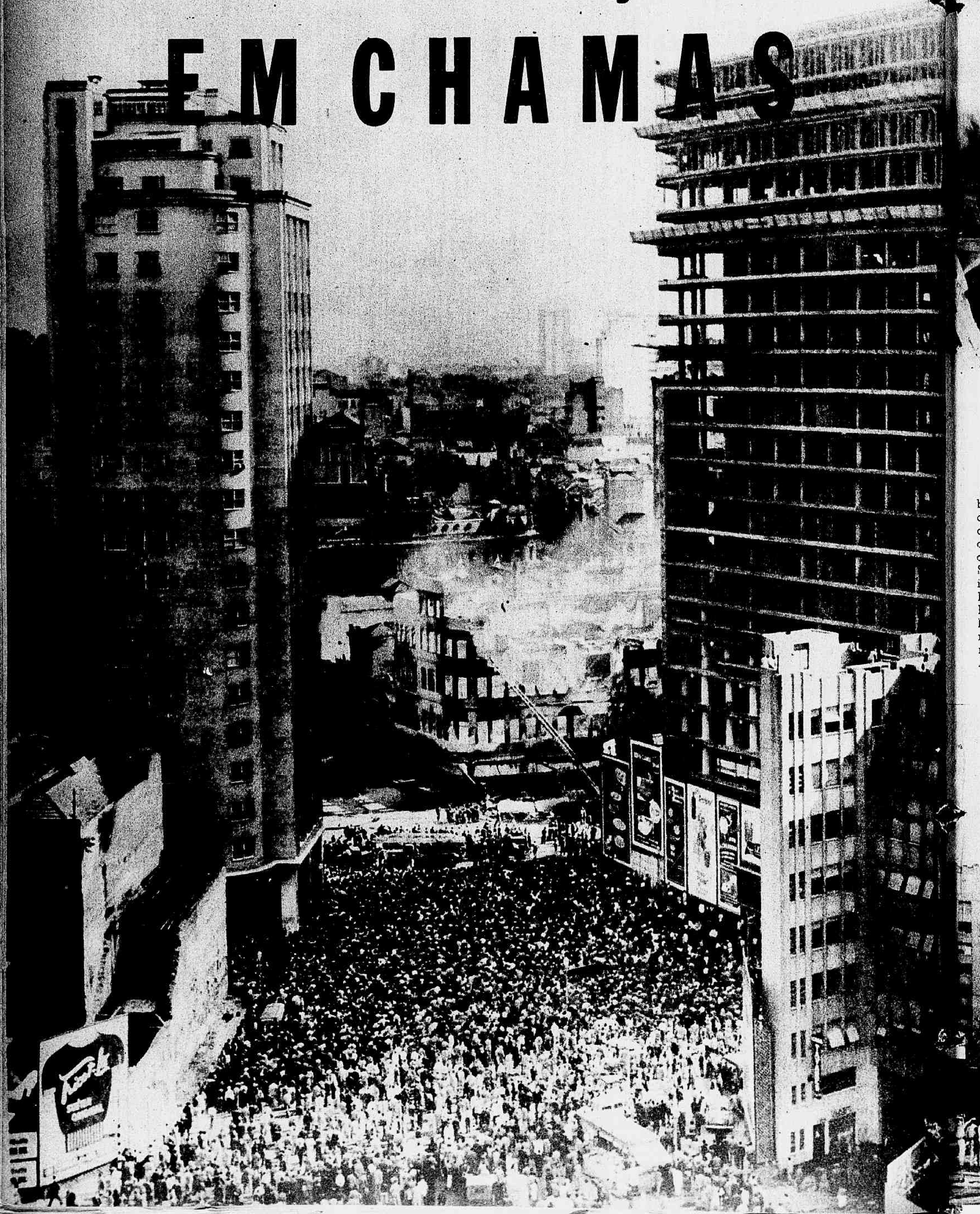
A senhora Pons, o adido militar espanhol e a senhora Amaral Castilhos, da presidência da República, alegram a aristocrática festa.

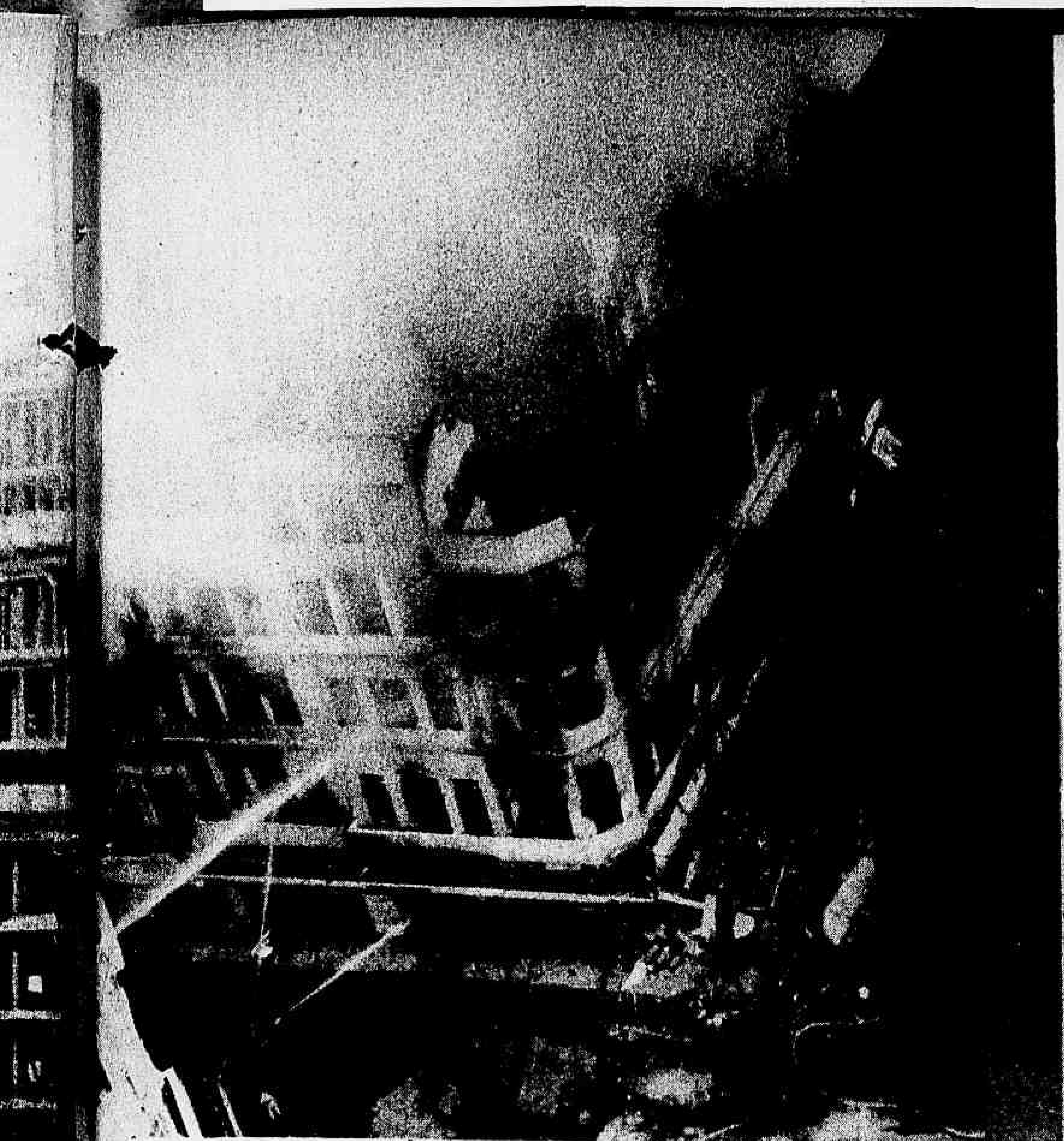


O rajá de Mandi, da Índia, cumprimenta com cordial apêrto de mão, o senhor Peregrino Júnior, intelectual e membro de nossa Academia.



"A EXPOSIÇÃO" EM CHAMAS





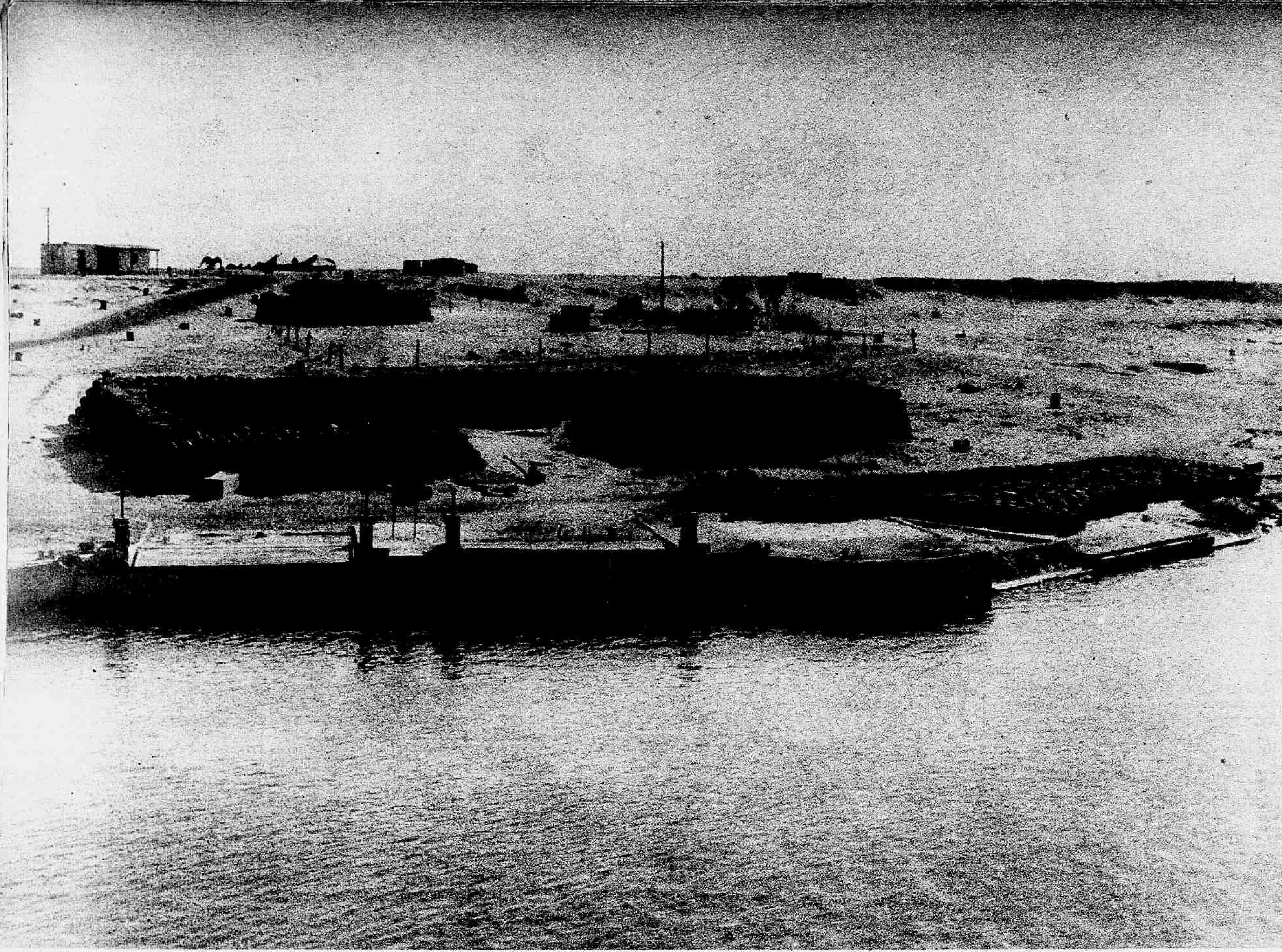


Fotos de ALEXANDRE MIRANDA e JAMILO RAGE

NÃO foi o maior incêndio da história do Rio. Mas pode-se classificar como um dos três maiores, o que acaba de devorar o grande estabelecimento comercial «A Exposição Avenida». As causas do incêndio ainda não foram determinadas pela perícia, tudo parecendo tratar-se de curto circuito, ao serem ligadas as luzes das vitrinas, na manhã do dia 29 de julho. Todo o edifício, recentemente melhorado e aumentado de um andar, veio abaixo, restando apenas a fachada para a rua de São José. O sinistro abalou tôda a cidade e se estendeu pelo país inteiro, em face da popularidade da casa que iniciou em nossos hábitos o sistema «crediário», hoje usado por todo o comércio do Distrito Federal. A obra do fogo, apesar de todos os recursos técnicos de combate a incêndios, foi fulminante. Em poucas horas, todos os departàmentos da «Exposição» estavam inapelàvelmente dominados pelas chamas, ameaçando outros edifícios vizinhos, que ainda muito sofreram. As mangueirasi próprias, do serviço interno, não puderam ser postas em ação, em virtude da hora. Apenas três vigias estavam lá, e arriscaram a vida em seus postos, até que chegaram os bombeiros, causando nervosismo à massa popular que os via lá em cima, já sitiados pelas labaredas. Mais de dezoito milhões de cruzeiros de mercadorias foram reduzidas a cinzas, mas os diretores da firma nada perderão, uma vez que os seguros em trinta companhias dão para cobrir o prejuízo. Dois casos surgiram com êste incêndio: o aparelhamento do Corpo de Bombeiros e o prosseguimento da Av. Nilo Peçanha, com à qual teria a Prefeitura que demoli-lo, mais cedo ou mais tarde. Houve abaixo-assinado de dezenas de comerciantes solicitando ao prefeito a reconstrução do edifício no mesmo local; mas o chefe do executivo municipal não concordou, salvo se fôsse revogado o plano de urbanismo e remodelação do Rio. Nesta página vemos as fotos de várias fases do incêndio, através das quais podemos imaginar as proporções do grande sinistro, já agora em fase de liqüidação.



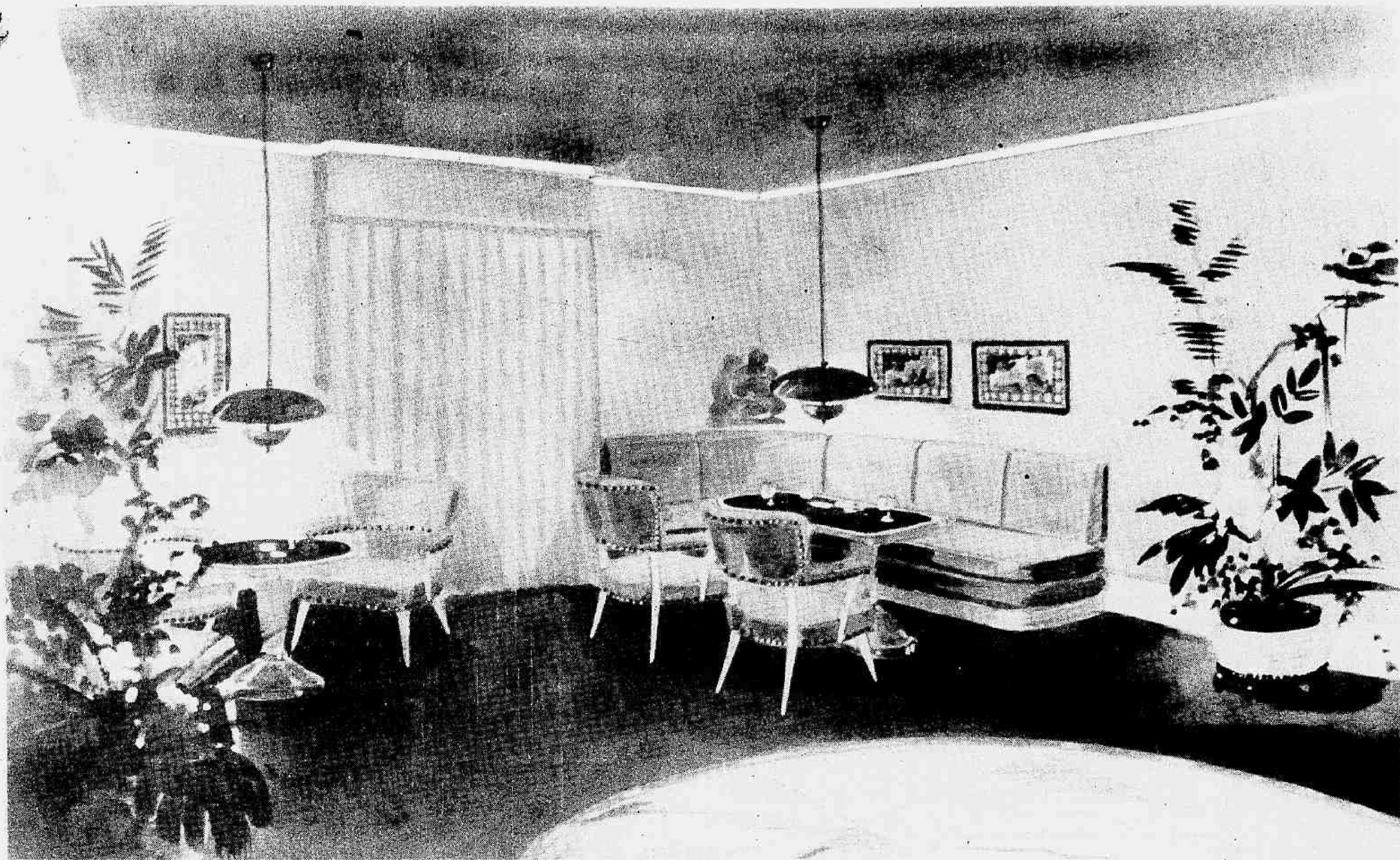




ESTA é a região de Ismália, no Canal de Suez, no Egito, onde se vê um alojamento militar inglês. A questão da posse do canal foi novamente agitada agora. E' êste o motivo da maior batalha diplomática entremeada de escaramuças entre egípcios e soldados inglêses. Como se nota pela fotografia, a região é completamente árida. O que se discute porém, ali é, como se diz em linguagem vulgar, o «ponto». A questão foi ùltimamente reaberta pelo Egito e, parece, pouco valeu a interferência do enviado norte-americano, que lá estêve recentemente, até porque, aceso o debate do Suez, maior é a unidade interna em tôrno do govêrno egípcio, que procura se consolidar. Todavia, tudo indica que, aliviada a situação na Coréia, o Govêrno do Egito aguardará melhor momento para uma ação mais forte.

ÚLTIMO FLASH

MÓVEIS, TAPÊTES E CORTINAS



Projeto da CASA NUNES



TAPÊTES E PASSADEIRAS DE FORRAÇÃO

em côres lisas e com flores

GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas —

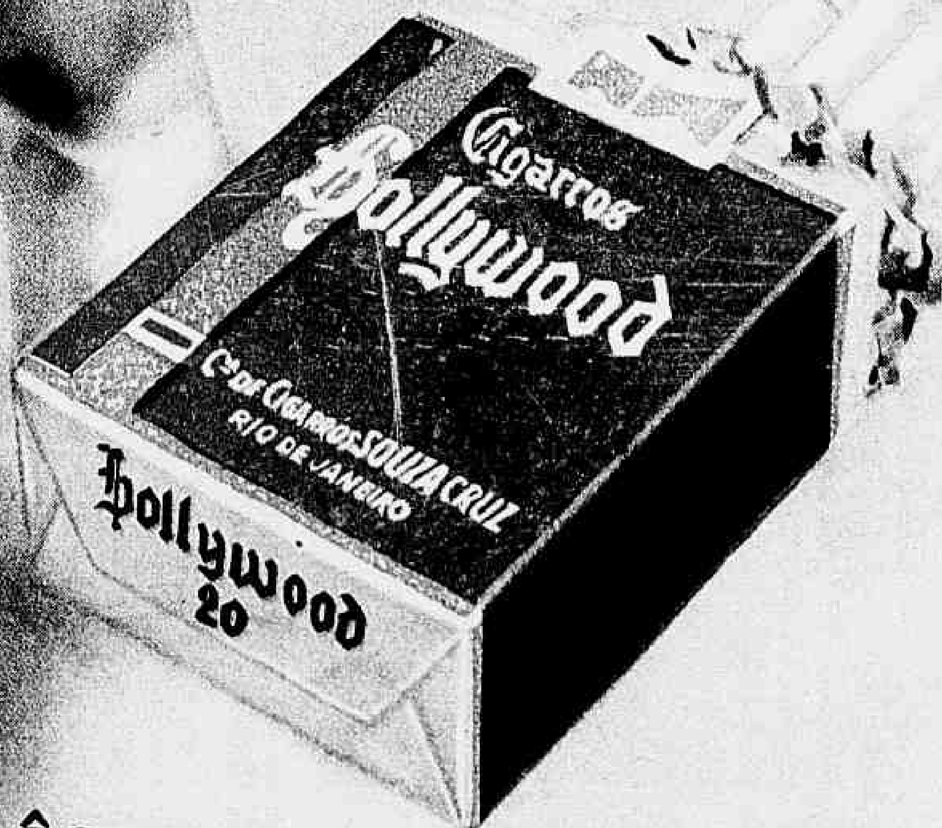
TAPÊTES FEITOS A MÃO

verdadeiras obras de arte

VENDAS A VISTA
E A PRAZO



Nada supera
o prazer
de fumar
Hollywood



CIGARROS
hollywood
UMA TRADIÇÃO DE BOM GÔSTO

H-88 210

UM PRODUTO SOUZA CRUZ